



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

HERLINE SOUSA DAS CHAGAS

**PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA NO MUNICÍPIO DE MARABÁ**

Marabá – Pará
2019

HERLINE SOUSA DAS CHAGAS

**PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA NO MUNICÍPIO DE MARABÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Lucélia Cardoso
Cavalcante Rabelo

Marabá – Pará
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

Chagas, Herline Sousa das

Processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no município de Marabá / Herline Sousa das Chagas ; orientadora, Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo. - Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2019.

1. Transtorno do espectro autista. 2. Educação especial. 3. Educação inclusiva. I. Rabelo, Lucélia Cardoso Cavalcante, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 371.9

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Eudes e Herádio, por me apoiar em todos os momentos e por me incentivar sempre.

Aos meus irmãos Herádio Junior e Heraldo, por me mostrar que eu sou capaz e por acreditar em mim.

Ao meu esposo Bruno Martins e ao príncipe da minha vida, meu filho Bruno Henrick.

Ao meu sobrinho Luiz Gustavo, e a todas crianças com Transtorno do Espectro Autista.

A todos que participaram dessa pesquisa e que contribuíram de alguma forma para finalização desse trabalho.

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradecer a Deus por ter me dado o dom da vida, e por me manter firme durante toda essa caminhada para chegar até aqui, agradecer por todas as vezes que pensei em desistir e Ele me deu força e perseverança para me manter firme na minha caminhada.

Agradeço aos meus pais por sempre lutar pela nossa educação e por me incentivar a nunca desistir, por me mostrar que a vida não seria fácil mais que eu sempre seria capaz de alcançar meus objetivos.

Agradeço ao meu esposo, amigo e companheiro por entender a minha ausência no lar, por me dar força e incentivar, por enxugar as lágrimas quando diante da dificuldade eu pensava não ser capaz, por me ajudar a conciliar as tarefas de casa com as da faculdade e o trabalho.

Aos amigos dos plantões noturnos do hospital por compreender o meu cansaço, por não me deixar fraquejar, pelo apoio que me davam no período do curso, quando sabiam que após o plantão eu iria enfrentar um dia exaustivo de aula na faculdade.

O meu trio de amigas sensacional que foi formado nessa longa jornada e que vou levar para o resto da vida, Marlúcia e Tassyane pessoas sensacionais que o curso me presenteou, Revana pessoa divertida que tive o prazer de conhecer antes do curso onde nossa amizade se fortaleceu, esse trio eu vou levar para vida inteira pois nossas diferenças só veio a nos completar e fortalecer nosso vínculo de amizade.

Agradeço a todos os integrantes da pesquisa pela colaboração durante todo o processo de pesquisa por disponibilizar o seu tempo.

Agradeço a todos que contribuíram diretamente e indiretamente para a conclusão do meu curso e realização desse trabalho, em especial a minha orientadora Lucélia Rabelo.

EPIGRAFE

Todo autista é uma estrelinha azul que nasceu para brilhar, nesse lindo planeta azul chamado Terra. Porém, compete a todos nós, mediarmos os saberes necessários ao seu desenvolvimento.

Simone Helen Drumond Ischkanian

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma análise de como tem se desenvolvido o processo de inclusão escolar envolvendo alunos com transtorno do espectro autista/TEA. Considerando que a realidade do processo de inclusão escolar deste público de alunos tem se desenvolvido com mais intensidade nos últimos anos é que se faz necessário analisar como se dá o processo de inclusão escolar de alunos com TEA em escolas públicas no contexto de Marabá. A caracterização e compreensão de como tem se instituído a prática pedagógica nas escolas. A presente pesquisa foi de cunho qualitativo utilizando como instrumentos metodológicos entrevistas semiestruturadas e observações em instituições de ensino públicas municipais: núcleo de educação infantil e escola de ensino fundamental. A pesquisa ocorreu no ano de 2018 com realização de sessões de observação, aplicação de questionários e entrevistas com profissionais das instituições. Participaram do estudo dois alunos com TEA, duas professoras de duas unidades de ensino. Com o estudo, analisou-se que a maior dificuldade no processo de inclusão dos alunos com TEA é a falta de formação dos professores, bem como a falta de estrutura física e materiais adequados. Portanto ainda falta muito para implantar de fato a inclusão dos alunos autistas no ensino comum.

Palavras chave: Transtorno do Espectro Autista, Educação Inclusiva, Educação Especial.

ABSTRACT

This research presents an analysis of how the process of school inclusion involving students with autism spectrum disorder / ASD has developed. Considering that the reality of the process of school inclusion of this public of students has developed more intensively in recent years, it is necessary to analyze how the process of school inclusion of students with ASD in public schools in the context of Marabá occurs. The characterization and understanding of how pedagogical practice has been instituted in schools. The present research was of qualitative character using as methodological instruments semi-structured interviews and observations municipal public education institutions: nucleus of infantile education and school of fundamental education. The research was conducted in the year 2018 with observation sessions, questionnaires and interviews with professionals from the institutions. Two students with ASD, two teachers from two teaching units participated in the study. With the study, it was analyzed that the greater difficulty in the process of inclusion of students with ASD and the lack of teacher training, as well as the lack of adequate physical structure and materials. Therefore, there is still a long way to implement the inclusion of autistic students in common education.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, Inclusive Education, Special Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: atividade realizada pelo aluno no dia 12-09	92
Figura 2: atividade realizada pelo auno no dia 13-09	93
Figura 3: atividade realizada pelo aluno no dia 17- 09	95
Figura 4: atividade realizada pelo auno no dia 17-09	95
Figura 5: atividade realizada pelo auno no dia 20-09	97
Figura 6: atividade realizada pelo aluno no dia 21-09	98
Figura 7: atividade realizada pelo aluno no dia 24-09	99
Figura 8: atividade realizada pelo aluno no dia 25-09	100
Figura 9: atividade realizada pelo aluno no dia 25-09	100
Figura 10: atividade realizada pelo aluno no dia 26-09	101
Figura 11: atividade realizada pelo aluno no dia 26-09	102
Figura 12: atividade realizada pelo aluno no dia 28-09	103
Figura 13: atividade realizada pelo aluno no dia 28-09	103
Figura 14: atividade realizada pelo aluno no dia 28-09	104
Figura 15: atividade realizada pelo aluno no dia 01-10	105
Figura 16: atividade realizada pelo aluno no dia 01-10	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista	31
Quadro 2: Etapas da pesquisa	42
Quadro 3 Participantes na pesquisa.....	46
Quadro 4: Sessões de observação e entrevista	50

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CENESP - Centro Nacional de Educação Especial

CNE – Conselho Nacional de Educação

SRM – Sala de Recursos Multifuncionais

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

INEP- Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa educacionais Anísio Teixeira

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

MEC – Ministério da Educação.

PA – Pará

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

TEA – Transtorno do Espectro Autista

UFPA – Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	14
I.	
1. POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: LEGISLAÇÕES E O PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	
1.1 Educação Especial e um breve percurso histórico	19
1.2. Pressupostos da política de educação inclusiva e o direito a educação: bases legais	22
1.3. Os alunos público alvo da educação especial: o caso do transtorno do espectro autista	27
II.	
2. ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A INCLUSÃO ESCOLAR	
2.1. Compreendendo o transtorno do espectro autista	32
2.2. Necessidades educacionais específicas dos alunos com TEA e seu processo de escolarização	37
2.2.1. Métodos de ensino para a escolarização de alunos autista	39
III.	
3. METODOLOGIA	
3.1 Pressupostos Metodológicos	42
3.2 Contexto da pesquisa	47
3.2.1 Locais do estudo	47
3.3 Participantes do estudo	50
3.4 Instrumento de pesquisa	52
3.5 Materiais e equipamentos	52
3.6 Procedimentos da pesquisa	53
IV.	
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	
a) Compreensões e reflexões sobre a política de inclusão escola	55
b) Práticas pedagógicas desenvolvida na escola Era Uma Vez e as demandas específicas do aluno Sergio.....	60
c) Práticas pedagógicas desenvolvida no N.E.I Criança Feliz e as demandas específicas do aluno Joao.....	63
d) Dificuldades enfrentadas pelas escolas no processo de escolarização de alunos com TEA	65
e) Potencialidades para o processo de inclusão escolar de alunos com TEA.....	67
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69

VI. REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE	75
ANEXOS	81

APRESENTAÇÃO

Minha trajetória acadêmica iniciou-se em 2013 com o ingresso na Universidade Federal do Pará- UFPA atualmente Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, no curso de licenciatura em pedagogia. A princípio o meu interesse era de entrar no curso para se especializar em pedagogia hospitalar, mas no primeiro semestre quando eu tive o primeiro contato com a educação infantil através da disciplina Ludicidade e Educação Estética, minha visão mudou e eu passei a amar a licenciatura.

Minha vida acadêmica não foi muito fácil, pois durante os anos de 2013 a 2015 eu tive que conciliar os plantões noturnos no hospital onde eu trabalhava como técnica de enfermagem e os dias puxados de aula na universidade, pelo fato do curso ser integral e intervalar eu tinha que fazer esse sacrifício pois não dava para ficar parada no período que não havia aula, e em meio aos “cochilos” durante as aulas e ao companheirismo dos meus amigos de trabalho e as amigas da universidade, em especial ao meu “trio”, eu fui me mantendo firme no curso.

No ano de 2014 no período de férias do curso me desdobrei para realizar um estágio não obrigatório o qual foi a pedra fundamental para a elaboração desse trabalho. Este estágio foi onde despertou meu interesse pela Educação Especial, onde surgiu um amor pelo Transtorno do Espectro Autista-TEA, estágio este realizado em um núcleo de educação infantil, onde me possibilitou acompanhar um aluno Autista em sala de aula do ensino comum no jardim I, mediante a realização desse estágio e as dificuldades apresentadas pelos profissionais da escola em relação ao processo de inclusão me veio essa vontade de desenvolver um trabalho na área da Educação Especial. A princípio a proposta do estágio era somente de acompanhar a criança autista, no entanto me foi solicitado pela professora que eu elaborasse as atividades para o aluno, por não ter experiência e ainda não ter nem uma disciplina do curso relacionada a Educação Especial tive muita dificuldade, porém eu pesquisava e elaborava as atividades que para mim era mais adequada para o aluno desenvolver, este estágio foi por um período de dois meses.

Em 2015 passei no concurso público, saindo dos plantões noturnos pude me dedicar mais ao curso e participar ainda mais dos eventos que ocorre na universidade.

Ainda em 2015 através da minha experiência e com os estudos realizados bem como a participação de palestras e seminários sobre o Autismo, levantei uma

suspeita de um caso de autismo na família, a cada palestra, a cada livro lido eu ficava mais intrigada com a situação, um sobrinho apresentava alguns traços do Autismo, o que me chamava mais atenção nele era o atraso na linguagem e falta de socialização, pois o pequeno Luiz Gustavo não gostava de brincar nem com seus primos, ele gostava de brincar com tampinha de garrafa pet sempre sozinho e organizando por cores, sem deixar ninguém pegar. Por receio de um diagnóstico errado e a não aceitação dos pais eu não tive coragem de comentar com os pais dele, guardando essa suspeita e comentando somente com as colegas da faculdade e meu esposo.

Em 2016 o Luiz Gustavo veio morar em Marabá com seus pais vindo de Parauapebas e por apresentar dificuldade na marcha, a mãe dele procurou o médico na qual a encaminhou para o ortopedista e para fonoaudióloga pois o mesmo ainda não falava, esta fonoaudióloga foi o “anjo” da vida do Gustavo pois foi ela quem encaminhou para o Neuropediatra onde o mesmo foi diagnosticado com TEA grau leve.

A vontade de desenvolver o estudo aqui descrito se intensificou em 2017 após a participação no Núcleo de Educação Especial-NEES, o NEES é um dos núcleos eletivos da Universidade a qual devemos participar para complementar a carga horária do curso de graduação, devido a experiência já vivida no estágio optei por este núcleo, a participação neste núcleo me possibilitou a elaboração de dois artigos apresentados em congressos e a participação e elaboração de oficinas e materiais adaptados.

Com todos esses acontecimentos meu amor pelo autismo e a vontade de me dedicar para a área da Educação Especial só foi aumentando e junto o receio em saber que meu pequeno poderia passar pela mesma dificuldade de ser inserido no ensino comum como o aluno que eu havia auxiliado.

Este estudo foi de grande importância pois me proporcionou conhecimentos que irão somar no desenvolvimento da minha prática docente, e espero que possa conscientizar as pessoas que a ele tenha acesso a ter um olhar diferenciado ao processo de inclusão do aluno com TEA.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva envolve o movimento em defesa dos direitos de todas as pessoas terem acesso de modo igualitário ao sistema de ensino sem nenhum tipo de discriminação, a educação inclusiva além de ser uma ação pedagógica é uma ação cultural e social que permite a inserção dos alunos com deficiência, transtorno do espectro do autismo e altas habilidades/superdotação em turmas do ensino comum, compartilhando as mesmas experiências e aprendizados com todos os demais alunos.

No Brasil os pressupostos legais e diretivos que embasam a política de educação inclusiva contam com a seguridade de direitos ao atendimento educacional especializado preferencialmente no sistema regular de ensino, como identifica-se na Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988), direito este reiterado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN 9394/96 (BRASIL, 1996),

A legislação nacional parte do pressuposto de que a educação inclusiva se caracteriza como uma ampliação do acesso à educação de grupos historicamente excluídos em função de sua classe, etnia, gênero, idade e deficiência, etc. entretanto, o debate no país em torno da educação inclusiva tem se restringido, predominantemente, à área Educação Especial e ao processo de inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais (PLETSCH, 2014, p. 77).

Conforme expresso nos documentos legais, os alunos considerados público alvo da educação especial são aqueles com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação. Assim, o caso dos alunos com transtorno do espectro autista, tem apresentado um crescimento no cenário educacional, assim como demais perfis de alunos.

Segundo dados do INEP- Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa educacionais Anísio Teixeira, no ano de 2018, foram registradas 48,5 milhões de matrículas nas 181,9 mil escolas de educação básica brasileiras. As matrículas da educação básica são encontradas majoritariamente na área urbana (88,7%). Na rede privada, 99,0% das matrículas estão em escolas urbanas. Na rede pública, as escolas municipais são as que apresentam a maior proporção de matrículas em escolas rurais (19,5%), seguida das escolas estaduais, com 5,2% das matrículas.

O número de matrículas na educação infantil cresceu 11,1% de 2014 a 2018, atingindo 8,7 milhões em 2018. Esse crescimento foi decorrente principalmente do aumento das matrículas da creche.

A distorção idade-série em classes comuns de alunos com necessidades educacionais especiais se torna mais intensa a partir do terceiro ano do ensino

fundamental e se acentua também no sexto ano do ensino fundamental e na primeira série do ensino médio. A taxa de distorção idade-série alcança 11,2% das matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental, 24,7% nos anos finais e 28,2% no ensino médio (INEP 2018).

O número de matrículas da educação especial chegou a 1,2 milhão em 2018, um aumento de 33,2% em relação a 2014. Considerando apenas os alunos de 4 a 17 anos da educação especial, verifica-se que o percentual de matrículas de alunos incluídos em classe comum também vem aumentando gradativamente, passando de 87,1% em 2014 para 92,1% em 2018 (INEP 2018).

Esse aumento gradativo de matrículas na escola regular ocorre em função da pressão dos movimentos sociais e setores da sociedade que militam na causa. A ampliação de textos legais, tem possibilitado o acesso à escola como um direito de todos. Progressivamente, as famílias de alunos com transtorno do espectro autista/TEA, vem compreendendo a importância de seus filhos sem deficiência, conviverem com a diversidade de outros alunos.

Os estudos sobre o processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista/TEA têm mostrado, conforme o estudo de Mattos e Nuenmberg (2011) que mediações específicas articuladas com as características singulares da criança, valorizando a inter-regulação da participação do sujeito nas trocas sociais tem sido de grande importância para a interações sociais dos mesmos. Na pesquisa de Zulian e Freitas (2001) considera-se que não se pode conceber a questão da Educação Inclusiva sem pensar na formação do professor e em práticas educativas diferenciadas voltadas ao uso das tecnologias da informação e comunicação. Gomide (2009) ressalta que para existir de fato uma inclusão é imprescindível repensar as formas como são propostas as atividades pedagógica, o modo como são estabelecidas as interações professor/aluno e aluno/aluno, além de refletir sobre a importância que o papel assumido pelo professor frente ao aluno autista tem em relação as suas possibilidades de sucesso escolar.

Discutir a inclusão é tarefa, no mínimo, desafiadora, uma vez que implica em dizer o que já foi dito tantas vezes e aquilo que, entretanto, ainda resta por dizer. Penso que em se tratando de inclusão, faz-se necessário pensar para além da esfera dos portadores de deficiência e avançar na discussão da relação que a escola estabelece com o “diferente”, identificável a partir de um previamente definido. (SUPLINO, 2009 p. 1)

Nessa perspectiva a pesquisa aqui delineada tem como objetivo geral: Identificar e analisar como se dá o processo de inclusão escolar de alunos com TEA

em escolas municipais de Marabá. Específico: Identificar as matrículas e perfis de alunos com TEA em escolas públicas e municipais em Marabá; Caracterizar o processo de inclusão nos contextos escolares envolvendo o público de alunos com TEA; Compreender como a prática pedagógica é desenvolvida nas escolas considerando a necessidade educacional específica de alunos com TEA; Descrever as dificuldades enfrentadas pelas escolas municipais de Marabá que possuem alunos com TEA no processo de escolarização desses alunos; Identificar potencialidades para o processo de inclusão escolar de alunos com TEA em escolas regulares de ensino.

O autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idade muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação (MELLO, 2007). Levando em consideração tais características que podem favorecer o isolamento da criança podemos considerar a escola como um recurso fundamental para enriquecer as experiências sociais das crianças com TEA, pois a inclusão_escolar pode oportunizar a interação entre pares e contribuir para o desenvolvimento de novas aprendizagens e comportamentos.

O ambiente escolar, como uma instituição social deve se transformar e proporcionar aos alunos público alvo da educação especial, a oportunidade de convivência nos espaços educativos com os demais alunos. A oportunidade de compartilhar experiências, preparando-os para a vida em sociedade, na qual ainda precisa eliminar o preconceito existente. Os sistemas de ensino devem se transformar para concretizar a educação inclusiva, que responda à diversidade que caracterizam os diferentes perfis dos alunos, sem discriminação.

A inclusão escolar segundo Rosa (2005, p. 88):

[...] o aprimoramento da qualidade do ensino regular e a adição de princípios educacionais válidas para todos os alunos resultarão naturalmente na inclusão escolar dos portadores de deficiência. Em consequência, a educação especial adquire uma nova significação. Torna-se uma modalidade de ensino destinada não apenas a um grupo exclusivo de alunos – o dos portadores de deficiência, mas uma modalidade de ensino especializada no aluno e dedicada à pesquisa e ao desenvolvimento de novas maneiras de se ensinar, adequadas à heterogeneidade dos aprendizes e compatíveis com ideais democráticos de uma educação para todos.

A concepção de inclusão escolar, significa garantir a matrícula, a permanência com aprendizagem qualificada. A presença de alunos com TEA nas escolas, cria um conjunto de demandas que precisavam ter suas necessidades específicas atendidas

satisfatoriamente. Portanto, a presença física na escola por si só não garante a inclusão escolar deste público de alunos, tal como analisa Mello (2007).

A inclusão escolar tem no professor, um agente central na construção de práticas pedagógicas acessíveis e que garantam a aprendizagem de todos.

O papel do professor no processo de inclusão escolar é decisivo para garantir que o aluno com TEA não seja mais uma presença em sala de aula, mas que possa desenvolver práticas pedagógicas que lhe propicie o acesso ao currículo. A inclusão dos alunos com público alvo da educação especial, deve ser realizada de forma criteriosa e bem orientado para que isso ocorra e necessário que os professores sejam preparados para esse processo e a escola seja adaptada para receber a todos.

Com a chegada dos alunos com deficiência nas escolas, tem se obrigado que as mesmas adaptem seus currículos e concepções pedagógicas. Cumpre destacar que apesar deste movimento pró-inclusão os desafios se mostram imensos, especialmente no que se refere à formação de professores, segundo Lopes (2007) estar matriculado na escola não garante a permanência com aprendizagem.

Na história da Educação Especial, é possível observar dificuldades por parte dos professores e das equipes pedagógicas e administrativas não só com relação à aceitação e à forma da compreensão dos fenômenos de comportamentos manifestos pelas crianças especiais, como também na falta de infraestrutura material e de pessoal qualificado para uma orientação e supervisão adequadas. A necessidade de recursos humanos devidamente capacitados para atuar em classes inclusivas implica não só o conhecimento sobre as especificidades da deficiência com a qual se vai trabalhar, mas também uma reflexão crítica acerca do sentido da educação e de suas finalidades (SERRA, 2008 p. 63).

Nesse contexto, mostra-se premente focar nas práticas pedagógicas inclusivas desenvolvidas com esse público de alunos, com a pretensão de analisar como tem se desenvolvido o processo de inclusão escolar de alunos com TEA? A finalidade central do estudo, é a de sistematizar um mapeamento sobre a realidade de algumas escolas em Marabá que tem a responsabilidade de incluir este aluno com o apoio educacional especializado de que necessita e tem direito legalmente.

A pesquisa foi realizada com o intuito de identificar perfis de alunos com TEA em escolas públicas e municipais em Marabá; caracterizar o processo de inclusão nos contextos escolares envolvendo o público de alunos com TEA; compreender como a prática pedagógica é desenvolvida nas escolas considerando a necessidade educacional específica de alunos com TEA e descrever as dificuldades enfrentadas

pelas escolas municipais de Marabá que possuem alunos com TEA no processo de escolarização desses alunos.

Desta forma, o trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo trata das legislações e o público alvo da educação especial, o caso dos alunos transtornos do espectro autista e um breve percurso histórico da educação especial.

O segundo capítulo aborda as necessidades educacionais específicas dos alunos com TEA e seu processo de escolarização, que apoio educacional especializado esse público alvo demanda, e fala ainda sobre o transtorno do espectro autista.

O terceiro capítulo descreve os pressupostos metodológicos do trabalho, local da pesquisa, descrição dos participantes, etapas da pesquisa e os instrumentos utilizados para coleta de dados no referido estudo.

O quarto capítulo apresenta os resultados e discussões dos dados da pesquisa organizados por eixos temáticos.

O quinto capítulo apresenta-se as considerações finais sobre os resultados da pesquisa

CAPÍTULO I

1. POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: LEGISLAÇÕES E O PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

1.1 Educação Especial e um breve percurso histórico

A Educação Especial, como modalidade da educação escolar, organiza-se de modo a considerar uma aproximação sucessiva dos pressupostos e da prática pedagógica social da educação inclusiva (BRASIL, 2001).

A educação especial passou a expandir rapidamente durante a Revolução Francesa quando se reivindicava o fim dos privilégios a nobreza e o direito a educação para todos. A educação especial se constitui como um tipo especializado em educação, a partir de demandas existentes na sociedade, assim como articulação de grupos sociais que lutavam pelo direito a educação para as pessoas com deficiência. Inicialmente, são criadas instituições especializadas e leis que garantiam algum tipo de amparo a este público, essencialmente numa vertente assistencialista.

Historicamente, a educação especial se organizou como atendimento educacional especializado (PLETSCH 2014), no Brasil sua expansão ocorreu no século XX, mais foi em 1954 com a criação do instituto dos meninos cegos que iniciou os primeiros atendimentos a pessoas “excepcionais” como eram conhecidos na época, alguns anos depois também no Rio de Janeiro foi fundado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos – INES, apesar da constituição de 1824 estabelecer a instrução primária e a criação de escolas onde serão ensinadas os elementos das ciências e das belas artes a todos os cidadãos a lei não deixou claro quem seria responsável por tal ato e nem o prazo em que deveria iniciar, por não existir legislações e diretrizes que organizasse claramente a educação esses institutos de educação especial criados constituiu um ato isolado.

Enquanto se observa o crescimento da institucionalização, da implantação de escolas especiais comunitárias e de classes especiais nas escolas públicas para os variados graus de deficiência em vários países ao longo da primeira metade do século XX, no Brasil predominou no geral a despreocupação com a conceituação, com a classificação e com a criação de serviços. A pequena seleção dos “anormais” na escola ocorria em função de critérios ainda vagos e baseados em “defeitos pedagógicos” e os escolares considerados, por exemplo, como “subnormais intelectuais” (MENDES, 2010 p. 97)

A princípio a proposta de integração desses institutos tinha como base o modelo médico da deficiência não propriamente para oferecer educação. O

atendimento prestado as pessoas deficientes continuava baseado na concepção médica de tratamento e correção da deficiência (PLETSCH 2014). Tais atendimentos acontecia em instituições religiosas ou filantrópicas, com o consentimento governamental, mas sem qualquer tipo de envolvimento do poder público.

Apesar da constituição de 1934 estabelecer a educação como competência do Estado, somente com a constituição de 1946 e que a educação torna-se um direito universal, assim foram criadas as primeiras classes especiais supervisionadas para separar os ditos normais dos “excepcionais”. “A concepção homogeneizadora e o agrupamento dos alunos seguiam os princípios de modernização e racionalização da indústria das sociedades capitalistas” (PLETSCH, 2014). Pelo fato de a economia rural predominar no Brasil, nesse período não se exigia ainda uma mão de obra qualificada, portanto, o cenário da educação não sofre muita alteração nesse período (MENDES, 2016).

O fim do estado novo consubstanciou-se na adoção de uma nova constituição de cunho liberal democrático, que determinava a obrigatoriedade de se cumprir o ensino primário, estabelecia a competência à União para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional, e afirmava o preceito de que a educação era direito de todos. Enquanto isso, a luta pela escola pública se intensificava principalmente em função da elaboração do anteprojeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que demorou 13 anos para ser transformado em lei (de 1948 a 1961). (MENDES, 2010 p. 98)

No período entre 1950 a 1959 houve maior expansão no número de estabelecimentos de ensino especial para portadores de deficiência intelectual (MENDES, 2010). Em 1954 surgiu a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE, esse movimento organizado por pais, amigos e médicos dos deficientes, caracteriza-se por ser uma organização social que tem por objetivo promover a atenção integral a pessoa com deficiência intelectual e múltipla.

As provisões na forma de serviços itinerantes, classes de recursos e classes hospitalares, apesar de serem preconizadas nos documentos políticos da época, raramente eram encontrados na realidade brasileira, de modo que a literatura oficial parecia muito mais embasada na realidade de outros países que adotavam o modelo do contínuo de serviços que era fictícia, pois o país sequer chegou a construir um sistema de serviços que viabilizassem diferentes opções de colocação dos alunos com deficiências. (MENDES, 2010 p. 104)

A universalização e a organização das atribuições da educação ao Estado e Federação só aconteceram a partir da aprovação da lei de Diretrizes e Bases da Educação N° 4024 de 1961, a qual assegurava pela primeira vez o atendimento a

pessoa com deficiência, de preferência no ensino comum e na rede privada mediante bolsas de estudo, empréstimos e subvenções oriundos do estado no Art. 89 (BRASIL, 1961).

Pletsch, (2014 p. 74) ressalta que:

Para o reconhecimento da Educação Especial foram também importantes as campanhas dirigidas a categorias específicas de deficiência, como, por exemplo, a campanha nacional de educação do surdo brasileiro (1957) e a campanha nacional de educação do deficiente mental (1960).

Em consequência dessas campanhas e do elevado número de alunos com deficiência cria-se através o Centro Nacional de Educação Especial- CENESP, que em 1986 através da lei nº 93613/86 transforma-se na Secretaria de Educação Especial- SESPE, como órgão central de direção superior, do Ministério da Educação (Art. 3º) (BRASIL, 1994).

A SESPE foi criada para o melhor desenvolvimento das políticas de educação especial através de programas, projetos e ações voltadas para o público alvo da educação especial.

De modo geral os historiadores fixam na década de setenta a institucionalização da educação especial devido ao aumento no número de textos legislativos, das associações, dos estabelecimentos, do financiamento e do envolvimento das instâncias públicas na questão. Entretanto, convém ressaltar que antes mesmo da década de setenta já se observava certa constituição do campo da assistência, com o aparecimento das primeiras organizações não-governamentais, provavelmente apoiadas pelo setor público da assistência social, cujo campo de ação governamental no Brasil tem suas ações inaugurais na década de quarenta com a criação do Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS) e da Legião Brasileira de Assistência (LBA), que posteriormente assumiram papel decisivo no financiamento das instituições privadas de assistência à deficiência. (MENDES, 2010 p. 99/100)

Cabe salientar que a Educação Especial hoje, integrada ao sistema educacional identificou-se com suas dificuldades, objetivos e filosofia, que consiste em formar cidadãos conscientes e participativos Rogalsky (2010). Ambos os processos têm por objetivo proporcionar ao educando, uma formação indispensável para a ampliação de suas potencialidades, qualificação para trabalho e preparo para uma vida com dignidade.

A educação Especial não nasceu para dar oportunidade a criança que, por anormalidades específicas, apresentavam dificuldades na escola regular. A Educação Especial nasceu voltada para a oferta de escolarização a criança cujas anormalidades foram aprioristicamente determinadas como prejudiciais ou impeditivas para sua inserção em processos regulares de ensino. (PLETSCH 2014 APUD BUENO 2004 p. 27)

Na política educacional brasileira do início da década de noventa foi marcada pelo discurso esperançoso decorrente dos direitos sociais conquistados na Constituição Federal de 1988 (Mendes, 2010,), a constituição pactua a educação como direito de todos, no Cap.III, Artigo 208 assegura que, “o dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: [...] III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

A Educação Especial passa por inúmeras reformas, mas com o mesmo objetivo que consiste em dar oportunidade aos alunos com deficiência de frequentar um sistema capaz de promover um ensino de qualidade para todos.

A Resolução nº 02/2001 que trata das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica traz no seu Art. 3º por educação especial, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2001).

1.2 Pressupostos da política de educação inclusiva e o direito a educação: bases legais

O Significado da educação inclusiva é abrangente e se caracteriza como uma ampliação do acesso à educação de grupos historicamente, excluídos em função de gênero, etnia, classe, idade, deficiência e outros.

Bueno (2008) ressalta que, Inclusão Escolar refere-se a uma proposição política em ação, de incorporação de alunos que tradicionalmente tem sido excluído da escola, enquanto que Educação Inclusiva refere-se a um objetivo político a ser alcançado.

O termo “educação inclusiva”, popularizado pela Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) na literatura educacional, assumiu o conceito de “escola para todos”, em referencia ao conjunto de estudantes que vem sendo tradicionalmente marginalizados pela escola, considerados todos como estudantes com “necessidades educacionais especiais” Mendes (2017).

O termo “inclusão escolar”, em contrapartida, nos remete a questão da escola, que é justamente o aspecto central do movimento que hoje se observa no tocante a escolarização de estudantes do PAEE. Assim, sugere-se que o termo “inclusão escolar” seja convencionalmente adotado quando se refere a política ou prática de escolarização do referido público nas classes comuns de escolas regulares. (MENDES, 2017, p. 65)

Em 1948 a Assembleia Geral das Nações Unidas proclama a Declaração Universal dos Direitos Humanos no qual reconhece em seu Art. 26º que toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito (BRASIL, 1948).

A Declaração de Salamanca é um dos documentos de maior importância no processo histórico da inclusão. Sua principal defesa é de que as escolas regulares que realizam a inclusão são mais eficazes para dirimir a discriminação. Assim, todos os alunos que apresentam deficiências ou necessidades educacionais especiais devem ter acesso e condições de permanência e desenvolvimento em toda rede regular de ensino (JACOBSEN, MORI, CERZUELA, 2014, p. 43).

A Declaração de Salamanca reafirma o direito à educação de todos os indivíduos e que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional e determina que “aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança capaz de satisfazer a tais necessidades.” Seus princípios orientadores do enquadramento de ações preconizam que:

- Cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem,
- Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias,
- Os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades,
- As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades,
- As escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes descri minoritárias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa óptima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo. (UNESCO, 1994)

Na LBDEN Nº 9394/96 (BRASIL, 1996) que trata sobre a educação especial, fica assegurado ao público de pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista o acesso ao currículo, métodos, técnicas, recursos educativos específicos para atender às suas necessidades, dentre outros.

O direito à igualdade, historicamente conquistado pela sociedade, é tema de diversos documentos internacionais, construídos em tratados e Conversões nos quais o Brasil foi signatário. A previsão constitucional brasileira, em observância a regras dos tratados e conversões internacionais, é de que, em se tratando de temas relacionados aos direitos humanos, haja a introdução destas disposições legais no ordenamento jurídico pátrio em forma de emenda constitucional (JACOBSEN, MORI, CERZUELA, 2014, p. 37).

A inclusão educacional é essencial, pois além de promover o aprendizado das crianças com deficiência, promove vivências e aprendizados aos demais alunos, especialmente o respeito e a igualdade entre as crianças e os envolvidos no processo. Mendes e Almeida (2016, p. 347) ressaltam que:

A educação inclusiva não se reduz à matrícula compulsória na escola pública por força da legislação vigente. Sobremaneira, significa acolhimento respeitoso e reconhecimento das diferenças sensoriais, cognitivas e físicas dos alunos como parte de sua humanidade e, portanto, demandam ser atendidas e não segregadas em espaços institucionais especializados.

Para que o processo de inclusão seja eficiente e de qualidade, é necessário um ambiente apropriado para atender as necessidades dos alunos, professores especializados para que o mesmo possa desenvolver atividades de integração, realizar estratégias e organizar métodos de trabalhos que inclua a todos os alunos indistintamente, para um efetivo processo de ensino aprendizagem.

A qualidade do ensino que está sendo proposto para esse grupo que está tendo acesso à escola para que não apenas mantenha-os na escola sem levar em consideração as suas necessidades específicas. Cabe salientar que durante esse processo de inclusão escolar deve sempre se atentar para a gravidade do quadro da deficiência para que não sejam colocados o desenvolvimento e a segurança da criança em risco. Rogalski (2010, p. 3) ressalta que,

A prática da educação inclusiva merece cuidado especial, pois estamos falando do futuro de pessoas com necessidades educacionais especiais. Antes mesmo de incluir, é importante certificar-se dos objetivos dessa inclusão, para o aluno, quais os benefícios/avanços, ele poderá ter, estando junto aos alunos da rede regular e produzir transformações.

Incluir uma criança público alvo da educação especial no ensino regular, vem requerer uma atenção especial principalmente, da família, pois a família é um

importante elo de interação com a escola devendo as duas manter-se em constante participação para que possa ser obtido melhores resultados dos alunos.

Em 1961 cria-se a lei N° 4024/61 que fundamenta o atendimento educacional a pessoa com deficiência essa lei assegura a educação de excepcionais no sistema geral de educação, a fim de integra-los na comunidade. (BRASIL, 1961)

Em 1971 a lei de 1961 e alterada pela lei N° 5692/71 que no seu Art. 9° garante que os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais os que se encontrem em atraso considerável quanto a idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos componentes do Conselho de Educação.

A Constituição Federal de 1988 define no Art. 205 à educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivado com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988). No Art. 206 assegura igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. A constituição traz como um dos seus objetivos a criação de programas de prevenção e atendimento especializado para as pessoas portadoras de deficiência física, sensorial ou mental (Art. 227) (BRASIL, 1988).

A referida lei tem como finalidade a promoção de dignidade em geral para a pessoa com deficiência de qualquer natureza, tendo em vista a eliminação de barreiras que venham a diminuir o acesso da pessoa com necessidades especiais no atendimento educacional.

A Lei N° 8069/90 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente no seu Art. 55° esclarece que os pais ou responsáveis tem a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino. (BRASIL, 1990)

O Plano Nacional de Educação Especial de 1994 (BRASIL,1994 p.13) conceitua como alunado da educação da Educação Especial aquele que por apresentar necessidades próprias e diferentes dos demais alunos no domínio das aprendizagens requer recursos pedagógicos e metodológicos educacionais especiais, o plano orienta sobre a integração escolar e as modalidades de atendimento educacional que implica em espaço físico, recursos humanos e materiais diferenciados.

A política Nacional de Educação Especial serve como fundamentação e orientação do processo global da educação de pessoas portadoras de deficiência, de condutas e de altas habilidades, criando condições adequadas

para o desenvolvimento pleno de suas potencialidades, com vistas ao exercício consciente da cidadania (BRASIL, 1994 p. 45).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN nº 9394/96 apresenta uma definição de educação Especial em seu Art. 58 diz que, a qual é considerada uma modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente, na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais, e assegura atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na Rede Regular de Ensino (Art. 4º Inciso III).

Neste artigo é dada devida reverência aos alunos com necessidades especiais, que até então não tinham apoio do Sistema de Ensino, para atendimento escolar, a não ser em Instituições especializadas neste atendimento. Assim a escola comum, ao viabilizar a inclusão de alunos com necessidades especiais, deverá promover a organização de classes comuns e de serviços de apoio pedagógico especializados.

No Art. 59 da LDBEN (BRASIL, 1996) é determinado que o sistema de ensino deve assegurar aos educandos com deficiência “[...] currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específico para atender suas necessidades, assegura ainda a terminalidade para aqueles que não puderam atingir o nível exigido para a conclusão de ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para superdotados” (BRASIL, 1996)

As adaptações curriculares constituem-se em medidas que buscam flexibilizar e adequar o currículo geral, tornando-o apropriado à especificidade dos alunos com necessidades especiais essas medidas educacionais permitem ao aluno melhorar sua situação e relacionamento na escola, para que possam obter sucesso nos processos de aprendizagem. Assim, na Rede regular de ensino, deve haver serviços de apoio para as crianças com necessidades especiais, pois estas necessitam de instruções, de instrumentos, de técnicas e de equipamentos especializados. Deve haver também, profissionais qualificados para o atendimento e recursos, de acordo com suas necessidades.

Em 2001 por meio do decreto nº 3956 o Brasil aprova o texto originado da Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Pessoas com Deficiência, a convenção afirma,

[...] que as pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetidas a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e desigualdade que são inerentes a todo ser humano (Brasil, 2001, p. 2).

Em 2005 o Ministério da Educação desenvolve o Programa Educacional Inclusivo: Direito a diversidade, o objetivo do programa e a formação de gestores e educadores para a realizar a transformação do Sistema educacional em Sistema inclusivo, garantindo a acessibilidade e tendo como foco o acesso e permanência com qualidade dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais nas escolas.

Instituído pela Lei Nº 13005/14 o Plano Nacional de Educação-PNE (BRASIL, 2014), no seu Art. 2º Inciso III apresenta como uma de suas diretrizes, a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação. No Art. 8º inciso III do parágrafo 1º determina que o Estado, o Distrito Federal e os Municípios estabeleçam estratégias que garantam, o atendimento das necessidades específicas na Educação Especial, assegurando o Sistema Educacional inclusivo em todos os níveis, etapas e modalidades.(BRASIL, 2014)

A meta 4 existente no PNE (BRASIL, 2014) tem como objetivo a universalização do acesso à educação básica e o atendimento educacional especializado, para a população de 04(quatro) a 17(dezessete) anos com deficiência transtorno globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, preferencialmente na Rede Regular de Ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados (BRASIL, 2014).

1.3 Os alunos público alvo da educação especial: o caso dos transtornos do espectro autista

O debate relativo à ação educacional na área das chamadas “necessidades Educativas Especiais” tem alargado os limites da educação especial e provocado a sua aproximação das questões que configuram o campo da educação. A direção norteadora do debate educacional, no âmbito da educação especial, tem tido apoio das recomendações de ampliação da escolarização para os alunos com graves transtornos de desenvolvimento e

a defesa do ensino comum como um espaço possível para o acolhimento das “diferenças”. (BOSA, 2002 p. 17)

A legislação brasileira na área de Educação Especial, assegura que todos os estudantes tenham o direito de estarem juntos aprendendo com igualdade e sem discriminação, garantindo assim o acesso dos estudantes com deficiência, transtornos do Espectro Autista e Altas habilidades/Superdotação nas escolas regulares. A legislação tem como objetivo nortear os sistemas de ensino para que os mesmos possam garantir o Atendimento Educacional e Especializado, bem como, a formação de professores e demais profissionais da educação para a inclusão desses alunos, promover a participação da família e garantir a reestruturação dos ambientes escolares.

A partir de 1986, época da construção de um governo democrático, a Educação Especial passou a ser compreendida como inerente à Educação, enfatizando o pleno desenvolvimento das potencialidades do educando com necessidades especiais” por meio da Portaria CENESP/MEC nº 69, de 28 de agosto de 1986, além de ditar normas à prestação de serviços de apoio técnico e/ou financeiro à Educação Especial nos sistemas públicos e privados de ensino (ORRÚ 2012, p. 47)

Através da implementação do Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, a construção de sistemas educacionais inclusivos está orientada por ações de formação docente e organização do Atendimento Educacional Especializado que visam a equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida. O objetivo do Programa é a formação de gestores e educadores para efetivar a transformação dos Sistemas Educacionais em Sistemas Educacionais Inclusivos, tendo como princípio, a garantia do direito dos alunos com necessidades educacionais especiais de acesso e permanência, com qualidade, nas escolas regulares.

O documento Política Nacional de Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva consolidado em 2008 definiu como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Consideram-se alunos com deficiência àqueles que têm impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que em interação com diversas barreiras podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. Os alunos com transtornos globais do desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil (BRASIL, 2008, p. 15)

O decreto nº7611/2011 que dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado, entre outras atribuições, regulamenta as ações que consolidam o Atendimento Educacional Especializado e a formação de professores do AEE. No parágrafo 2º do Art. 2º determina que o AEE deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas Público-Alvo da Educação Especial. (BRASIL, 2011). Uma das atribuições do AEE é identificar as necessidades específicas da criança e elaborar um plano de acordo com suas especificidades. O Art. 5º inciso II refere a implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (BRASIL, 2011) esta deverá ser organizada como espaço para a oferta do Atendimento Educacional Especializado, elaborando estratégias, recursos e contribuindo na organização da rotina, a qual favorecerá a compreensão e a comunicação da criança entre seus pares no ambiente escolar.

Ter a educação especial que humaniza como pressuposto exige pensar em uma inclusão escolar com responsabilidade consiste na constatação de que há uma grande distância entre a proposição teórica prevista em lei e a prática desenvolvida nas escolas, Costa e Brandão (2014).

A aprovação da Lei Nº 12764/12 que institui a Política Nacional de proteção dos direitos da pessoa com Transtornos do Especto Autista, garante todos os direitos a pessoas desde a descoberta do transtorno, um desses direitos é o acesso à educação, que quando incluído na classe comum de ensino terá direito a acompanhamento especializado. No Art. 7º, garante que o gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos. Ressalta ainda que em caso de reincidência, apurada por processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo (BRASIL, 2012).

O decreto nº 8.368/2014 que regulamenta política nacional de proteção dos direitos da pessoa TEA, diz que É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar o direito da pessoa com transtorno do espectro autista à educação, em sistema educacional inclusivo, garantida a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior. E assegura que caso seja comprovada a necessidade de apoio às atividades de comunicação, interação social, locomoção, alimentação e cuidados pessoais, a instituição de ensino

em que a pessoa com transtorno do espectro autista ou com outra deficiência estiver matriculada disponibilizará acompanhante especializado no contexto escolar (BRASIL, 2014).

Crianças com TEA possuem necessidades educacionais especiais devido às condições clínicas, comportamentais, cognitivas, de linguagem e de adaptação social que apresentam. Assim, como em outros transtornos do desenvolvimento precisam muitas vezes, de adaptações curriculares e de estratégias de manejo adequadas, uma vez que as necessidades educacionais dessas crianças são atendidas pode significar grande forma de transformação social. Portanto, a educação de qualidade, inclusiva, que leve em consideração as peculiaridades do autista deve ser entendida como uma das principais preocupações do poder público.

As políticas educacionais no contexto da educação especial têm apresentado dificuldades e momentos críticos para garantir ao cidadão uma condição básica para seu desenvolvimento. A educação dos alunos com deficiência tem se transformado no âmbito legal e de diretrizes de políticas educacionais, contudo a operacionalidade dos princípios da Educação Inclusiva, mostra-se ainda com lacunas na efetivação dos direitos garantido no texto legal.

O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p.15).

Na trajetória de 1971 até 1985, a educação, como forma de tratamento, passou a ser uma medida participante de uma política educacional que passou a ver “educação de excepcionais” como um caminho de conduta, objetivando no final a escolarização Orrú (2012).

A educação inclusiva deve ter por objetivo atender todos os alunos, em principal, aqueles que se encontram á margem do conhecimento esses, por direito, devem receber um atendimento educacional especializado em consideração as suas especificidades, porque esses alunos estão mais vulneráveis a exclusão do contexto educacional e, por conseguinte, do social (JACOBSEN, MORI, CERZUELA, 2014, p. 48).

Apesar da tríade de comprometimentos do aluno com autismo, sua escolarização é possível e para que isso ocorra é necessário um grande comprometimento e responsabilidade profissional e pessoal. O aluno com autismo pode ser escolarizado quando lhe são oferecidas oportunidades, para que esse

processo ocorra, é necessário que o professor tenha conhecimento sobre os aspectos do autismo e sobre os programas e métodos educacionais mais adequados para ensiná-lo, portanto é necessário que o educador queira fazer a diferença na escolarização da criança autista.

A literatura científica mostra que as práticas educacionais, desenvolvidas até então, pouco podem contribuir para a inserção da pessoa com deficiência na sociedade. Isto nos remete à necessidade de transcendermos os aspectos técnicos e clínicos mencionados, principalmente na esfera da formação de educadores, tendo em vista a educação da pessoa e não apenas seu reino em certas competências (ORRU, 2012 p. 50).

No entanto, o educador deve estar ciente que o trabalho com crianças autistas bem como qualquer outra crianças com necessidade educacional especial é um processo demorado e requer muita paciência, devendo levar pincipalmente em consideração que uma das características do aluno com TEA e a falta de atenção, portanto o educador deve utilizar recursos didáticos para atrair a atenção dessas crianças e desenvolver auxiliar no desenvolvimento motor e social dessa criança visando sempre algo que permita sua interação no meio onde encontra-se inserida.

CAPÍTULO II

2. ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A INCLUSÃO ESCOLAR

2.1 Compreendendo o transtorno do espectro autista

Autismo é uma palavra de origem grega (Autós), que significa por si mesmo. É um termo usado, dentro da psiquiatria, para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo (ORRÚ, 2012).

O autismo foi descrito inicialmente em uma publicação intitulada Distúrbios Austísticos do Contato Afetivo do Dr. Leo Kanner em 1943, nesse artigo Kanner descreve o caso de 11 crianças atendidas por ele.

As características apresentadas por esse grupo de crianças eram: incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto, acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas (ORRÚ, 2012 p. 18).

Em 1944 o Dr. Hans Asperger escreve outro artigo que descreve crianças bastantes semelhantes com as descritas por Kanner, o artigo leva o título de Psicopatologia Austística da Infância, os artigos fornecem relatos e teorias para a respectiva síndrome anteriormente desconhecida, embora haja algumas divergências entre as teorias dos respectivos autores, atribui-se a Kanner e a Asperger a identificação do autismo. Em 1956, insistiu na consolidação conceitual da síndrome, mas sentia a necessidade de aprofundar-se mais sobre o entendimento no fenômeno em nível biológico, psicológico e social Orrú (2012).

A psicanalista inglesa, Frances Tustin, chamava os autistas de “criança encapsuladas”, baseando-se na hipótese de que o desenvolvimento psicológico teria paralisado em um estágio prematuro da vida do bebê em virtude de um trauma oriundo da percepção sobre a separação do corpo da criança do corpo de sua mãe, provocando uma experiência psíquica fantasmática (ORRÚ, 2012 p. 21).

Até 1989, dizia-se, estatisticamente, que a síndrome acometia crianças com idade inferior a três anos, com predominância de quatro crianças a cada dez mil nascidas.

Melo, (2007) explica que o autismo é uma síndrome definida por alterações presentes precocemente na infância, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação.

A 5ª Edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM, 2014) trouxe uma nova estrutura, e sintomas e redefiniu o que antes era chamado de Transtorno Autista para Transtorno do Espectro Autista e engloba o que antes era conhecido como Autismo infantil precoce, Autismo infantil, Autismo de Kanner, Autismo de alto funcionamento, Autismo atípico, Transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno desintegrativo da infância e Transtorno de Asperger.

Esses distúrbios têm traços comportamentais similares, caracterizados por problemas com comunicação, habilidades sociais, padrões de comportamentos ou grupos de interesses.

Tradando-se de um transtorno neurodesenvolvimental, deve estar presente desde a infância, porém, pode não ser detectado tão cedo porque as demandas sociais iniciais são mínimas e nos primeiros anos de vida pais e cuidadores suprem as necessidades da criança. (ALMEIDA E MENDES, 2014 p. 232)

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V (2014) apresenta a classificação em três níveis de severidade conforme quadro 1.

Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista		
Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros Comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 “Exigindo apoio substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo,	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no

	uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 “Exigindo apoio”	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-V

O TEA engloba diferentes síndromes marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico com três características fundamentais, podendo manifestar-se em conjunto ou isoladamente: Dificuldade de comunicação, Dificuldade de socialização e Padrão de comportamento restritivo e repetitivo.

Dificuldade de comunicação – Caracterizada pela dificuldade em utilizar com sentido todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal. Isto inclui gestos, expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e modulação na linguagem verbal. Muitas crianças que apresentam linguagem verbal repetem simplesmente o que lhes foi dito. Este fenômeno é conhecido como ecolalia imediata (MELLO, 2007 p. 20).

Morais (2012) reforça que quando estas crianças são dotadas de linguagem têm grandes dificuldades em iniciar ou manter um diálogo, apresentando um discurso de linguagem repetitiva, com uma incapacidade evidente para entender as frases ou questões mais simples. Contudo é na linguagem e na comunicação em que se concentra o maior obstáculo no autismo, uma vez que poucos autistas desenvolvem habilidades para conversação Orrú (2012).

1. Dificuldade de socialização – este é o ponto crucial no autismo, e o mais fácil de gerar falsas interpretações. Significa a dificuldade em relacionar-se com os outros, a incapacidade de compartilhar sentimentos, gostos e emoções e a dificuldade na discriminação entre diferentes pessoas.

2. Padrão de comportamento restritivo e repetitivo – se caracteriza por rigidez e inflexibilidade e se estende as várias áreas do pensamento, linguagem e comportamento da criança. Isto pode ser exemplificado por comportamentos obsessivos e ritualísticos, compreensão literal da linguagem, falta de aceitação das mudanças e dificuldades em processos criativos. (MELLO 2007 p. 21 e 22)

Não apenas os autistas em situações de maior comprometimento, mas também autistas de alto funcionamento apresentam problemas em sua comunicação, podendo manifestar ecolalias e uso estereotipado da fala Orrú (2012).

Segundo Mello (2007), estas três características que caracterizam o autismo foram chamadas por Lorna Wing e Judith Gould, em seu estudo realizado em 1979, de “Tríade”. A tríade é responsável por um padrão de comportamento restrito e repetitivo, mas com condições de inteligência que podem variar do retardo mental a níveis acima da média.

As dificuldades da interação social, da comunicação e dos comportamentos repetitivos ou interesses restritivos para a realização do diagnóstico indicam um panorama também variável nos campos terapêutico e educacional Almeida e Mendes (2014)

Acredita-se que o TEA é determinado por múltiplos fatores, não existindo uma etiologia única definida, mas sabe-se que existe herança genética, bem como fatores ambientais que propiciam o aparecimento do quadro.

A questões sobre os possíveis agentes causadores do autismo são muito polêmicas. Inquirem-se desde causas psicológicas, disfunções cerebrais e alterações de neurotransmissores e fatores ambientais, como definidores da doença, até os de natureza genética, sendo esta última levantada e analisada mais recentemente por diversos cientistas. (ORRÚ 2012 p. 27)

Podemos dizer que a pessoa com autismo assim como qualquer ser humano é única, pois o autismo é uma condição permanente na qual a criança nasce com autismo e se torna um adulto com autismo.

O TEA não é um transtorno degenerativo, sendo comum que aprendizagem e compensação continuem ao longo da vida. Os sintomas são frequentemente mais acentuados na primeira infância e nos primeiros anos da vida escolar DSM-V (2013).

Durante os três primeiros anos de vida, as condutas funcionais normais, desenvolvidas por uma criança que não apresenta a síndrome, são, no autista, progressivamente desestruturadas e/ou perdidas, ou mesmo nunca chegam a se desenvolver Orrú (2012).

O diagnóstico do autismo é clínico, baseando-se nos sinais e sintomas e levando em conta os critérios estabelecidos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM e CID10, o diagnóstico é feito basicamente através da avaliação do quadro clínico. Não existem testes laboratoriais específicos para a detecção do autismo. Por isso, acredita-se que o autismo não apresenta um marcador biológico Mello (2007).

Foram criadas escalas, critérios e questionários para melhor instrumentalizar o diagnóstico. A Ausência de indícios visuais dificulta o diagnóstico do autismo Orrú (2012).

Dentre as diversas condições médicas associadas ao autismo Orrú (2012) destaca:

Síndrome de Down, epilepsia, X Frágil e problemas pré-natais e perinatais. Há também infecções que podem ser associadas a possíveis causas do autismo: Toxoplasmose (pré-natal), varicela (pré-natal), caxumba (pré-natal), citomegalovírus (pré-natal), sífilis (pré-natal), herpes simples (pós-natal) e rubéola (pré-natal). (ORRÚ, 2012 p. 28)

A pessoa com autismo volta-se para si mesmo, perdendo o interesse pelo mundo exterior e a tudo que a ele está inerente, a pessoa com autismo não demonstra interesse pela interação social.

O que é novo pode lhe gerar angustia e repulsa, por não compreender o motivo de tal imposição, pois tem uma síndrome comprometedora de sua função simbólica, agravante de alterações em sua comunicação Orrú (2012)

Podemos dizer que o autismo é uma disfunção no desenvolvimento cerebral com origem na infância persistindo ao longo de toda a vida, acredita-se que alguns sintomas já se apresentam desde o nascimento, no entanto, os sintomas começam a manifestar-se até os três anos quando o desenvolvimento da criança passa a ser invadido pelas características das condições clínicas do transtorno.

Mello (2007) ressalta que normalmente, o que chama atenção dos pais inicialmente, é que a criança é excessivamente, calma e sonolenta ou então que chora sem consolo durante prolongados períodos de tempo. Uma queixa frequente dos pais é que o bebê não gosta do colo ou rejeita o aconchego.

Durante o período de idade que vai dos dois aos cinco anos, apresentam-se intensas modificações na criança autista. É frequente sua alienação diante do mundo que a cerca, bem como é indiferente aos estímulos externos que sobrevêm a ela Orrú (2012)

Certas crianças com autismo desenvolvem-se normalmente, durante sua primeira infância, chegando, até mesmo, a adquirir uma linguagem funcional. Todavia, esta vai se perdendo progressivamente ou tornando-se suscetível de consequências sérias por causa da tal condições; assim, muitas delas acabam em um intenso isolamento social envolvidas em seus rituais e estereótipos e, praticamente, sem nenhuma comunicação eterna. (ORRÚ, 2012 p. 32)

Os pais de crianças com autismo relatam que as crianças autistas não imitam, não aprendem a se comunicar seja com gestos como acenar as mãos para cumprimentar ou despedir-se, não procuram o contato ocular, como as crianças normais da mesma idade.

E comum também que haja problemas de alimentação, manifestando através da recusa a se alimentar.

É importante ressaltar que ambientes ruidosos e barulhentos incomodam e causam danos a comunicação de autistas, bem como ao seu estado mental, psicológico e emocional, inibindo-os de ficarem junto com as demais pessoas Orrú (2012).

2.2 Necessidades educacionais específicas dos alunos com TEA e seu processo de escolarização

A inclusão escolar de crianças com autismo surge como uma alternativa que pode fornecer contatos sociais e favorecer não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que aprendem com as diferenças. De acordo com Gomes e Mendes (2010), quando o sistema educacional consegue assegurar o acesso e a permanência dos alunos com autismo nas classes comuns de escolas regulares, tem-se como o próximo passo a necessidade de oferecer às escolas condições para que possam desenvolver ao máximo o potencial desses alunos.

Nesta perspectiva, segundo a pesquisa de Camargo e Bosa (2012), existem alguns comportamentos da criança com autismo que evidenciam a urgência da implementação de práticas pedagógicas que levem em conta as especificidades e dificuldades da criança. Consequentemente, segundo os autores é de fundamental relevância o conhecimento acerca das particularidades no desenvolvimento de crianças com transtornos do espectro autista, bem como o conhecimento do nível “evolutivo” da criança para que estratégias e ações pedagógicas respeitem e potencializem suas habilidades, garantindo a real inclusão das crianças com TEA Camargo e Bosa (2012).

De acordo com Bosa (2006) o planejamento deve ser estruturado de acordo com as etapas de vida da criança, portanto, com crianças pequenas, a prioridade deveria ser terapia da fala, da interação social/linguagem, educação especial e suporte familiar. Já com adolescentes, os alvos seriam os grupos de habilidades sociais, terapia ocupacional e sexualidade.

Para estimular as habilidades de comunicação Bosa (2006) apresenta algumas formas de comunicação verbal, e ressalta que a escolha apropriada depende das habilidades de cada criança e do grau de comprometimento.

Programas de linguagem como: estimulação de linguagem na fase pré-linguística, estimulação de linguagem, que consiste em procedimentos de estimulação incidental e procedimentos de estímulo direcionado, abordagens de interação responsiva incluindo reestruturação das respostas da criança, estímulo direcionado de alvos específicos de linguagem utilizando estratégias dirigidas pelo adulto.

Abordagens de estimulação de linguagem incidental consistem em técnicas específicas de estimulação inseridas nas atividades, interações e rotinas sociais da criança. Duas dessas técnicas são chamadas procedimentos de estímulo direcionado e estimulação de linguagem incidental [...].

A interação responsiva inclui ensinar os cuidadores a ser altamente responsivos às tentativas de comunicação, acompanhando as iniciativas da criança, esperando que a criança inicie o contato, respondendo com comentários sobre as ações ou os brinquedos de interesse, e fornecendo modelos de linguagem [...].

O estímulo direcionado caracteriza-se por promover, reforçar, e fornecer feedback em relação a alvos gramaticais ou de vocabulário, em sessões estruturadas e com roteiro estabelecido. Abordagens de reestruturação e de estímulo direcionado são particularmente adequadas para crianças de risco ou com pequenos atrasos de fala e de linguagem. (Thiemann, Warren, 2010, p. 2,3).

Tais programas são importantes para melhorar a compreensão e a complexidade da fala para crianças que são capazes de falar alguma coisa.

Os programas de intervenção em linguagem demandam situações e contextos ideais para a aprendizagem da linguagem que apoiem a utilização de abordagens eficazes Thiemann, Warren (2010).

Podemos citar como contexto capacitadores que criam o cenário para a aprendizagem de linguagem nas interações cuidador-criança, criar oportunidades de comunicação – por exemplo, manter os brinquedos fora do alcance, violar rotinas previstas; acompanhar as iniciativas da criança, oferecendo atividades que interessem a ela; e elaborar e estabelecer rotinas sociais – por exemplo, rituais como “cadê? achou!”.

Uma vez arranjado o ambiente sociointeracional, o adulto pode oferecer técnicas específicas de ensino para promover, adequar e reconhecer ou reforçar tentativas de comunicação claras e intencionais em rotinas de brincadeira centradas na criança. Essas estratégias são denominadas “técnicas de estimulação de linguagem na fase pré-linguística”, e são utilizadas para ajudar crianças que ainda não falam, na transição da comunicação pré-intencional para a comunicação intencional (Thiemann, Warren, 2010, p. 2).

Há evidência de que prover educação formal de forma precoce, a partir dos dois aos quatro anos, aliada à integração de todos os profissionais envolvidos, é a abordagem terapêutica mais efetiva Bosa (2006). Este contexto facilita o uso de técnicas de manejo mais consistentes, o que, por sua vez, pode estar relacionado à generalização e à manutenção de habilidades adquiridas. Essas estratégias auxiliam a minimizar ou evitar problemas comportamentais subseqüentes, pois as crianças aprendem rapidamente que seus comportamentos podem servir como um meio para controlar o seu ambiente.

A terapia comportamental tradicional, como o enfoque ABC para a análise do comportamento, também parece ser útil Bosa (2006). Na linha tradicional, trabalha-se com a hipótese de que o comportamento pode ser explicado pela identificação dos antecedentes e conseqüências de certo comportamento. No entanto, ressalta-se que é muito difícil perceber o comportamento da criança da mesma forma que ela o faz, possibilitando que seu comportamento seja explicado adequadamente em função de um outro que o antecedeu ou não.

Compreendemos que o desenvolvimento da criança dependerá do recurso utilizado pelo educador, os métodos de ensino deverão proporcionar de diversas maneiras o apoio e o desenvolvimento da criança.

A criança sem TEA aprende geralmente por meio de brincadeiras que envolva os colegas e professores, levando em consideração que uma das partes mais afetadas na criança autista é a interação, esse processo pode não ocorrer por isso os métodos utilizados pelo educador devem levar em consideração todos os envolvidos na prática.

As crianças autistas têm dificuldade de compreensão por isso é necessário que seja explicado a função de cada objeto utilizado no decorrer das atividades.

2.2.1. Métodos de ensino para a escolarização de alunos autista.

Os alunos com TEA requerem atenção especial que favoreça seu desenvolvimento por meio de atividades diferenciadas e específicas no contexto da educação escolar. A referida premissa tem como base princípios

da Teoria Histórico-Cultural, em especial aqueles voltados para aspectos do desenvolvimento humano com ênfase na educação escolar. Segundo essa teoria, o ensino propicia avanços na aprendizagem graças ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores eminentemente humanas, como consequência de um processo dinâmico e dialético (COSTA, BRANDÃO, 2014, p. 189/190).

Podemos dizer que ainda não tem um tratamento específico para o autismo em razão a diversidade de fatores, no entanto tem se utilizado métodos para lidar com portadores de autismo, como: TEACH (tratamento e educação para autistas e crianças com distúrbios correlatos da comunicação), ABA (análise aplicada ao comportamento) e o PECS (sistema de comunicação mediante a troca de figuras).

O TEACH é um programa educacional e clínico com uma prática predominantemente, psicopedagógico criado a partir de um projeto de pesquisa que buscou observar profundamente os comportamentos das crianças autistas em diferentes situações e frente a diferentes estímulos, o programa foi idealizado e desenvolvido pelo Dr. Eric Schoppler nos anos 60 e atualmente é utilizado em várias partes do mundo.

Segundo Mello (2007) o método TEACH utiliza uma avaliação chamada PEPR (perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar a criança, levando em conta os seus pontos fortes e suas maiores dificuldades, tornando possível um programa individual.

O TEACH se baseia na organização do ambiente físico através de rotinas – organizadas em quadros, painéis ou agendas – e sistemas de trabalho, de forma a adaptar o ambiente para tornar mais fácil para a criança compreendê-lo, assim como compreender o que se espera dela. Através da organização do ambiente e das tarefas da criança, o TEACH visa desenvolver a independência da criança de modo que ela necessite do professor para o aprendizado, mas que possa também passar grande parte de seu tempo ocupando-se de forma independente. (MELLO, 2007 p. 36)

A ABA Trata-se de um método terapêutico que possibilita compreender as ações e habilidades no espectro autista e como elas podem ser influenciadas pelo meio ambiente, podendo contribuir com uma melhora nas interações sociais, manter comportamentos positivos e ensinar a criança habilidades que ela não possui.

A ABA tem como objetivo atuar em prol do desenvolvimento do autista com o uso de técnicas que possibilitem ampliar a capacidade cognitiva, motora, de linguagem e de integração social, procurando reduzir por meio de práticas de repetição e esforço comportamentos negativos que possam causar danos ou interferir no processo de aprendizagem.

O tratamento comportamental analítico do autismo visa ensinar a criança habilidades que ela não possui, através da introdução destas habilidades por etapas. Cada habilidade é ensinada, em geral, em esquema individual,

inicialmente apresentando-a associada a uma indicação ou instrução. Quando necessário, é oferecido algum apoio (como por exemplo, apoio físico), que deverá ser retirado tão logo seja possível, para não tornar a criança dependente dele. A resposta adequada da criança tem como consequência a ocorrência de algo agradável para ela, o que na prática é uma recompensa. Quando a recompensa é utilizada de forma consistente, a criança tende a repetir a mesma resposta. (MELLO, 2007 p. 37)

O PECS é um sistema que permite desenvolver a comunicação interpessoal, no qual foi desenvolvido para ajudar pessoas com autismo e doenças do desenvolvimento relacionadas, sua implementação consiste basicamente na aplicação de seis fases.

- 1° Fase: Como se comunicar
- 2° Fase: Distância e persistência
- 3° Fase: Discriminação de figuras
- 4° Fase: Estrutura de sentença
- 5° Fase: Respondendo às perguntas
- 6° Fase: Comentando

Melo (2007) salienta que o PECS visa ajudar a criança a perceber que através da comunicação ela pode conseguir muito mais rapidamente as coisas que deseja, estimulando-a assim a comunicar-se, e muito provavelmente a diminuir drasticamente problemas de conduta.

Cabe salientar que a escolha de símbolos deve ser adaptada aos interesses de cada criança, para garantir a sua motivação e facilitar a compreensão. O PECS tem sido bem aceito pois não demanda matérias complexos e caros, pode ser aplicado em qualquer local e é relativamente fácil de aprender.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

3.1 Pressupostos metodológicos

O presente trabalho fundamentou na abordagem qualitativa. Conforme características da abordagem qualitativa, buscou-se analisar uma caracterização de um processo amplo de implementação da política de educação inclusiva com o público de alunos com TEA.

A investigação delineada, requereu um intenso processo descritivo, utilizando-se do ambiente natural como fonte direta de coleta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental para esta coleta. Com isso almejamos ampliar as discussões sobre as práticas pedagógicas inclusivas e refletir sobre o processo de inclusão do aluno autista.

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos (GOLDENBERG, 2004 p. 53). Segundo Tozoni-Reis (2013) a pesquisa qualitativa defende a ideia de que, na produção, de conhecimentos sobre fenômenos humanos e sociais, nos interessa mais compreender e interpretar seus conteúdos do que descrevê-los, explicá-los.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada e a observação direta em diferentes contextos de escolas públicas municipais de Marabá.

Foram realizadas sessões de observações em sala de aula, e nos espaços de uso coletivo nas escolas. A observação utilizada foi direta intensiva, que segundo Severino (2007), consiste em examinar fatos ou fenômenos que será estudado utilizando os sentidos da obtenção de determinados aspectos da realidade. Pois o estudo envolve um processo relacionada à inclusão escolar de alunos com TEA, o que requer uma imersão na realidade educacional para melhor compreendê-la. Através da observação em sala foi analisado quais os tipos de atividades desenvolvidas e qual os métodos utilizados pelo professor, visando a relação aluno-

professor e por qual as situações que eles passam, qual a participação do aluno com TEA nas atividades realizadas em sala, e qual o comportamento do aluno mediante as atividades desenvolvidas. Foram realizadas entrevistas com as professoras do ensino comum, diretora, coordenadora e responsáveis pelos alunos com TEA participantes do estudo.

Segundo Severino (2007), as entrevistas não-diretivas consistem em colher informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. Bogdan e Bicklen (1994), afirma que a entrevista consiste numa conversa intencional entre duas ou mais pessoas, dirigida por uma dessas pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra ou outras. Bogdan e Bicklen (1994) referem que no início da entrevista é pertinente informar o entrevistado sobre o objetivo da entrevista e garantir-lhe a confidencialidade, para que o entrevistado se sinta confortável e não omita aspectos relevante.

As entrevistas foram realizadas e utilizadas tendo em vista identificar as atividades realizada pelo aluno com TEA e as práticas pedagógicas realizadas com ele. Desta forma, as entrevistas e as observações realizadas foram transcritas para extrair as informações necessárias.

Sobre entrevistas no campo dos estudos relacionados à educação especial Dias e Omote (2003), apontam que a entrevista vem sendo muito utilizada nesse tipo de estudo, principalmente quando se pretende compreender a percepção do sujeito diante de um objeto de estudo. Portanto, a opção por este instrumento justifica-se pela necessidade de conhecer o posicionamento dos professores, diretores e coordenadores sobre a inclusão de alunos com TEA no ensino comum.

Segundo Severino (2007), observação é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2018, com a duração de oito meses em duas Instituições educacionais públicas municipais em Marabá-PA. O processo investigativo transcorreu em quatro etapas, descritas a seguir: Etapa 1, procedimentos éticos da pesquisa; Etapa 2: Caracterização da política de educação especial, das instituições e participantes do estudo; Etapa 3: Acompanhamento e registros do

processo pedagógico nas escolas; Etapa 4: Análises e discussão dos resultados analisados.

O quadro a seguir apresenta um detalhamento do planejamento das etapas

Quadro 2: Etapas da pesquisa

ETAPAS	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS
1- Levantamento de Informação	<ul style="list-style-type: none"> Levantamento junto a SEMED- Secretaria Municipal de Educação, para identificar as escolas onde encontra-se matriculado os alunos com TEA. 	<ul style="list-style-type: none"> Após o levantamento, foi identificadas as escolas 01(uma) de educação infantil e 01(uma) ensino fundamental onde encontra-se matriculado os devidos alunos para solicitação de autorização de realização da pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> Foi elaborado um calendário de sessões diárias distribuído em cada escola.
2- Caracterização	<ul style="list-style-type: none"> Caracterização do local da pesquisa e identificação dos participantes da pesquisa 	<ul style="list-style-type: none"> Foi aplicado os questionários de caracterização das escolas; questionário de perfil das professoras participantes, questionário de perfil dos alunos com autismo 	<ul style="list-style-type: none"> Caracterização dos participantes da pesquisa.
3- Coleta de dados através da observação.	<ul style="list-style-type: none"> Observação não-participante das práticas pedagógicas aplicadas tanto em sala de aula como em todo o espaço da unidade escolar 	<ul style="list-style-type: none"> Foi utilizado o instrumento de registro no diário de campo, onde será anotada as impressões que teve e as observações realizadas durante a pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> Foi analisado a rotina dos alunos com TEA, relação professor-aluno e outros profissionais relacionados com a pesquisa, relação do aluno com TEA e os colegas de turma em sala e nos ambientes da escola.
4- Entrevistas estruturadas	<ul style="list-style-type: none"> Identificar as atividades realizada pelo aluno com TEA e as práticas pedagógicas realizadas com ele 	<ul style="list-style-type: none"> Foram realizadas entrevistas com as professoras do ensino comum e do atendimento educacional especializado dos alunos com TEA, participantes do estudo Foi realizada entrevistas com os responsáveis (família) pelos (dos) alunos com TEA 	<ul style="list-style-type: none"> As entrevistas foram transcritas e analisadas de acordo com as literaturas estudadas

Quadro adaptado da tese de Rabelo, 2016.

3.2 Contexto da pesquisa:

A pesquisa foi realizada no município de médio porte localizado ao sul do Pará: Marabá. A região de Marabá, inicialmente explorada pelos portugueses, ainda no século XVI, permaneceu sem ocupação definitiva durante quase 300 anos. Somente a partir de 1892 é que, de fato o espaço foi ocupado por colonizadores.

No processo de colonização liderado por Carlos Leitão, em busca de terras para a criação de gado, foram encontradas nas matas do rio Itacaiúnas, o Caucho. A notícia do surgimento da atividade seringueira espalhou-se rapidamente, e atraiu pessoas de vários Estados.

A cidade de Marabá surgiu em virtude dessa exploração como principal atividade econômica da época.

Além do Caucho, outros ciclos econômicos também impulsionaram o desenvolvimento socioeconômico, e conseqüentemente, o desenvolvimento populacional. Dentre eles o ciclo da borracha e o ouro.

De acordo com o censo realizado pelo IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010, o município contava com a população de 233.669 habitantes. A estimativa atual é de 275.086 habitantes.

O município de Marabá encontra-se localizado estrategicamente na mesorregião do Sudeste Paraense, a 500 m da capital Belém.

Atualmente, a cidade de Marabá divide-se em cinco núcleos urbanos distintos, são eles: Marabá Pioneira ou velha Marabá, localizada as margens dos rios Tocantins e Itacaiunas, Cidade Nova, Nova Marabá, onde os bairros recebem os nomes de folhas, São Felix I, II e III, e Morada Nova situados depois da ponte rododiferroviários sobre o rio Tocantins.

3.2.1. Locais do estudo:

O estudo foi realizado em duas instituições de ensino público municipal da cidade de Marabá-PA, o Núcleo de Educação Infantil Criança Feliz e a escola Municipal e Estadual do ensino Fundamental e Médio “Era uma Vez”.

A escolha dos locais para a realização da pesquisa se deu pelo fato de ter alunos com TEA matriculados e frequentando regularmente a sala do ensino comum.

Instituição educacional 1:

O N.E.I Criança Feliz estava localizado no bairro da Nova Marabá, o prédio era alugado pela prefeitura Municipal de Marabá, sob contrato de pagamento mensal. A Referida instituição era mantida pela prefeitura e com recursos destinados pelo Governo Federal PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) e PDE (Programa de Desenvolvimento da Escola).

A instituição surgiu a partir da necessidade da comunidade, pois na localidade, não existia nenhuma Instituição escolar da Rede Pública Municipal. Nesse contexto, como a população que tinha necessidade de acessar escolas públicas, era muito carente, os pais não tinham condições financeiras para arcar com escola particular para seus filhos estudarem.

Na ocasião em que ocorreu a pesquisa, a instituição encontrava-se construída com cinco salas de aulas climatizadas, todas de alvenarias e cobertas com telhas de barro, dois banheiros com vasos sanitários adequados para a idade das crianças e um banheiro para os funcionários, um pátio coberto, uma cozinha, um depósito, um corredor utilizado para guardar os materiais pedagógicos e o arquivo morto, além de um espaço improvisado para leitura no pátio da escola e uma secretaria onde funciona a parte administrativa da escola.

A referida escola começou a funcionar no dia 01 de fevereiro de 1984, ofertando turmas de pré-escola e de 1ª a 4ª série, no turno matutino e vespertino e no período noturno a escola funcionou como alfabetização de jovens e adultos.

Inicialmente a escola funcionou como extensão de uma escola localizada na folha 27, porém, ao ser feito um balanço da quantidade de alunos que a escola atendia, observou-se que o número existente era mais que suficiente para montar novas turmas. A partir de então, a escola deixou de ser anexo.

A escola ficou desativada por um período de cinco anos, voltando suas atividades no ano de 1996, e a partir de 2015 passou a atender exclusivamente a Educação Infantil.

Na ocasião da pesquisa, foi informado que o N.E.I. atendia cerca de 197 crianças matriculadas no maternal, jardim I e jardim II, desse total de alunos encontrase matriculados e ativos 5 crianças com deficiência, a escola não possui sala de recursos multifuncionais, porém, os alunos eram atendidos nas escolas mais próximas que possuem Salas de Recursos Multifuncional no contra turno.

A escola possui um diretor, um secretário, um coordenador pedagógico, seis professores, quatro vigias, quatro agentes de serviços gerais e duas merendeiras.

A sala de aula do maternal, onde foi realizada a pesquisa possui 16 alunos sendo um autista. A sala possui uma central de ar, cadeiras e mesas pequenas adequadas à estatura das crianças, nas paredes da sala contém um abecedário em forma de centopeia, os numerais, uma árvore com os meses para os aniversariantes do mês, dois ventiladores e formas geométricas.

Instituição educacional 2:

A escola E. M. E. F. “Era Uma Vez”, situa na mesma localidade do N.E.I. é e mantida pela esfera estadual e municipal e com recursos do programa Mais Alfabetização, conforme informações disponibilizadas pela gestão.

A escola surgiu no ano de 1990, no governo do ex-prefeito Nagib Mutran Neto, atendendo a reivindicações dos moradores da folha X, no intuito de atender aos alunos até então matriculados em outra escola. Mediante a essa situação, os alunos foram transferidos ficando a atual escola desativada por um período.

A escola foi construída com doze salas de aulas, todas de alvenarias e cobertas com telhas de barro, dois banheiros e um banheiro para os funcionários, um pátio coberto, uma cozinha, um refeitório, um laboratório de informática, uma quadra descoberta e uma secretaria onde funciona a parte administrativa da escola.

Atendia cerca de 503 alunos matriculados no ensino fundamental do 1º ao 5º ano, desse total de alunos encontra-se matriculados e ativos 28 alunos com deficiência. A escola possui uma sala de recursos multifuncional que atendiam os alunos da escola e alunos das escolas das proximidades no contra turno de aula dos alunos.

A escola conta com um diretor, um vice-diretor, dois coordenadores pedagógico e um orientador pedagógico, dois secretários, quinze professores, quatro vigias, quatro agentes de serviços gerais e duas merendeiras para o funcionamento do ensino fundamental.

A sala de aula do 2º ano C em que foi realizada a pesquisa conta com 30 alunos sendo um aluno autista, um aluno com deficiência auditiva, um aluno com deficiência intelectual e um aluno com dislexia.

A sala e ampla possui quatro ventiladores, quatro janelas, um armário, cantinho da leitura, o alfabeto na parede da sala e uma lista com os nomes dos alunos, as cadeiras comumente, organizadas em quatro fileiras.

Podemos destacar que a mobilização da comunidade influenciou de forma bastante positiva na construção dessas instituições de ensino.

3.3. Participantes do estudo

Neste estudo participaram do processo de coleta de dados: dois alunos autistas matriculados no ensino comum, duas professoras regentes da sala, uma coordenadora pedagógica, uma diretora, a avó do Sergio e a mãe do João.

Visando a preservação das identidades dos sujeitos envolvidos na pesquisa e por questões éticas os nomes foram substituídos por nomes fictícios conforme tabela abaixo.

Quadro 3. Participantes na pesquisa

Participantes/ Função	Nomes fictícios
Aluno do N.E.I. “Criança Feliz”	João
Aluno da Escola “Era uma vez”	Sergio
Professora escola “Criança feliz”	Carla
Professora escola “Era uma vez”	Joana
Coordenadora pedagógica “Era uma vez”	Eva
Diretora N.E.I. “Criança Feliz”	Lina
Mãe do João	Jaqueline
Avó do Sergio	Socorro

A professora da N.E.I. “Criança Feliz” denominada aqui como Carla, possui como formação inicial o magistério cursado no ano de 2000 na escola Gaspar Viana, e possui curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). A professora atua há 15 anos da área da educação. Afirmou que não participou de habilitações na área da Educação Especial durante sua graduação e nem após formada, participava somente das formações oferecidas mensalmente pelo município, não utilizava novas tecnologias no apoio às aulas, participava de atividade gerais da escola tais como: reuniões administrativas, hora pedagógica coletiva e atividades sociais e culturais. A professora relata que não era elaborado um plano individual para o aluno com TEA e que não observava o aluno na sala de recurso multifuncional. A professora relata que não existia formação continuada para os profissionais que lecionavam para alunos

com necessidades educacionais especiais no ensino comum, e que os conteúdos da SRM não são os mesmos da sala regular.

A professora da escola “Era uma Vez” denominada aqui como Joana, possui como formação inicial o Magistério cursado na escola Gaspar Viana, e possui curso de Pedagogia, e que durante sua formação, não fez habilitação na área da educação especial, cursou pós-graduação em Psicopedagogia, participou de cursos de atualização como alfabetização de adultos, Vale do Rio Doce e outros. Reiterou que nunca participou de cursos na área da Educação Especial. Atua há 22 anos na área da educação, não fazia uso de novas tecnologias no apoio as aulas, participava de atividade gerais da escola tais como: reuniões administrativas, hora pedagógica coletiva e atividades sociais e culturais. A professora relatou que era elaborado um planejamento individual para o aluno com TEA. Informou ainda, que não observava Sergio na Sala de Recursos, pois no momento em que o aluno com TEA estava na sala recursos, ela estava em aula com outros alunos. A professora informou que as vezes o conteúdo da Sala de Recursos é o mesmo da sala regular, explicando que os métodos utilizados por ela para trabalhar as necessidades dos alunos são pintura, caça palavras, recortes e colagens dependendo do grau de dificuldade de cada aluno.

João está atualmente matriculado no maternal do N.E.I. e também frequentava a APAE. Foi diagnosticado com TEA, grau leve (nível 1) aos 2 anos de idade. Ingressou na escola regular com 3 anos de idade. João expressava ser uma criança alegre gosta de estar na presença de seus colegas de classe, gosta de ajudar os colegas nas tarefas de sala, já desenvolveu hábitos e atitudes próprias do convívio social. Diante das sessões de observação, foi possível identificar que as interações em sala de aula oportunizaram trocas que resultavam em aprendizagem significativas para ele. Nas atividades em grupo realizava sem o auxílio da professora, no entanto, não realizava atividades individuais sozinho, não apresentava função motora fina bem desenvolvida, e apresenta dificuldade na marcha.

João encontrasse no nível pré-silábico, não faz associação da letra a figura e ainda não consegue identificar as letras do alfabeto e nem as formas geométricas.

Sergio aluno autista da escola Era Uma Vez, no período em que se desenvolveu a pesquisa encontrava-se matriculado no 2º ano C. A turma é composta por 28 crianças, O aluno alvo do estudo, foi diagnosticado com TEA de grau moderado (Nível 2) aos 4 anos de idade, ingressou na escola aos 4 anos de idade. Ao observar o comportamento de Sergio, foi possível identificar que o mesmo é uma criança alegre

que revela satisfação em estar na presença dos seus colegas de classe. Demonstrou ter desenvolvido hábitos e atitudes próprias do convívio social. As interações em sala de aula oportunizam trocas que resultam em aprendizagem significativas para ele, nas atividades em grupo e nas atividades individuais ainda não realiza atividades sem o auxílio da professora.

Quanto ao aspecto psicomotor, Sergio não apresentava função motora fina bem desenvolvida, não tinha uma boa coordenação motora fina ao traçar as letras e possui marcha eficaz fazia uso de ambas mãos, no entanto, não segurava o lápis corretamente, e nas atividades de recorte e colagem ainda não faz uso apropriado no momento de recortar de forma alinhada o contorno das formas desenhadas.

Quanto ao aspecto cognitivo, referente ao nível de hipótese de escrita, encontrava-se no nível pré-silábico, faz associação da letra a figura, identifica as letras do alfabeto em partes e identifica as formas geométricas, identifica os números não em sequência, não identifica os dias da semana e não possui limites na pintura, ainda não recorta com autonomia.

3.4. Instrumentos da pesquisa

No processo de desenvolvimento da pesquisa, foram sistematizados instrumentos para orientar a condução da investigação em duas instituições de ensino públicas municipais em Marabá.

1. Coleta de dados com a gestão municipal

Foi encaminhado um ofício para a Secretaria municipal de Educação solicitando a relação das instituições educacionais onde encontra-se matriculados crianças com TEA.

2. Coleta de dados com os participantes da pesquisa

Questionário de perfil do aluno aplicado com o responsável legal do aluno com TEA e professores do ensino comum, questionário de perfil do professor do ensino comum, questionário de caracterização da escola realizado com os gestores das instituições educacionais.

3.5. Materiais e equipamentos

- **Diário de Campo**

Nos dias de observação nas escolas foi utilizado o diário de campo para realizar as anotações.

- Gravador
O gravador foi utilizado durante as entrevistas que foram transcritas posteriormente na íntegra.

3.6 Procedimentos da pesquisa

Considerando o foco do estudo de analisar como os alunos com TEA estão participando do processo de escolarização no sistema municipal de ensino, foram desenvolvidos procedimentos científicos para coleta distribuídos em quatro etapas.

A primeira etapa do estudo, consistiu na adoção de princípios éticos para a realização da pesquisa, que iniciou em março com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE e solicitação de autorização pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED e posteriormente, com a informação das instituições de ensino, foram apresentados TCLE às gestoras e professoras das escolas integrantes do estudo. A finalidade e método da pesquisa foram apresentados aos colaboradores, assim como possíveis benefícios e potenciais riscos no processo investigativo.

Na segunda etapa da pesquisa, foi realizado em um levantamento junto a SEMED- Secretaria Municipal de Educação, na qual foi identificado as escolas, as quais possuíam alunos com TEA matriculados. Com o levantamento de dados, foram selecionadas duas instituições de ensino: um núcleo de educação infantil que recebeu o nome fictício: “N.E.I Criança Feliz” e uma escola, denominada “Era uma vez”. Após a identificação das escolas foi realizada visitas as escolas para solicitar autorização da realização da pesquisa e apresentação da finalidade da pesquisa.

No primeiro contato com a equipe do N.E.I “Criança Feliz”, no mês de abril foram repassadas as informações sobre as dificuldades encontradas pelas escolas para a inclusão escolar dos alunos com deficiência. Neste N.E.I. a pesquisadora foi recebida pela coordenadora, que orientou o retorno em outra data ,pois a mesma iria conversar com a diretora sobre a realização da pesquisa.

O retorno na instituição se deu conforme a data 19/04, acordada, contudo, não foi possível iniciar a pesquisa pois a diretora e a coordenadora estavam em formação. Retornado na semana seguinte, ocorreu a conversa com a diretora do Núcleo, a qual assinou a autorização de pesquisa, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, em seguida conduziu a pesquisadora, até a sala do Maternal,

na qual estava o aluno com TEA, nesse momento, iniciou-se as sessões de observação na sala de aula do ensino comum.

No mês de abril a pesquisadora se fez presente na escola “Era Uma Vez”, momento no qual a diretora assinou a autorização de pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Cumpre destacar, que houve ressalvas, pois, a vice-diretora informou que talvez haveria dificuldades no desenvolvimento da pesquisa, pois as professoras não gostavam de participar de pesquisas. Na sequência, informou que só seria possível iniciar a pesquisa na semana seguinte, pois a professora da sala que iria ser realizado a pesquisa estava de atestado o dia 23/04.

A pesquisa teve duração de 8 meses, nos meses de abril, maio, outubro e novembro de 2018. Para efeito de uma melhor compreensão a respeito do cronograma da pesquisa, o quadro abaixo explicita a periodicidade em que ocorriam as sessões de observações:

Quadro 4 Sessões de observação e entrevistas

Sessões de observação e entrevista	
Dias da semana	Escolas
Segunda-feira	N.E.I Criança Feliz
Terça feira	N.E.I Criança Feliz
Quarta-feira	Escola Era Uma Vez
Quinta-feira	Escola Era Uma Vez
Sexta-feira	Entrevista conforme disponibilidade do participante

As ações planejadas dessa pesquisa foram dificultadas, em consequência dos feriados municipais, formação de professores e reuniões da escola que não estavam previstas e por motivo de saúde da pesquisadora.

Devido os empecilhos encontrados no decorrer da pesquisa, as observações e entrevistas foram executadas e registrado no diário de campo no mês de abril e maio no N.E.I “Criança feliz” e no mês de outubro e novembro na escola “Era Uma Vez” conforme disponibilidade das escolas e dos participantes da pesquisa.

Capítulo IV

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa aqui desenvolvida teve como questão central “Como tem se desenvolvido o processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no sistema municipal de ensino em Marabá? ”, os resultados foram construídos com base em eixos temáticos:

- a) Compreensões e reflexões sobre a política de inclusão escolar;
- b) Prática pedagógica desenvolvida na escola Era uma vez considerando as demandas específicas do aluno Sérgio;
- c) Prática pedagógica desenvolvida na escola Criança Feliz considerando as demandas específicas do aluno João;
- d) Dificuldades enfrentadas pelas escolas no processo de escolarização de alunos com TEA;
- e) Potencialidades para o processo de inclusão escolar dos alunos com TEA.

No texto que se segue serão apresentados os resultados principais a que se chegou com o estudo. Identificou como tem se dado o processo de inclusão dos alunos com TEA e analisou-se esse processo trabalhando com a realidade de duas instituições educacional da rede municipal de ensino de Marabá.

a) Compreensões e reflexões sobre a política de inclusão escolar

Ao considerarmos os perfis dos alunos que participaram do estudo, é possível compreender suas demandas por apoio especializado e propostas didáticas necessárias para o processo de escolarização.

O aluno João faz uso de ambas mãos, no entanto não possui uma função motora bem desenvolvida e nem segura o lápis corretamente, nas atividades de colagem não consegue recortar corretamente o contorno solicitado

Quanto ao aspecto cognitivo João encontrasse no nível pré-silábico, não faz associação da letra a figura e ainda não consegue identificar as letras do alfabeto e nem as formas geométricas.

Referente ao aluno Sergio, não apresentava função motora fina bem desenvolvida, não tinha uma boa coordenação motora fina ao traçar as letras e possui marcha eficaz fazia uso de ambas mãos, no entanto, não segurava o lápis

corretamente, e nas atividades de recorte e colagem ainda não faz uso apropriado no momento de recortar de forma alinhada o contorno das formas desenhadas.

Quanto ao aspecto cognitivo, referente ao nível de hipótese de escrita, encontrava-se no nível pré-silábico, faz associação da letra a figura, identifica as letras do alfabeto em partes e identifica as formas geométricas, identifica os números não em sequência, não identifica os dias da semana e não possui limites na pintura, ainda não recorta com autonomia.

Considerando que a proposta de educação inclusiva assumiu o conceito de “escola para todos”, em referência ao conjunto de estudantes que vem sendo tradicionalmente marginalizados pela escola, considerados todos como estudantes com “necessidades educacionais especiais” Mendes (2017), os alunos com TEA, tem direito a um currículo com adequação, necessita de Atendimento Educacional Especializado.

Alunos com grande déficit em sua habilidade de comunicação verbal podem requerer alguma forma de comunicação alternativa. A escolha apropriada do sistema depende das habilidades da criança e do grau de comprometimento. Sistemas de sinais têm sido amplamente utilizados nos casos de crianças autista.

Na entrevista com a professora Carla, identificamos uma análise crítica sobre como o processo de inclusão escolar tem sido instituído na realidade vivida pelo aluno João. Pontuou que formação inicial em Pedagogia, não prepara para atuação na perspectiva da inclusão educacional:

Porque na verdade a criança é incluída no espaço, o sistema não oferece a inclusão de fato tipo preparação do professor, preparação do acompanhante do espaço, são essas as grandes dificuldades, o próprio curso de pedagogia não te prepara, te apresenta mais não te prepara essa e a principal dificuldade que a gente encontra porque a inclusão é dentro da sala e só colocar a criança na sala aí e um Deus nos ajuda. (Carla 8-3)

Considerando os pressupostos da política de educação inclusiva, o processo de incluir, não é somente matricular. Ao utilizar a expressão “um Deus nos ajuda”, parece expressar sua concepção sobre os desafios que enfrentava para escolarizar seu aluno com TEA.

A este respeito Beyer (2006) reitera a fala da professora Carla, ao afirmar que os professores se sentem despreparados. Para o autor, faltam a estes uma melhor compreensão acerca da proposta de inclusão escolar, melhor formação conceitual e condições mais apropriadas de trabalho

A inclusão escolar, não é apenas a colocação do aluno na sala, é necessário disponibilizar uma rede de apoios para garantir as condições de acessibilidade e princípios inclusivos. Há problemáticas que no contexto escolar, que tem impossibilitado a efetivação da inclusão educacional: as salas são superlotadas, há falta de formação continuada e os Sistema de Ensino não tem dado seguridade de condições exigidas pela legislação da Educação Inclusiva.

Ao entrevistarmos a professora Joana que possui o aluno Sérgio com TEA numa escola de Ensino Fundamental, a mesma descreve o contexto de sua sala de aula e os inúmeros desafios que enfrenta no dia a dia escolar:

[...] eu não gosto de problemas diferenciados na mesma sala, assim tinha que colocar autista junto com autista, DI junto com DI, porque aí eu vou conversar com ele aí vou fazer uma atividade direcionada para ele, vou conversar direitinho como que se trabalha ele, porque aí se colocar autista síndrome de Down e daí tudo junto em uma sala o professor não dá conta, porque existe outros problemas dentro de sala de aula aí não dá para ver avanço, no caso aqui eu tenho um aluno que tem problema familiar, tem criança com dificuldade de aprendizagem. Quando tem muita criança especial na sala não dá para haver inclusão, porque a sala fica muito desconfortável para eles porque tem que falar com calma, com voz moderada, o tom de voz para que a criança possa avançar e tentar resolver os probleminhas deles eu já tive criança autista saindo daqui lendo e lendo bem. Inclusão eu concordo, mas não colocar vários tipos de inclusão dentro de uma sala só. (Joana 5-16)

Esse contexto descrito pela professora Joana revela que a inclusão escolar deve implicar num sistema educacional que atende as diferenças dos alunos incluídos respeitando suas necessidades. O professor como os demais membros da escola deve estar atualizando sua atuação como facilitador do processo ensino aprendizagem para identificar as necessidades educacionais dos alunos incluídos.

Compete à escola adaptar-se para atender às capacidades e necessidades do estudante na classe comum, mobilizando ações e práticas diversificadas que, além do acesso, propicie condições de permanência exitosa no contexto escolar. (KELMAN, et al, 2010, p. 226)

A diretora Lina do N.E.I. “Criança Feliz” faz apontamentos e avaliações sobre o despreparo das professoras para atuar com alunos público alvo da educação especial e explica:

Na verdade tem hora que eu até, como eu te falei que os professores tem dificuldades de trabalhar, eu nem sei se eles são inclusos, até que tem um como eu te falei que ele participa ne, o professor quando ele estuda, mais e com muita dificuldade por ele não ter esse conhecimento. (Lina 80-83)

Essas mesmas dificuldades são apontadas por BEYER (2007, p. 80)

O professor em sala de aula é peça fundamental para que a ação educativa junto aos alunos com necessidades educacionais especiais tenham margem razoável de sucesso. Assim, tanto a formação inicial como a formação continuada do professor em serviço deve englobar conceitos e uma prática pedagógica que criem as condições para uma prática educativa coerente com o projeto inclusivo

Um dos pontos centrais abordados sobre os desafios do processo de inclusão escolar, nas falas das professoras e que é reiterado pela diretora é sobre as lacunas na formação de professores. Está previsto na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) que para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas. Assim como a LDBEN 9394/96 nesse mesmo sentido, ressalta que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos, professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 1996).

Ao realizar um comparativo entre a realidade das escolas que atendem alunos com TEA, e o que está previsto na legislação vigente, não são garantidas as condições necessárias para que a inclusão escolar seja considerada efetiva.

A professora Carla descreve o que seria necessário para que uma escola apresente condições para incluir todos os alunos:

Acredito que nem uma deficiência nem uma escola está preparada. Teria que ser muito investimento no material, no pessoal, na estrutura em si, na estrutura física da escola, nos recursos para escola, no pessoal seria muita coisa. (Carla 22-25).

A professora Joana demonstra sua preocupação com a realidade da escola “Era Uma Vez”, e destaca as demandas de formação que um professor para atuar com alunos com deficiência, além de destacar que a presença do estagiário que acompanha o aluno Sérgio, é decisiva para seu trabalho pedagógico.

Mais conhecimento sobre o tipo de autismo que as crianças têm ou outras deficiências também, porque se a criança tem um problema físico é mais fácil, o problema da mente intelectual é mais complicado, então se tivesse mais formação ajudaria porque a demanda com alunos especiais está muito grande e não é só aqui na escola é em todas as escolas da rede Municipal, nós estamos dando o melhor de nós para adequar, mas que é difícil. Tem avanço? Tem! mas devido às auxiliar que a gente tem, exemplo se eu não

tivesse um auxiliar aqui eu não dava conta não, eu fiquei sem auxiliar o primeiro semestre inteiro eu até adoeci (Joana 40-47).

Ao se analisar as considerações da professora Joana ressaltamos que mesmo após tantas lutas a Educação Inclusiva, ainda não se consolidou como deveria, se constituindo em um grande desafio para a educação, tais como o acompanhamento individualizado daqueles alunos que necessitam de auxílio em seu desenvolvimento.

Eu acho que não de forma alguma porque acho que a criança deveria entrar na escola e já ter pessoas preparadas para atendê-la da forma adequada porque na verdade nem um professor que está na sala de aula tem essa preparação, a formação que eles recebem, eles não recebem, o que eles recebem e uma formação continuada não tem uma formação específica para receber essa criança então a gente tem sim essa dificuldade. (Lina 24-29)

As considerações realizadas pela diretora Lina estão em consonância com o que está previsto na legislação sobre a política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Os sistemas de ensino precisam se transformar para se tornarem inclusivos tal como expresso na LDBEN 9394/96 (BRASIL, 1996) haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de Educação Especial.

É preciso pensar caminhos no coletivo da escola e atuação dos sistemas de ensino de modo responsável e operacional. Há um abismo notório entre a legislação e a realidade da inclusão educacional nas escolas. Tal como reflete a coordenadora pedagógica Eva:

Ainda tem muita coisa para melhorar, você está vendo aqui uma escola que por enquanto, a sala está ampla mas poderá ver por aí uma escola que não é assim né, você poderá ir em outras escolas que não é assim, que até o acesso para você chegar lá fica assim a desejar inclusive outras coisas que pode ter. Eu não falo assim, das escolas aqui por perto, que eu conheço, eu falo de outras que as colegas falam nas formações que a gente faz, as dificuldades em que elas encontram lá para lidar com os alunos ditos normais imagine os outros. (Eva 16-22).

Os desafios em relação a materialidade dos princípios da educação inclusiva permanecem recorrentes no discurso das participantes do estudo portanto se faz necessário que, os órgãos educativos programem um currículo que atendam às características dos alunos.

Capacitar os professores e as escolas a trabalhar com um currículo que responda a estas exigências é, pois, o grande desafio que se coloca à própria escola e aos serviços de apoio”. Planificar a aprendizagem e a participação de todos os alunos sem recorrer a respostas estereotipadas e pré-definidas,

procurar as melhores formas de adaptar ou modificar o currículo à diversidade das necessidades dos alunos, trabalhar em articulação com outros profissionais ou serviços, promover a colaboração e partilha de informações e experiências entre professores, dinamizar a produção de materiais curriculares, a observação mútua de aulas, a emergência de parcerias pedagógicas, incentivar a experimentação e inovação pedagógica. (CORREIA, 2008, p. 47).

b) Prática pedagógica desenvolvida na escola “Era uma vez” e as demandas específicas do aluno Sérgio

No que concerne a caracterização da prática pedagógica com o aluno Sérgio na escola “Era uma vez”, foi possível identificar a partir das observações em sala, que existe um horário fixo para as aulas, além de cronograma para as disciplinas do currículo, incluindo a Educação Física, que ocorre no pátio da escola. Compondo a rotina escolar, há a aula de informática no Laboratório de Informática.

No contexto da sala de aula do ensino comum, quanto a organização, as cadeiras ficam dispostas em fileiras, apenas com alterações realizadas para fins de inserção de duas estagiárias que acompanham alunos com deficiência e TEA, incluindo Sérgio. Ao final das fileiras, as estagiárias sentam-se pareadas as carteiras de um aluno com TEA e um aluno com deficiência intelectual.

As estagiárias acompanham esses alunos em todas as atividades, inclusive auxiliam na alfabetização.

A estagiária fica ao lado do aluno com TEA e o auxilia nas atividades, bem como na hora de beber água e de ir ao banheiro, no momento da Educação Física e Laboratório de Informática. Em relação a questão da interação com os colegas, foi possível observar que Sergio mantém um vínculo maior com um aluno que tem deficiência, uma vez que as estagiárias estão sempre juntas. O aluno não expressa afetividade com as outras crianças da sala, pois o comportamento de Sérgio se altera quando é contrariado.

Na declaração da Avó de Sérgio que participou da entrevista, temos um depoimento de melhora significativa no desenvolvimento do aluno:

Acho que na escola, ele melhorou muito a socialização porque ele não é muito de se adaptar com as outras crianças, só com as daqui de casa mesmo, então no colégio ele tá aprendendo a se envolver com outras crianças porque assim no colégio as outras crianças sempre mexe com ele, ou toma alguma coisa dele, aí ele não fica muito com as outras crianças porque ele se estressa muito rápido. Assim se ele for correr jogar bola com as outras crianças, ele quer toda hora pegar a bola e quando ele não consegue ele fica logo com raiva, então é um pouco difícil de se socializar até mesmo no colégio, mas mesmo assim no dia que é física a professora, a auxiliar coloca

ele lá, coloca ele no meio dos meninos para correr para pular, e interagir com as outras crianças então ele já desenvolveu bastante. (Socorro 69-78).

Referente a análise do planejamento da prática pedagógica. Durante a entrevista, Joana relatou que elaborava atividades diferenciadas e que trabalha outros métodos com o aluno. Ao considerar os momentos observados na pesquisa, foi possível perceber que todas as atividades realizadas por Sérgio, comumente são levadas pela estagiária, que o acompanha e ajuda a resolvê-las, as atividades não passam por adaptações específicas feita pela professora Joana.

No processo de intervenção com o aluno Sérgio, a estagiária realizava a leitura do comando da atividade, e explica para Sérgio como fazer a atividade.

As atividades elaboradas pela estagiária abrangem pinturas e escrita, todas as atividades relacionadas ao nome do aluno. Na realização da atividade não houve uma cobrança, a estagiária e a professora Joana deixavam Sergio bem à vontade ele só fazia a atividade quando estava disposto.

Embora na entrevista da professora Joana houve menção de fazer uso de materiais adaptados para trabalhar com o aluno com TEA, contudo, durante as sessões de observação, não foi identificada a presença de tais materiais didáticos com adequações específicas, houve uma situação de ensino na qual a professora trabalhou com uma corda e as tampas de garrafa pet.

A professora de Sérgio, apresenta uma descrição de procedimentos interessantes que informa desenvolver:

Eu trabalho, eu gosto de dar bola para ele, para ele trabalhar a coordenação motora, eu gosto de dar corda para ele pular, eu gosto de dar outros materiais assim como o ábaco, eu do livro, tampinha, caça-palavra, dependendo do grau do autismo e dependendo do desenvolvimento da criança. (Joana 97-100).

Nesta perspectiva, segundo a pesquisa de Camargo e Bosa (2012), existem alguns comportamentos da criança com autismo que evidenciam a urgência da implementação de práticas pedagógicas que levem em conta as especificidades e dificuldades da criança. Consequentemente, segundo os autores é de fundamental relevância o conhecimento acerca das particularidades no desenvolvimento de crianças com transtornos do espectro autista, bem como o conhecimento do nível “evolutivo” da criança para que estratégias e ações pedagógicas respeitem e potencializem suas habilidades, garantindo a real inclusão das crianças com TEA Camargo e Bosa (2012).

Sobre as atividades descritas pela professora, o perfil do aluno e suas demandas específicas é possível inferirmos que de acordo com Bosa (2006) o planejamento deve ser estruturado de acordo com as etapas de vida da criança, portanto, com crianças pequenas, a prioridade deveria ser terapia da fala, da interação social/linguagem, educação especial e suporte familiar. Já com adolescentes, os alvos seriam os grupos de habilidades sociais, terapia ocupacional e sexualidade.

Os alunos com TEA requerem atenção especial que favoreça seu desenvolvimento por meio de atividades diferenciadas e específicas no contexto da educação escolar. A referida premissa tem como base princípios da Teoria Histórico-Cultural, em especial aqueles voltados para aspectos do desenvolvimento humano com ênfase na educação escolar. Segundo essa teoria, o ensino propicia avanços na aprendizagem graças ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores eminentemente humanas, como consequência de um processo dinâmico e dialético (COSTA, BRANDÃO, 2014, p. 189/190).

Sobre desenvolver uma prática pedagógica inclusiva, a professora Joana, destaca suas dificuldades e como aprendeu com Paula

Eu senti muita dificuldade porque eu não tinha experiência, como eu te disse antes né com a chegada da Carla que inclusive eu até recusei que eu não queria que ela viesse para minha sala eu estava muito contrariada mas ela foi a minha salvação, ela abriu as portas para o conhecimento maior do autista ela me ensinou como trabalhar com ele, colocou um cartaz com o um momento de oração, momento de ir ao Recreio, momento de fazer a tarefa, terminou guardar o caderno, e com isso o autista fica organizado e com isso eu vi que eles aprenderam a valorizar o que é deles, não deixa ninguém mexer (Joana 76-83).

Nas declarações da professora Joana, revelou conhecer sobre o perfil do aluno com TEA, inclusive citando sobre a rotina, materiais didáticos, contudo, apesar de demonstrar esse entendimento, no cotidiano da sala de aula, na prática pedagógica desenvolvida não se observou arranjos de rotinas, materiais visuais que auxiliassem o aluno em seu aprendizado, assim como o não se observou o uso de materiais didáticos que propiciasse a participação efetiva do aluno no aprendizado do currículo escolar. Para o aluno com TEA é necessário antecipar sua rotina, o que verão na sequência das atividades.

Apesar do grande esforço e dedicação que a estagiária demonstra ter com o aluno, a elaboração das atividades deveria ser feita pela professora ou em um trabalho coletivo, professor da sala de recursos multifuncional, professora regente e ajuda da estagiária, poderia ser em momentos de planejamento e no momento das aulas a estagiária atuaria como apoio à professora e não responsável direto pelo aluno.

A professora Joana informou que o planejamento de aula, é igual para toda turma, não há adaptações específicas para os alunos com deficiência.

A coordenadora pedagógica EVA, (52-59) explicou em sua entrevista que os alunos com TEA comumente são inseridos em tudo que ocorre na escola. Informou que há diferenciações nas atividades, o que mostra uma certa discordância com o que informou a professora sobre fazer um planejamento padrão para toda turma.

No planejamento, nas atividades, nas brincadeiras nas atividades extraclasse e em tudo o que a gente vai fazer aqui na escola de atividades extraclasse a gente está sempre inserindo esses alunos dentro das suas limitações dentro das suas possibilidades. Com atividades diferenciadas para eles ao grau do desenvolvimento de cada um e nas outras que eu te falei, nas atividades extraclasse dependendo do grau de cada um, e eles vem no horário oposto para estar participando aqui da sala do AEE com as outras professoras que tem especialização.

c) Prática pedagógica desenvolvida no N.E.I. “Criança Feliz” considerando as demandas específicas do aluno João;

A instituição educacional “Criança Feliz” possui uma rotina bimestral, com as atividades diárias a serem desenvolvidas em sala. O espaço do N.E.I. é pequeno, assim todas as atividades da turma do aluno João, concentra-se na sala de aula.

Durante todo o período de realização da pesquisa, o aluno não teve auxílio de uma estagiária para acompanhá-lo. Na sala para obtenção de mais espaço para o desenvolvimento das atividades, foi preciso que as cadeiras da sala de aula ficassem encostadas nas paredes ou em cima das mesas.

João participava das atividades realizadas em sala conforme suas possibilidades, a professora Carla costumava dedicar atenção e o aluno João, fazia solicitações a professora quando deseja sair para ir ao banheiro ou beber água. O banheiro e o bebedouro, ambos ficavam em frente da sala de aula, assim a professora fica observando João até que o mesmo retorne para a sala.

Cada autista tem suas particularidades, é importante ressaltar que entre os sintomas mais comuns está a dificuldade de comunicação e interações sociais, o interesse obsessivo e comportamentos repetitivos, isso quer dizer que uma criança autista não será como a outra, algumas tem autismo leve outras já têm muita dificuldade de interação. Assim como afirma MENEZES,

O autista sente dificuldade em si relacionar ou se comunicar com outras pessoas, uma vez que ele não usa a fala como um meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ele que não interage fora dele. (MENEZES, 2012, p.25)

Em relação aos colegas de sala, João contraria o autor pois o mesmo interagiu com todos em especial com Fábio. As outras crianças demonstram compreender que João era “especial”, e sempre mantinha um vínculo muito forte de amizade, João está sempre envolvido em todas as brincadeiras, tanto na sala quanto no pátio da escola na hora do recreio, dessa forma percebeu-se como é importante estabelecer esses vínculos com a escola e os colegas.

De acordo com o relato de Jaqueline da mãe de João, a maior dificuldade de trabalhar com seu filho, tem sido a superproteção e quando ele se apega à um colega ou algo material.

Em relação ao comportamento dele, a dificuldade de trabalhar com ele em sala, nem precisa mais falar, eu percebo, como ele tem essa, como que eu vou dizer, o Fábio então se o Fábio tiver na sala ele gruda no Fábio, ele quer proteger o Fábio das outras crianças então muitas vezes atrapalha no desenvolvimento da atividade, só que a professora fala assim que, ele não faz a atividade só que ele fica prestando atenção, quando é coisa que ele gosta ele não quer parar de fazer, então assim é nesse sentindo, só que ela nunca, mais a questão e assim, então a questão e que ele fica agressivo assim se você for pegar o Fábio dele no caso então se for outra criança chegar perto do Fábio ele impura então é difícil, tem um pouquinho de dificuldade pra trabalhar com ele em sala, ele acha que ele tem que proteger o Fábio tem que ficar ali e ninguém pode tocar. Assim é igual se você der isso aqui pra ele (a entrevistada mostra o celular) ele cuida com maior carinho. (Jaqueline 128-139)

Para entender melhor o aluno e conseguir lidar com ele, é necessário conversar com a família e pedir um relatório que mostra o que ele gosta, quais os interesses e preferências, o que desagrada, entre outras coisas havendo este diálogo entre ambas as partes a professora poderá realizar atividades que desperte o interesse do aluno e sua aprendizagem.

Em relação ao planejamento não tem atividades específicas para o aluno com TEA a professora sempre procura incluí-lo nas atividades já programadas.

Segundo Lina o plano pedagógico da escola é único, no entanto, tem uma parte que contempla as crianças Público Alvo da Educação Especial. As práticas pedagógicas voltadas para as ações coletivas e interativas mostraram-se possíveis e apontaram as possibilidades de superação das dificuldades consideradas inerentes ao autismo.

A diretora Lina relata que os professores junto com a coordenação da escola estão sempre procurando uma maneira de envolver os alunos com TEA e os alunos com outras necessidades que se encontram matriculados na escola, nas atividades desenvolvidas em salas.

O professor não tem formação pra isso né mais nós procuramos ver com o professor, as vezes eles vem pra cá pra gente pesquisar para procurar ver de que forma é melhor pra se trabalhar porque nós não temos só autista nós temos também crianças que não ouve aqui na escola e ai até que o primeiro ano foi muito difícil só que agora nós já descobrimos muitas coisas sobre os autistas, a gente sabe que eles gostam de música, a gente sabe que eles usam bastante o corpo que eles gostam de usar certos materiais então o professor procura solucionar, procura estudar a respeito do que eles gostam faz essa observação, [...] mais e assim e o professor mesmo buscando é assim, na verdade esse ano já teve uma diferença também na questão da formação, tem um período que eles vem até a escola e o professor da sala comum passa as dificuldades que está tendo na sala pra professora da sala de recurso, quando a criança ja vem com o laudo ele é encaminhado para sala de recursos, além dele estudar aqui na sala comum ele vai pra uma sala de recurso, ai o professor vem até a escola, o professor da sala de recurso pra saber qual a dificuldade que o professor está tendo, pra ver se está batendo o desenvolvimento da criança, esse ano já teve essa mudança muito significativa, muito boa. Agora já está tendo essa parceria que antigamente era muito difícil não tinha (Lina 87-107).

Apesar da diretora Lina relatar em entrevista sobre as visitas que a professora da Sala de Recurso faz a escola para saber das dificuldades que a professora da Sala Comum tem com o aluno, não foi possível presenciar uma dessas visitas no período de duração da pesquisa.

A professora Carla mencionou durante entrevista que faz uso de materiais adaptados para trabalhar com o aluno com TEA, contudo, não foi observado esses materiais mencionados ao longo das sessões de observação.

Houve práticas com a musicalidade pois todas as aulas, a professora coloca uma música para os alunos, e o aluno João sempre e envolvido em atividades desenvolvidas em sala, sempre chamava a atenção do aluno quando este se encontra disperso, estimulando sua interação com os demais alunos da turma.

A gente usa muitas coisas individualizada com ele, as coisas são com figuras, essas coisas de procurar figura, repetição de palavras porque ele tem muita dificuldade na fala mais ele consegue com muito trabalho, esses brinquedos lógicos que ele gosta a gente costuma dar para ele, trabalha muito a música com ele mais quando tu aumentas ele a se incomoda, eu acho que rabisco também, bom a gente tenta fazer diversas coisas diferentes com os recursos que a gente consegue. (Carla 88-94)

Compreendemos que o desenvolvimento da criança dependerá do recurso utilizado pelo educador, os métodos de ensino deverão proporcionar de diversas maneiras o apoio e o desenvolvimento da criança.

A criança sem TEA aprende geralmente por meio de brincadeiras que envolva os colegas e professores.

d) Dificuldades enfrentadas pelas escolas no processo de escolarização de alunos com TEA.

Considerando os princípios da educação inclusiva em que as Instituições de ensino precisam se transformar para garantirem que o aluno tenha acesso ao conhecimento, aprenda e se desenvolva academicamente.

Mendes e Almeida (2016, p. 347) ressaltam que:

A educação inclusiva não se reduz à matrícula compulsória na escola pública por força da legislação vigente. Sobremaneira, significa acolhimento respeitoso e reconhecimento das diferenças sensoriais, cognitivas e físicas dos alunos como parte de sua humanidade e, portanto, demandam ser atendidas e não segregadas em espaços institucionais especializados.

As políticas educacionais no contexto da educação especial têm apresentado dificuldades e momentos críticos para garantir ao cidadão uma condição básica para seu desenvolvimento. A educação dos alunos com deficiência tem se transformado no âmbito legal e de diretrizes de políticas educacionais, contudo a operacionalidade dos princípios da educação inclusiva, mostra-se ainda com lacunas na efetivação dos direitos garantido no texto legal.

O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p.15).

Nessa perspectiva as escolas precisam de melhoria na qualidade do Atendimento Educacional Especializado-AEE que segundo MENDES (2017, p. 79)

vai requerer ainda melhoria nas condições de infraestrutura das escolas e dos espaços das SRM, com mobiliário, professores habilitados, recursos didáticos e pedagógicos adequados. No âmbito do sistema, medidas para melhorar a articulação com as famílias e com os profissionais da área da saúde completam os requisitos para apoiar, de forma qualificada, a escolarização dos alunos com deficiência, transtorno global e altas habilidades ou superlotação nas escolas comuns.

Diante dos pressupostos da política de educação inclusiva e as realidades das escolas pesquisadas, identificam-se algumas dificuldades comuns às instituições que abrangem:

- a) Ambiente escolar não acessível e sem adequações para atender as necessidades específicas;
- b) A falta de materiais didáticos adaptados que mediasse o processo de ensino inclusivo;
- c) A falta de mobiliário e espaços de sala de aula adequados;

- d) Ausência de tecnologias assistiva;
- e) Superlotação nas salas de aula;
- f) Falta de espaços de formação de professores na área de educação especial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas.

Eu creio que sim a dificuldade maior nossa e os acessos né esses acessos que a gente precisa ter o espaço físico, a escola precisa adaptar os espaços físicos para as crianças porque não é só o autista e para todos os tipos de deficiência, e assim o apoio da Família também às vezes a gente sente muita falta porque esse é primordial que a criança precisa do apoio da família né, para ir inteirando família escola tem que andar junto, a família tem que se interar. (Eva 10-15)

Mesmo com a inclusão sendo garantida pelas leis existentes, o processo de inclusão escolar ainda enfrenta barreiras para sua efetivação no país. Assim como ocorrem resistência de alguns profissionais e até mesmo da comunidade.

O que eu tenho observado e que as salas viraram um depósito, o governo obriga a matricular o aluno e aceita né porque tem que dizer que está cumprindo o papel, coloca a criança na sala mais não coloca nem um recurso pra auxiliar a professora, nem formação pra isso, simplesmente deixa a criança lá e a professora e que se vire com a criança e com mais a deficiência de espaço para o restante da turma, deficiência de estrutura, logística de tudo de toda a turma, a basta esse problema que a professora tem que lidar, não que o aluno com deficiência seja um problema mais as salas viram um depósito tipo assim o município está cumprindo o papel dele está colocando as crianças na escola, está matriculando mais esse não seria o verdadeiro papel como se a criança tivesse seu direito respeitado a criança com necessidade. (Carla 105-115)

e) Potencialidades para o processo de inclusão escolar dos alunos com TEA

O processo de inclusão dos alunos com TEA envolve investimentos de recursos e um planejamento adequado, exige principalmente o comprometimento dos órgãos governamentais para a preparação do ambiente escolar no investimento da infraestrutura para receber os alunos, bem como na área pedagógica. Para que o processo de inclusão seja eficaz e necessário que as escolas tenham espaços físicos adequados, sala de aula ampla, mais salas de recursos, espaços para recreação dos alunos, parquinhos, sala de leitura, banheiros adaptados, uma infraestrutura adequada para receber todos os tipos de necessidades educacionais.

Em relação a área pedagógica as escolas deveria possuir profissionais bem qualificados, oferta de cursos como formação continuada para o professor do ensino comum e para todos aqueles envolvidos no processo de inclusão, materiais

pedagógicos adequados e recursos tecnológicos. Seria muito importante que os professores pudessem contar com o apoio especializado de psicólogos, psicopedagogos e terapeutas, para que os mesmos não se sintam sozinhos nesse processo.

Para um melhor funcionamento do processo de inclusão seria muito importante para atuação dos professores da sala comum que eles recebessem informações a priori acerca de cada aluno que iram trabalhar durante o ano, formação específica para a necessidade do aluno no qual irá trabalhar, bem como sugestões de atividades e apoios necessário durante o ano letivo, uma vez que os profissionais não saem da graduação totalmente capacitados para lidar com cada especialidade.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa intitulada processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no município de Marabá que teve por objetivos: Identificar e analisar como se dá o processo de inclusão escolar de alunos com TEA em escolas municipais de Marabá. Identificar as matrículas e perfis de alunos com TEA em escolas públicas e municipais em Marabá; Caracterizar o processo de inclusão nos contextos escolares envolvendo o público de alunos com TEA; Compreender como a prática pedagógica é desenvolvida nas escolas considerando a necessidade educacional específica de alunos com TEA; Descrever as dificuldades enfrentadas pelas escolas municipais de Marabá que possuem alunos com TEA no processo de escolarização desses alunos; Identificar potencialidades para o processo de inclusão escolar de alunos com TEA em escolas regulares de ensino.

Os estudos e reflexões propiciados nesse trabalho me possibilitou constatar que a maior dificuldade encontrada durante a pesquisa é a formação dos professores. Os professores devem ter uma formação adequada para trabalhar com a inclusão, além de ter clareza da diversidade que os alunos apresentam e da necessidade de uma reflexão constante sobre educação inclusiva em todos aspectos. A maior dificuldade dos professores ao receber um aluno autista na sala de aula é a falta de formação, mesmo buscando conhecimentos, para melhorar suas práticas educativas pesquisando em livros, internet e conversas com outros colegas ainda não estão preparados para o processo de inclusão.

Os gestores das escolas se esforçam para que o processo seja eficaz, estabelecem uma relação direta com as necessidades das professoras e buscam meios que favoreça as melhorias dentro do ambiente escolar. Apesar das dificuldades encontradas para o processo de inclusão percebe-se a boa vontade das professoras em desenvolver um trabalho significativo para a aprendizagem desses alunos, por isso se faz necessário investimento em cursos de formação para esses profissionais pois, não tiveram uma formação inicial e nem contínuo que abordasse as práticas educacionais que se faz necessário para a verdadeira inclusão.

Além de investir em cursos, se faz necessário preparar o espaço físico da escola, para que a mesma possa ter um espaço adequado, não só para os alunos com TEA, mas todos os alunos com necessidade educacional especial. As escolas necessitam também de recursos materiais e recursos humanos como psicólogos,

especialistas e o apoio da família, a Instituição de Ensino deve se comprometer a oferecer um ensino de qualidade, buscando melhorias em sua estrutura física quanto no modo de ensino aprendido. Isto faz com que a escola tome consciência que necessita adaptar o ambiente escolar, tanto como adequar o currículo e também trazer alternativas metodológicas diferenciadas de acordo com a necessidade de cada aluno.

A família, a sociedade e a escola, são fatores básicos para que as pessoas com necessidades especiais possam buscar o seu desenvolvimento.

A inclusão não é apenas colocar o aluno dentro da sala regular de ensino, mas adaptá-lo ao contexto, para que a inclusão possa apresentar o verdadeiro sentido, pois com uma escola verdadeiramente inclusiva, os alunos com necessidades educacionais só têm a ganhar, pois os mesmos podem aprender a gostar da diversidade, demonstrar responsabilidade, aprender a lidar com a convivência em grupo, podendo assim se preparar melhor para a vida adulta.

O ambiente escolar, como uma instituição da sociedade deve, então, se adaptar e proporcionar aos alunos com necessidades especiais a oportunidade de conviver socialmente com os demais alunos, preparando-os para a vida futura em uma sociedade na qual, ainda precisa eliminar o preconceito existente com as pessoas que apresenta necessidade educativa especial.

VI. REFERÊNCIAS

ARANHA, M.S.F.. **Educação Inclusiva: Transformação Social ou Retórica**. In: Sadao Omote. (Org.). Inclusão: intenção e realidade. 1 ed. Marília (SP): FUNDEPE, 2004, v. , p. 3760.

BEYER, H. O. **A educação inclusiva: ressignificando conceitos e práticas da educação especial**: Revista inclusão, v. 2, 8-12. 2007.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação**: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Rev Bras Psiquiatr. 2006;28(Supl I):S47-53

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 1988. Brasília 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&&view=article&id=12766&Itemid=83. Acesso em 13 de janeiro 2017.

BRASIL. **Dispõe sobre a Educação Especial, o atendimento Educacional Especializado**. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11 Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9394//96 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 13 de janeiro de 2017.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 4024 de dezembro de 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L4024.htmhttp://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L4024.htm Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Base da Educação**. Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

BRASIL, **Lei de Proteção dos Direitos as Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

BRASIL, **Lei que o Plano Nacional de Educação-PNE**. Lei N° 13005/14, de 25 de junho de 2014. <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação especial. **Política Nacional de Educação Especial**: livro 1/MEC/SEESP- Brasília: a secretaria, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica** / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da educação. **Educação Inclusiva: Direito a Diversidade**. Secretaria De Educação Especial – Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC / SEESP, 2008.

BRASIL. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Resolução cne/ceb nº 2, de 11 de setembro de 2001. portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.

Bogdan, R e Bien, S. (1994). **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Editora Porto.

CORREIA, L. de M. (1999), apud MORGADO, José Carlos. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares**. Porto. 2008.

Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise / organizadores: Jose Geraldo Silveira Bueno, Geovana Mendonça Lunardi Mendes, Roseli Albino dos Santos – Araraquara, SP : Junqueira&Marin; Brasília, DF : CAPES, 2008.

Drago, Rogerio. **Inclusão na educação infantil**/ Rogerio Drago – Rio de Janeiro: Wak editora, 2011.

EDLER CARVALHO, Rosita. **Escola Inclusiva: a organização do trabalho pedagógico** / Rosita Edler Carvalho – Porto Alegre: Mediação, 2010. (3 ed. Atual. Orto.)

Educação especial inclusiva : conceituações, medicalização e políticas / organizadores Sonia Lopes Victor, Alexandro Braga Vieira e Ivone Martins de Oliveira. – Campos dos Goytacazes, RJ : Brasil Multicultural, 2017.304 p.

GOMIDE, Andréa Barbosa, 1980- **A promoção do desenvolvimento do aluno nos processos educacionais** / Andréa Barbosa Gomide. – 2009.

Inclusão escolar e educação especial no Brasil: entre o instituído e o instituinte/ Enicéia Goncalves Mendes: Maria Amélia Almeida, Organizadoras. – Marília: ABPEE, 2016.

KELMAM, C. A. [et al]. ALBUQUERQUE, D. e BARBATO, S. - Organizadoras. **Desenvolvimento Humano, educação e inclusão escolar**. Brasília, Editora UnB, 2010.

LAKASTOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. Maria de Andrade Marconi. Eva Maria Lakastos. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas** / Menga Ludke, Marli E. D. A. André. – São Paulo: EPU, 1986.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ...[et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos.– Porto Alegre :Artmed, 2014.

MARQUEZAN, Reinoldo. **O deficiente no discurso da legislação** / Reinoldo Marquezan. – Campinas, SP: Papirus, 2009. – (Serie Educação Especial)

MATTOS, Laura Kemp. NUEMBERG, Adriano Henrique. **Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de autismo na educação infantil**. Ver. Educ. Espec., Santa Maria, v. 24, n. 39, p. 129-142, jan./abr. 2011.

MELLO, Ana Maria S. Ros de, **Autismo: guia prático**. 5 ed. São Paulo: AMA: Brasília: CORDE, 2007.104 p.: il.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

Metodologia da Pesquisa Educacional. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 1994. (Bibliografia da Educação, Série 1, Escola; v 11) MENDES, Enicéia Gonçalves, “**Breve histórico da educação especial no Brasil**”, Revista Educación y Pedagogía, Medellín, Universidad de Antioquia, Facultad de Educación, vol. 22, núm. 57, mayo-agosto, 2010, pp. 93-109.

MANZINI, E. J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Org.). Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003b. p.11-25.

O IBC- Instituto Benjamin Constant, Publicado: 21 de Junho de 2016, Disponível em: <http://www.ibr.gov.br/o-ibr> Acesso: 02 de fevereiro de 2018.

ORRÚ, Silvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar** / Silvia Ester Orrú. 3. Ed. – Rio de Janeiro: Wa Ed., 2012.

PLETSCH, Márcia Denise. **Repensando a inclusão escolar: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual** / Márcia Denise Pletsch. – 2. Ed., ver. E amp. Rio de Janeiro : NAU, 2014.

ROGALSKI, Solange Menin. **HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL**. Revista de Educação do Ideau-REI. Vol. 5 – Nº 12 - Julho - Dezembro 2010 Semestral

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. Ver. E atual. São Paulo: Cortez 2007.

SUPLINO, Maryse. **Inclusão escolar de alunos com autismo**. Copright 2009 Centro Ann Sullivan do Brasil – RJ.

Saberes e praticas da inclusão: dificuldades acentadas de aprendizagem: autismo / coordenação geral – Francisca Rosineide Furtado do Monte, Idê Borges dos Santos – Reimpresão. – Brasília: MEC, SEESP, 2005.

Thiemann. Kathy, PhD Steven F. Warren, PhD **Programas de apoio ao desenvolvimento da linguagem de crianças pequenas**. University of Kansas, EUA Fevereiro 2010, Ed. rev.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa e a produção de conhecimentos**. Unesp, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>> Acesso em: 21 de junho de 2018.

Transtornos globais do desenvolvimento e inclusão: aspectos históricos, clínicos e educacionais / Nerli Nonato Ribeiro Mori, Cristina Cerezuela, organizadoras; prefacio Doralice Aparecida Paranzini Gorni; ilustração Ana Paula Umbelino de Oliveira . . . el alrni. – Maringá: Eduem, 2014.

UNESCO. **Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 02 de janeiro de 2018.

ZULIAN, Margaret Simone. FREITAS, Soraia Napoleão. **Formação de professores na educação inclusiva: Aprendendo a viver, criar, pensar e ensinar de outro modo**. Caderno:;edição: 2001 – N° 18.

Apêndice A

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES PARTICIPANTES

DA: PESQUISADORA HERLINE SOUSA DAS CHAGAS

AO(A)

PROFESSOR(A) _____

,

Prezado (a) Senhor (a) Convido você a participar da pesquisa intitulada: Processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no Município de Marabá sob a responsabilidade da pesquisadora Herline Sousa das Chagas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-UNIFESSPA, sob a orientação do(a) Prof(a) Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo. Os objetivos do estudo são: Identificar e analisar como se dá o processo de inclusão escolar de alunos com TEA em escolas públicas municipais de Marabá, caracterizar o processo de inclusão nos contextos escolares envolvendo o público de alunos com TEA, compreender como a prática pedagógica é desenvolvida nas escolas considerando a necessidade educacional específica de alunos com TEA e descrever as dificuldades enfrentadas pelas escolas municipais de Marabá que possuem alunos com TEA no processo de escolarização desses alunos, identificar potencialidades para o processo de inclusão escolar de alunos com TEA em escolas regulares de ensino. A finalidade deste trabalho é conscientizar a sociedade e os docentes do processo de inclusão do aluno com TEA para que os mesmos tenham um olhar consciente sobre esse processo, identificar praticas docentes que possam auxiliar a pratica educativa, minimizando, assim, os anseios e as dificuldades vividas pelos professores em sala de aula. Solicitamos a sua colaboração para entrevista e seu tempo médio de duração, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista

científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não haverá custos financeiros, pois, a coleta dos dados se dará através do deslocamento da pesquisadora para cada escola em que trabalha os professores participantes para realização das observações e entrevistas, previamente autorizados pela Secretaria Municipal de Educação. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Marabá-PA, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para Herline Sousa das Chagas Telefone: (94) 99212-7658 E-mail herlliny-sc15@hotmail.com

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ - UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DA: PESQUISADORA HERLINE SOUSA DAS CHAGAS

AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS (A) _____,

Senhores Pais ou Responsáveis, sou estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA e estou realizando um estudo sobre o Processo de inclusão escolar de alunos com TEA- Transtorno do Espectro Autista no Município de Marabá sob a orientação da Professora Dr. Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo. Os objetivos do estudo são: Identificar e analisar como se dá o processo de inclusão escolar de alunos com TEA em escolas públicas municipais de Marabá, caracterizar o processo de inclusão nos contextos escolares envolvendo o público de alunos com TEA, compreender como a prática pedagógica é desenvolvida nas escolas considerando a necessidade educacional específica de alunos com TEA e descrever as dificuldades enfrentadas pelas escolas municipais de Marabá que possuem alunos com TEA no processo de escolarização desses alunos, identificar potencialidades para o processo de inclusão escolar de alunos com TEA em escolas regulares de ensino. A finalidade deste trabalho é conscientizar a sociedade e os docentes do processo de inclusão do aluno com TEA para que os mesmos tenham um olhar consciente sobre esse processo, identificar praticas docentes que possam auxiliar a pratica educativa, minimizando, assim, os anseios e as dificuldades vividas pelos professores em sala de aula. Para esta pesquisa adotarei os seguintes procedimentos: observação da pratica docente e do cotidiano do aluno no ambiente escolar utilizando o diário de campo e ainda entrevistas com os pais ou responsáveis, professores (gravadas em áudio) com o intuito de identificar os processos de aprendizagem do aluno com TEA. Solicitamos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome (ou menor participante) será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não haverá custos financeiros, pois, a coleta dos

dados se dará através do deslocamento da pesquisadora para cada escola em que se encontra matriculado o aluno com TEA participante para realização das observações e entrevistas, previamente autorizados pela Secretaria Municipal de Educação. Esclarecemos que sua participação (ou a participação do menor ou outro participante pelo qual é responsável) no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Marabá-PA, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do participante ou responsável legal

Contato com o Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para Herline Sousa das Chagas Telefone: (94) 99212-7658 E-mail herlliny-sc15@hotmail.com

Ofício nº S/N / 2017

Marabá-PA _____ de _____ de 2017

SEMED

Coordenador (a) Setor Educação Especial

Prezada(a) senhor(a) venho por meio deste solicitar uma relação das escolas atualizado de 2017, onde encontra-se matriculados alunos(a) com TEA- Transtorno do Espectro Autista. Esta relação me ajudara na coleta de dados para a realização da pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da UNIFESSPA- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, curso Licenciatura Plena em Pedagogia.

Certa de que podemos contar com sua colaboração, agradecemos desde já.

Atenciosamente,

Herline Sousa das Chagas
Acadêmica

Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo
Orientadora

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Através do presente instrumento, solicitamos do Gestor _____

_____,
 autorização para realização da pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do acadêmico(a) Herline Sousa das Chagas, orientado(a) pelo Profº(a) Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo, tendo como título preliminar Processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no Município de Marabá.

A coleta de dados será feita através da aplicação de entrevistas com docentes da escola e familiares dos alunos com TEA e sessões de observação em sala de aula.

A presente atividade é requisito para a conclusão do curso de Pedagogia, da Faculdade UNIFESPA-Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

As informações aqui prestadas não serão divulgadas sem a autorização final da Instituição campo de pesquisa.

Marabá-PA, _____ de _____ de 2017

 Acadêmico

 Prof. Orientador

Deferido ()

Indeferido ()

 Assinatura e carimbo do gestor

ANEXOS

Roteiro de entrevista professor

DADOS GERAIS:

Nome: _____

Idade: _____

Grau de instrução _____

1. Você é a favor da inclusão de alunos com necessidades educacional especial no ensino comum?
2. Quais as dificuldades encontradas nesse processo de inclusão?
3. Os professores saem da graduação preparados para lidar com distúrbios de aprendizagem? caso não saiam. O que deveria mudar nas licenciaturas para que ocorra uma preparação?
4. As escolas de maneira geral, estão preparadas para incluir, nas turmas regulares, os autistas e até mesmo os alunos com outros tipos de deficiência?
5. Que tipo de investimento seria necessários para preparar escolas e professores para este público?
6. O que você entende sobre autismo?
7. O que você acha da inclusão de alunos autistas na escola regular?
8. Muitos tem defendido a inclusão de alunos com deficiência em turmas regulares. Na sua opinião o que as escolas precisam ter para a inclusão de alunos com autismo no ensino comum?
9. Você sentiu dificuldades ao trabalhar com uma criança autista? Quais dificuldades? E quais recursos (ex: livros, internet, etc.)) você buscou para solucionar essas dificuldades?
10. A família colabora para o desenvolvimento da aprendizagem da criança? Se não. Como os pais podem colaborar?
11. -O que pode ser feito para envolver as famílias num trabalho voltado para a inclusão?
12. Você utiliza algum procedimento pedagógico individualizado com o aluno autista? Quais
13. Que tipo de profissionais a escola precisariam ter para dar maior suporte aos professores no trabalho com alunos autista?
14. Na sua experiência profissional, o que você tem observado hoje sobre a realidade da inclusão escolar?
15. Como você trabalha a inclusão com os alunos que não têm deficiência?
16. Quais atividades são realizadas com os alunos com TEA? Há recursos voltados especificamente para eles?
17. Você reconhece que através do seu trabalho a criança alcança algumas habilidades, como o desenvolvimento emocional, social e na linguagem? Por que?

Roteiro de entrevista familiares (pai, mãe ou responsável)

DADOS GERAIS:

Nome: _____

Idade: _____ Profissão: _____

Grau de instrução _____

Grau de parentesco: _____

1. Quem compõe a família?
2. Qual a idade do aluno?
3. Com quantos anos ele foi diagnosticado com autismo? A suspeita de que era autismo foi levantada por alguém da família, pelo pediatra ou pela escola?
4. Dentro do espectro autista, qual o grau de autismo do aluno (leve, moderado ou severo)?
5. Como é ser mãe de um menino(a) autista?
6. Conte sua experiência positiva com seu filho autista e como isso, pode ajudar outras mães que estão passando por problemas e dificuldades com filhos autistas?
7. E como ele está após o diagnóstico?
8. Além da escola, o aluno faz atividades extras, como algum esporte ou terapias? Quais são as atividades? O aluno necessita de terapia da fala (fonoaudiologia)?
9. Qual a sua relação com a professora do seu filho? Considera a comunicação com a escola fácil ou encontra barreiras na comunicação?
10. O que ele conta sobre a escola, os professores e os colegas de sala?
11. O que que a escola, os professores e os colegas falam dele?
12. Ele tem autonomia na escola? Em que?
13. E nas atividades que ele não demonstra ter autonomia, lá na escola quem o auxilia? Em que situações a família participa da vida escolar de Pedro? Quem vai?
14. Quem o auxilia com os deveres da escola levados para serem feitos em casa?
15. Em sua opinião, a escola está satisfazendo as expectativas quanto ao aprendizado do seu filho? Poderia melhorar em algum aspecto?
16. É possível apontar avanços no desenvolvimento do seu filho que sejam atribuídos ao que ele tem aprendido na escola? (aprendizado dos conteúdos curriculares, linguagem e socialização)
17. Na sua visão, quais os desafios para a inclusão da criança com autismo em escola regular?

DADOS GERAIS:

Nome: _____

Idade: _____

Grau de instrução _____

Roteiro de entrevista diretor ou coordenador pedagógico

1. Quantos alunos com autismo têm atualmente na escola?
2. A escola já teve outras crianças com Transtorno do Espectro Autista matriculada na unidade escolar.
3. Qual a idade dele/deles?
4. Existe algum tipo de dificuldade em manter esse aluno na unidade escolar? Qual (ais)?
5. Você acha que as escola públicas do nosso município está preparada para receber esse tipo de aluno?
6. E a sua escola está preparada para receber esse aluno?
7. você poderia explicar o que é infraestrutura adequada e inadequada para esses casos? Quais os problemas que podem provocar quando há aluno sem condição adequada?
8. Você acha que a infraestrutura dessa escola está adequada para alunos considerados com necessidades especiais?
9. O que a escola já tem que você considera adequado?
10. O que poderia melhorar e/ou ser feito para adequação da infraestrutura?
11. Como é feita a inclusão desses alunos nessa escola?
12. De que forma elas são inseridas na escola
13. Como ocorre a participação delas nas atividades realizadas na sala de aula?
14. É estabelecido algum tipo de cota para a inclusão desses alunos?
15. Os alunos autistas tem aula na mesma sala que os outros alunos ou separados?
16. O plano pedagógico é diferenciado ou igual para os alunos com autismo.
17. Existe auxiliar de classe nas salas que tem alunos com autismo? É fácil as escolas contarem com esse tipo de profissional.

QUESTIONÁRIO PERFIL E ATUAÇÃO DOCENTE PROFESSOR DO ENSINO COMUM

Pesquisadora responsável: Herline Sousa das Chagas, graduanda em licenciatura Plena em Pedagogia.

Trabalho de Conclusão de Curso: Processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no Município de Marabá.

Objetivo: Coletar informações pessoais e profissionais que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa na identificação do perfil e atuação das participantes no estudo. Este questionário integra o conjunto de instrumentos para a coleta de informações sobre você professora, seu percurso e atuação profissional.

I. IDENTIFICAÇÃO – DADOS PESSOAIS:

1.1 Nome completo: _____

1.2 Possui faixa etária correspondente a:

- 20 a 30 anos
 31 a 40 anos
 41 a 50 anos
 51 a 60 anos

1.3 Sexo:

- Masculino
 Feminino

1.4 Qual a sua faixa de salário?

- 1 a 3 salários mínimos
 4 a 7 salários mínimos
 8 a 11 salários mínimos
 Outros valores

II. DADOS PROFISSIONAIS:

2.1. Formação Inicial:

a) Curso de Ensino Médio (especificar curso, se Magistério, por exemplo. Especificar ano de conclusão e instituição onde cursou).

b) Curso de Graduação (especificar qual curso, ano de conclusão e instituição onde cursou).

2.2 No seu curso de graduação fez alguma habilitação na área de educação especial? Em caso positivo, responder em Outro, qual?

- Sim
 Não
 Outro: _____

2.3 Concluiu curso(s) de pós graduação? Se sim, especifique o nível (especialização, mestrado e doutorado), a instituição ofertante e o ano de conclusão:

III - SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO EM CURSOS DE ATUALIZAÇÃO, CAPACITAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO:

3.1 Descreva os cursos que você já participou na área de Educação - Especificando o Nome do curso/ Carga Horária/ Ano:

3.2 Descreva os cursos que participou na área de Educação Especial - Especificando o Nome do curso/ Carga Horária/ Ano:

IV - EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA ÁREA DE EDUCAÇÃO

4.1 Quanto tempo de experiência (anos) na área de educação: _____

4.3 Informe o tempo de experiência em anos como professor de alunos com necessidade educacional especial, ou em Sala de Recursos Multifuncional (se houver), especificando também instituições e níveis de ensino com os quais trabalhou e trabalha.

V - ATUAÇÃO PROFISSIONAL:

5.1 Utiliza novas tecnologias no apoio às aulas.

() Sim

() Não

Se sim especificar: _____

5.2 Participa de atividades gerais da escola tais como: *

(Poderá marcar mais de uma opção)

() Conselhos de classe

() Reuniões administrativas

() Hora pedagógica coletiva

Atividades sociais, culturais.

Outro: _____

5.3 É elaborado um planejamento individual para o aluno com TEA?

Sim

Não

5.4 Você observa o aluno na sala de recursos Multifuncional?

Sim

Não

Se sim, Como? Quando?

5.5 O conteúdo da sala regular e o mesmo da sala multifuncional?

Sim

Não

5.6 Existe formação continuada para os profissionais que lecionam para alunos com necessidade educacional especial no ensino comum? (Se sim. Qual?)

Sim

Não

5.7 Você como professora do ensino comum cria método específico para as necessidades do aluno?

Sim

Não

Se sim Quais? Como? _____

QUESTIONÁRIO PERFIL DO ALUNO (Professor ensino comum)

Pesquisadora responsável: Herline Sousa das Chagas, graduanda em licenciatura Plena em Pedagogia.

Trabalho de Conclusão de Curso: Processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no Município de Marabá.

Objetivo: Coletar informações pessoais que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa na identificação do perfil dos participantes no estudo. Este questionário integra o conjunto de instrumentos para a coleta de informações.

I. IDENTIFICAÇÃO – DADOS PESSOAIS:

1.1 Nome completo: _____

1.2 Idade: _____

1.3 Sexo

Feminino

Masculino

II ASPECTO SÓCIO EMOCIONAL

2.1 E uma criança alegre

Sim

Não

2.2 Gosta de estar na presença de seus colegas de classe

Sim

Não

2.3 Gosta de ajudar os colegas nas tarefas de sala

Sim

Não

2.4 Gosta de participar das atividades em grupo na sala de recurso

Sim

Não

2.5 Já desenvolveu hábitos e atitudes próprias do convívio social

Sim

Não

2.6 As interações em sala de aula oportunizam trocas que resultam em aprendizagem significativas para o educando

Sim

Não

2.7 Nas atividades em grupo realiza atividades sem o auxílio da professora.

Sim

Não

2.8 Nas atividades em individuais realiza atividades sem o auxílio da professora

Sim

Não

III ASPECTOS PSICOMOTORES

3.1 Possui função motora fina bem desenvolvida

Sim

Não

3.2 Tem uma boa coordenação motora fina ao traçar as letras

Sim

Não

3.3 Apresenta dificuldade na marcha

Sim

Não

3.4 Faz uso

Mão direita

Mão esquerda

Ambas

3.5 Segura o lápis corretamente

Sim

Não

3.6 Na atividade de recorte e colagem; recorta corretamente o contorno solicitado

Sim

Não

IV ASPECTO COGNITIVO

4.1 Encontra-se em qual nível

Pré- Silábico

Silábico

Alfabético

4.2 Faz a associação da letra a figura

Sim

Não

4.3 Identifica as letras do alfabeto

Sim

Não

4.4 Possui limite na pintura

Sim

Não

4.5 Recorta com autonomia

Sim

Não

4.6 Identifica as formas geométrica

Sim

Não

4.7 Identifica os números em sua sequencia

Sim

Não

4.8 Identifica os dias da semana

Sim

Não

4.9 Tem noção de tempo e espaço

Sim

Não

QUESTIONÁRIO PERFIL DO ALUNO (Mae, pai ou Responsável)

Pesquisadora responsável: Herline Sousa das Chagas, graduanda em licenciatura Plena em Pedagogia.

Trabalho de Conclusão de Curso: Processo de inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista no Município de Marabá.

Objetivo: Coletar informações pessoais que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa na identificação do perfil dos participantes no estudo. Este questionário integra o conjunto de instrumentos para a coleta de informações.

I. IDENTIFICAÇÃO – DADOS PESSOAIS:

1.1 Nome completo: _____

1.2 Idade: _____

1.3 Sexo

Feminino

Masculino

II. DADOS ESCOLAR

2.1 Idade de ingresso na escola _____

2.2 Serie em que está matriculado _____

2.3 Experiência com outros alunos com Necessidade Educacional Especial

Sim

Não

2.4 Tempo de classe inclusiva em anos

2.5 Com quantos alunos divide a sala _____

2.6 Frequenta a APAE-Associação de Pais e Amigos Excepcionais

Sim

Não

III DIAGNOSTICO

3.1 Com qual idade foi diagnosticado com autismo? _____

3.2 Qual o grau de Autismo

Grau leve (Nível 1)

Grau Moderado (Nível 2)

Grau Severo (Nível 3)

3.3 O Autismo está associado a outra deficiência (distúrbio)?

Sim

Não

(Se sim Especificar) _____

QUESTIONÁRIO PARA CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

I. Nome completo da Instituição de ensino:

1.1 Endereço: _____

Bairro: _____

1.2 Cidade: _____

Estado: _____

1.3 CEP: _____

1.4 Fone: _____

1.5 Ano _____ de

Fundação: _____

1.6 Direção _____ da

Escola: _____

1.7 Abrangência:

() Regional () Estadual () Municipal

1.8 Tipo de ensino:

() Infantil () Fundamental () Médio

1.9 Dados Importantes do histórico da escola (origem, histórico de criação, etc)

II. Infraestrutura da escola

2.1 Área Física:

a) Número _____ de _____ salas _____ de
aula: _____

b) Banheiros: _____

c) Cozinha: _____

d) Refeitórios: _____

e) Salas
administrativas: _____

f) Laboratórios
especificações: _____

g) Auditório: _____

h) Quadra: _____

- Características gerais do pátio e salas de aula:

III. Dados do quadro pessoal (quantidade e função/cargo)

a) Setor Administrativo:

b) Setor Pedagógico:

c) Funcionários de Serviços Gerais:

Total: _____

IV. Dados dos alunos atendidos (quantidade):

a) Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano: _____

b) Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano: _____

c) Educação de Jovens e Adultos na 1ª Etapa: _____

d) Educação de Jovens e Adultos na 2ª Etapa: _____

e) Educação de Jovens e Adultos na 3ª Etapa: _____

f) Educação de Jovens e Adultos na 4ª Etapa: _____

Outros: _____

Total: _____

V. Atende nos turnos:

() Matutino () Vespertino () Noturno

VI. Formas de recursos Financeiros:

a) () órgão público municipal

- b) () órgão público estadual
- c) () Ministério da Educação/esfera federal
- d) () Programas especiais. Quais?

Especificar de que natureza o financiamento:

VII. Informações sobre a comunidade que a escola atende:

- a) Que características socioeconômicas da comunidade a escola identificou? (padrão de vida, moradia, renda, grau de escolaridade, média de membros por família:

VIII. Quantidade de alunos com deficiência matriculados na escola?

IX. A escola tem sala de recursos multifuncionais?

X. Os alunos com deficiência têm AEE? De que maneira?

1 **Diário de campo N.E.I Criança Feliz**

2 17-04-2018

3 1º dia Solicitação de estagio escola chapeuzinho vermelho

4 Fui recebida pela coordenadora, expliquei da pesquisa que pretendo fazer e a mesma
5 me explicou das dificuldades que a escola tem com os alunos com necessidade
6 especial, falou do aluno autista e uma deficiente visual, falou que a secretaria não dar
7 suporte necessário para o desenvolvimento da criança, que não houve formação para
8 os professores trabalhar com essas crianças e que eles apenas estão ali na escola.
9 Após eu explicar novamente sobre os objetivos da pesquisa a mesma me informou
10 que conversaria com a diretora, então eu pedi que ela ficasse com a solicitação de
11 autorização de pesquisa e um termo de consentimento livre e esclarecido para que
12 ela conversasse com a diretora e explicasse melhor sobre a pesquisa que eu irei fazer
13 na escola, a mesma aceitou e pediu que eu retornasse na quinta feira dia 19-04, ela
14 informou que no momento o aluno não estava na escola pois segundo a mãe iria
15 realizar uma consulta medica.

16 19-04-2018

17 Não foi possível iniciar a pesquisa pois a diretora e a coordenadora da escola estavam
18 para uma formação.

19 23-04-2018

20 2º dia

21 Ao chegar na escola conversei com a diretora e a coordenadora, expliquei novamente
22 sobre a pesquisa, a diretora conversou com a coordenadora e em seguida falou que
23 poderia sim fazer a pesquisa na escola, e que ja podia iniciar, em seguida me levou
24 até a sala onde estuda o aluno autista turma maternal me apresentou a professora e
25 logo inicie a observação.

26 No momento que entrei na sala a professora estava distribuindo o lanche para as
27 crianças. A professora me apresentou ao João o aluno autista e disse que hoje o seu
28 lanche que veio de casa era biscoito mais ele não quis e pediu o chilito do colega.

29 Estava presente na sala 11 alunos mais duas adolescentes a filha da professora e a
30 filha da vigia da escola

31 A sala de aula tem central de ar, cadeiras e mesas pequenas adequadas a idade das
32 crianças, nas paredes da sala tem um ABC em forma de centopeia, os numerais, uma
33 arvore com os meses para os aniversariantes do mês, dois ventiladores e formas
34 geométricas.

35 Durante o lanche em sala o João derruba o chilito de uma colega no chão, ela fala pra
36 professora mais todos começam a comer o chilito juntos.

37 O João brinca com as outras crianças, a professora liga um som e entrega massinha
38 de modelar para as crianças enquanto ela cola um painel de TNT na parede da sala,
39 as crianças começam a brincar com o TNT que a professora vai fazer o painel e o
40 João sempre está no meio da brincadeira.

41 João começa a brincar com um urso preto que está a disposição das crianças na sala
42 e um colega tenta tomar o urso dele a professora pede pra deixar o urso com João e
43 diz pra mim que antes ele tinha medo desse urso por isso ela pediu pra outra criança
44 deixar com ele.

45 Ao conversar com a professora a mesma relata que no começo do ano o João se
46 relacionava apenas com o Fabio depois começou a brincar com outro colega que hoje
47 não veio e através dela começou a brincar com os outros.

48 Fabio pega um outro urso e João toma o urso dele e dar para o Davi pra eles brincarem
49 juntos. Davi, Fabio e João brincam juntos de bater com o urso sendo necessário por
50 varias vezes a intervenção da professora para que eles não se machuquem.

51 João machuca a barriga do Fabio e a professora fala pra ele pedir desculpa, ele diz
52 que não, ele ela coloca ele sentado na cadeira, ele começa a chorar a professora
53 conversa com ele e depois ele volta a brincar com as outras crianças.

54 A professora avisa pra recolher os brinquedos que os pais já estão chegando, os pais
55 começam a pegar as crianças as 17h.

56 A professora informa que segundo a mãe de João amanhã e quinta o ele vai para
57 fonoaudiólogo e na quarta para o psicólogo e na sexta será formação de professores
58 então eu fiquei de retornar na segunda dia 30-04.

59 3° dia

60 03-05-2018

61 Número de alunos: 10

62 As crianças chegam na sala e colocam suas mochilas em cima de uma mesa logo na
63 entrada da porta e vão se acomodando na sala começam a brincar, uns pede
64 massinha outros pede brinquedo e a professora fica conversando com eles depois vai
65 distribuindo pedaços de massinha pra cada um eles ficam brincando, depois pega
66 alguns brinquedos e vão para o recreio.

67 Durante o recreio o João come um pouco do lanche e começa a correr no pátio unto
68 com as outras crianças.

69 Ao retornar do recreio a professora pede para que todos sentem na rodinha que está
70 desenhada no meio da sala ele pede que todos sentem na linha verde, a professora
71 pede para que as crianças tirem as sandálias fiquem todos descalços, ela coloca um
72 papel (que coloca maça no supermercado) no chão e pede, a professora coloca um
73 papel no meio da roda e pede que as crianças andem por cima para sentir a textura
74 do papel, o João participa da atividade junto com as outras crianças, depois a
75 professora pede para todos sentarem nas cadeiras e começa a calçar as sandálias
76 nas crianças uma por uma, após todos estarem calçados a professora pede que todos
77 permaneçam sentados para começar o relaxamento, o relaxamento e tipo yoga todos
78 emitem o som aauummmm... após o relaxamento a professora avisa que os pais já
79 vão chegar liga o som com uma música de carimbo dança com alguns alunos
80 enquanto os outros correm pela sala.

- 81 4° dia
- 82 04-05-2018
- 83 Número de alunos: 13
- 84 As crianças chegam na sala guarda as mochilas e começam a brincar, o João fica
85 correndo na sala brincando junto com os outros, a professora avisa que vai ensaiar a
86 música para cantar no dia das mães, a professora perguntar “quem vai cantar bem
87 bonito para mamãe? As crianças começam a gritar eu, eu... a professora pega uma
88 caixinha de música com outra professora e coloca uma música e diz que quem cantar
89 vai ganhar um pirulito. As crianças começam a cantar e fazer os gestos que a
90 professora ensina o João não canta mais faz os gestos unto com as outras crianças,
91 por poucos minutos logo ele se distrai começa a correr na sala a professora o chama
92 pra cantar e diz que se ele cantar vai ganhar o pirulito, ele fica mais um pouco com os
93 outros mais logo se distrai novamente. As crianças terminam de ensaiar e professora
94 da um pirulito para cada um, chega a hora do intervalo a professora pede que façam
95 uma fila coloca João entra na fila e vão para o intervalo no pátio, durante o intervalo o
96 João corre com as outras crianças depois do intervalo no pátio as crianças lancham
97 na sala o lanche que veio de casa, após o lanche eles começam a brincar na sala
98 João pede os bloco para professora e ela dar, João começa a brincar de montar os
99 blocos Davi se aproxima e começa a brincar com João, Paulo chega pra brincar e
100 João não deixa toma os blocos dele, Davi começa a correr por baixo da mesa e João
101 vai atrás dele e Fabio também então eles ficam brincando de correr na sala e por baixo
102 da mesa até que os pais começam a chegar para pegar as crianças.
- 103 5° dia
- 104 07-05-2018
- 105 Número de alunos: 12
- 106 As crianças chegam na sala após deixar a mochila na mesa começa a brincar uma
107 criança pede massinha e a professora dar, João e as outras crianças começam a pedir
108 também e a professora distribui um pedacinho de massinha para cada um, ela diz “
109 tem que dar só um pedaço porque se der toda aja massinha ne!”, a professora ensaia
110 novamente a musica para o dia das mães as crianças começar ensaiando todas João
111 participa também mais sempre se distrai a professora chama ele pra ensaiar
112 novamente para cantar com os colegas mais ele não quer e fica correndo na sala,
113 chega hora do intervalo eles forma a fila vão lavar as mãos e ir para o pátio lanchar,
114 João senta pra lanchar come uma colher de arroz deixa o prato na mesa e vai brincar.
- 115 Após o intervalo João pede pra ir no banheiro, as outras crianças vao para sala e
116 começa a brincar com o brinquedos que a professora distribuiu e com a massinha,
117 João volta para a sala e toma a massinha da Ana, Ana fala pra professora ele pede
118 pra João devolver e ele devolve mais senta no chão e começa a chorar a professora
119 dá um pedaço de massinha pra ele e ele começa a correr na sala, João empurra
120 Carlos e Carlos empurra João também então João vai alar pra professora ela chama
121 os dois diz que não pede empurrar o colega e então eles começam a brincar
122 novamente, a professora pede que todos junte os brinquedos e devolva as massinhas

123 que os pais a estão chegando, as crianças unta tudo e ficam correndo na sala até que
124 os pais começam a chegar pra pegá-los.

125 08-05-2018

126 Não houve aula pois a professora está de atestado para acompanhar sua ilha que
127 está doente, então a turma foi liberada.

128 09-05-2018

129 6° dia

130 Número de alunos: 10

131 Ao chegar na escola fui informada pela vigia da escola que teria aula, pois
132 conseguiram uma professora para cobrir o atestado.

133 O João chega na sala coloca sua mochila na mesa e vai brincar com as outras
134 crianças. João começa a brincar com os blocos de montar e toma alguns blocos de
135 Pedro, quando Pedro pega de volta João começa a chorar bastante tentando pegar
136 novamente ele só para de chorar quando a professora pega outros blocos que estão
137 na sala e entrega pra ele, então João para de chorar e pede para ir ao banheiro,
138 quando retorna a sala continua a brincar com os blocos.

139 João ver Rafael brincar com massinha e começa a chorar querendo massinha, mais
140 ele para de chorar quando observa que na sala tem um aluno de outra sala, ele para
141 de chorar e vai falar pra professora que aquele menino não e dessa sala, a professora
142 diz para João que a criança era aluno dela na outra turma então João volta a brincar
143 com os blocos.

144 A professora pede que asa crianças formem a fila para ir ao intervalo.

145 Ao retorna para sala após o intervalo João continua a brincar com os blocos unto com
146 o Fabio, a coordenadora leva uns crachás com o nome de cada criança e entrega a
147 eles para que a professora substituta aprenda o nome das crianças.

148 A professora Carla chega para ensaiar a música dos dia das mães, a professora Carla
149 diz as crianças que quem cantar em bonito vai ganhar um pirulito, a professora a
150 professora Carla canta com as crianças e professora Jeane tenta aprender a musica
151 para ensaiar com as crianças depois, João participa no começo batendo palma depois
152 começa a correr na sala e não participa mais, as crianças ensaia duas vezes e a
153 professora distribui o pirulito.

154 7° dia

155 10-05-2018

156 João chega na sala da a bolsa pra professora da tchau para sua mãe entra na sala e
157 começa a brincar com as outras crianças, a mãe de João me chama para fazer a
158 entrevista então nos dirigimos ao pátio da escola, após realizar a entrevista eu volta
159 para sala e João está brincando com as outras crianças de batatinha frita, a
160 professora pede para que as crianças formem a fila para ir ao intervalo no pátio

161 Após o intervalo no pátio as crianças lancham na sala o lanche que veio de casa, após
162 eles lancham a professora pede que todos sentem nas cadeiras que ela vai contar a
163 história do Pinóquio, João fica sentado no canto da sala e não dá atenção pra história,
164 quando a professora termina de contar a história ela chama as crianças pra ensaiar o
165 parabéns que vai ser cantado no dia das mães, as crianças começa a cantar, João
166 fica unto com as crianças no meio da sala mais ele não canta mais acompanha
167 batendo palma.

168 11-05-2018

169 8° dia

170 Número de alunos: 13

171 As crianças vão chegando na sala e ficam brincando, a professora chama as crianças
172 pra ensaiar o parabéns para o dia das mães, as crianças ensaiam várias vezes depois
173 a professora da massinha pra eles. A professora diz que depois do intervalo eles iram
174 para outra sala na turma onde os outros alunos dela pra ver eles ensaiando a música
175 que iram cantar em homenagem as mães, em seguida pede que eles façam a fila pra
176 ir ao intervalo no pátio.

177 Após o intervalo no pátio as crianças lancham na sala quando terminam a professora
178 pede pra fazer uma fila e se dirigem para outra sala, ao chegar na outra sala a
179 professora coloca as crianças sentada na cadeira pra assistir o ensaio das outras
180 crianças, João fica sentado unto com as outras crianças a professora começa o
181 ensaio, João pega um carrinho e o colega da outra sala toma dele e ele começa a
182 chorar, a professora conversa com ele, ele para de chorar e fica correndo na sala o
183 ensaio termina eles volta pra sala em seguida os pais começam a buscar as crianças.

184 14-05-2018

185 9° dia

186 A professora distribui massinha para as crianças e alguns brinquedos, João brinca
187 com a massinha depois começa a correr na sala com o Fabio, chega a hora do
188 intervalo.

189 João senta na mesa toma somete o suco e começa a correr com as outras crianças
190 pelo pátio.

191 Após o intervalo a professora coloca um desenho no notebook, as crianças sentam
192 no chão para assistir o desenho, João quer sentar perto do notebook e o Carlos não
193 deixa então ele começa a chorar, a professora chama conversa com ele e coloca
194 todos sentados nas cadeiras próximo do notebook para que todos possam assistir. As
195 crianças se dispersam começam a brincar mais voltam a assistir.

196 A professora pede que as crianças juntem os brinquedos que os pais já estão
197 chegando, Ana coloca o urso no sexto e João tira a professora diz pra João que não
198 pode tirar porque já está quase na hora de ir pra casa então João começa ajudar os
199 colegas a juntar os brinquedos.

1 **Entrevista mãe do aluno autista João**

2 **Nome:** Jaqueline

3 **Idade:** 28 **Profissão:** do lar

4 **Grau de Instrução:** Superior incompleto

5 **Grau de parentesco:** Mãe

6 1- A nossa família e composta por mim que sou mãe dele e o pai dele. Somos só
7 nos 3(três).

8 2- 03 anos e 8 meses

9 3- Quando ele tinha 01 ano e 08 meses eu iniciei e com 02 anos foi fechado o
10 laudo.

11 Ele não olhava no meu olho, não gostava de brincar com outras crianças, não
12 demonstrava muito afeto, eu fui percebendo que ele não conseguia quebrar
13 rotinas, ele não conseguia dormir quando eu ia dormir na casa da minha sogra
14 ele passava a noite toda chorando, ele não fazia coisas que as outras crianas
15 da idade dele fazia, e então fui mudando por várias vezes de pediatra e todos
16 me culpa na verdade culpava a família dizia que esse comportamento era
17 porque ele e filho único isso tudo era mimo, até que um dia uma pediatra
18 perguntou se ele tinha autismo eu disse que não sabia, mais sabia que tinha
19 algo erado então fui procurar saber o que era autismo e fui atrás de
20 acompanhamento pra ele.

21

22 4- Muito leve, eles falam que ele vai desenvolver a fala, até a desenvolveu
23 bastante e isso que me intrigava, eles falavam que ele não era estimulado,
24 como que ele não era estimulado? Se eu cantava, eu brincava, eu colocava
25 vídeo de música pra ele. Assim se você perguntar pra ele, fala porco ele não
26 fala porco ele faz o barulho do porco, tudo ele associa o barulho que o bicho
27 faz entendeu? Então o grau dele e leve e ele te, um pouco de TDAH ele e um
28 pouco imperativo o CID dele e 84+ 91 que é Autismo e Hiperatividade. O
29 Autismo geralmente vem acompanhado com outra doença e isso dificulta o
30 diagnóstico. E você acredita que antes eu não tinha nem um diagnóstico do
31 TDAH eles simplesmente diziam que era normal porque ele e era sozinho, era
32 filho único tudo era mimo meu, as questões assim geralmente eles
33 generalizavam que era tudo culpa da família por ele ser filho único.

34 5- Não vou te falar que e maravilhoso, não vou porquê e muito difícil o preconceito que
35 você sofre, tudo que você quer e um direito ta la na lei nº 12724 que o autismo tem
36 isso, isso e isso de direito mais tudo você tem que brigar e cansativo, não pelo fato de
37 ter que cuidar, porque bom, ele vai para a terapia tudo no horário oposta da escola eu
38 levo ele, ele az todos os tipos de terapia ta na APAE tudo certinho, so que eu acho
39 difícil e isso a dificuldade pra tudo, não e maravilhoso, as crises dele quando a gente
40 sai eu não gosto porque me gera tipo um transtorno, em mim mesmo, tipo uma
41 frustração porque você não consegue controlar, tudo você tem que tentar fazer para
42 que não gere crise nele, hoje as crises dele ta controlada, tipo assim ne controlada
43 entre aspas ne, ele chora, tem vez que ele chora nos lugares ele esperneia, mais eu
44 trabalho muito com ele a rotina, assim o que eu vou fazer amanhã eu trabalho com

45 ele hoje, amanhã a gente vai em tal lugar, tal lugar e tal lugar então diminui um pouco
46 ansiedade dele e não gera tanto aquele impacto nele. Eu faço isso. Se eu falar pra
47 você que eu amo ter um filho autista, não, porquê e muito difícil mais ele e meu filho,
48 faço tudo por ele, porque eu escuto muita mãe falar à eu amo o Autismo, não eu não
49 posso falar que eu amo o autismo, e um transtorno que gera uma dificuldade pro
50 próprio filho da gente, eu quero dizer assim eu não digo que escolheria a doença por
51 que o autismo não e uma doença é um transtorno, se a gente pudesse escolher eu
52 não escolheria ter um filho autista por que a dificuldade e muito grande na sociedade,
53 as pessoas não olha pro seu filho e olha como uma criança eles olha como se fosse
54 uma margarina com rotulo, tudo á e porque ele e autista e isso me machuca, muitas
55 vezes eu entro em atrito em algumas situações por que eu não sei tratar meu filho
56 como se fosse um rótulo de margarina. Ele e uma criança normal, ele faz birra, eu sei
57 quando ele está fazendo birra e sem quando e uma crise, tem diferença das duas,
58 muito grande a diferença, eu conheço quando ele faz birra e quando ele ta com crise,
59 crise ali de momento, acontece, acontece dele ter crise, ter crise ali de momento e
60 normal, mais eu sei diferencia, então quando ele faz birra eu trato ele como uma
61 criança normal, não vou dizer pra você que ele não fica de castigo por que ele fez
62 coisa errada isso e quando é que ele fez tipo assim sabendo, agora não quando e
63 crise eu só tenho que acalantar, muitas vezes nas crises dele eu não falo nada, eu so
64 abraço, eu acho que abraçar, porque geralmente eles caça um porto seguro, quando
65 você abraça, não precisa falar nada e so abraçar e eles já se sentem seguros tipo
66 uma proteção por que geralmente eles cassam um lugar pra se proteger, la em casa
67 o lugar que ele gosta, tipo assim se ele sumiu você pode saber ou ele ta de baixo da
68 mesa no quarto dele que tem uma mesa ou ele ta, e agora ele ta adaptando entrar
69 dentro do guarda roupa ele abre as porta do guarda roupa so que pode deixar ele la
70 por que passa uns dois ou três minutos e ele sai calmo, de bem, entendeu? ele mesmo
71 se organiza no espaço dele, quando ele ta fora do ambiente ele se organiza sozinho.
72 Eu to tentando fazer ele aprender se lidar, na escola mesmo eu pergunto como ele
73 faz, as meninas fala que tem hora que ele fica tipo rebelde não quer fazer as coisas
74 não sei o que, faz birra, mais ai e birra não e crise, a crise e um pouco diferente
75 entendeu? Porque logico ele vai brigar pra não fazer as coisas porque eles não gosta
76 muito de ordem, eles não gostam.

77 7. como ele esta? antes e agora? Maravilhoso hoje os outros olha pro meu filho e fala
78 assim – meu Deus eu tenho dó de você, e eu falo meu amor você conheceu meu
79 filho, no casso ele tem um ano e oito então tem um ano e oito que ele faz terapia, foi
80 antes de entrar na escola, ele faz terapia ele e acompanhamento pela APAE, então
81 essa evolução dele de comportamento até mesmo aceita a tipo assim desenvolver a
82 fala, hoje ele olha pra você que foi uma coisa que eu trabalhei muito, pegava a mão
83 dele e tudo que eu queria que ele escutasse a mim e me olhasse eu pegava na mão
84 dele, olha pra mim e colocava a mão dele no meu olho, por que eles são muito visuais
85 não adianta dizer pega o telefone, porque ele não vai associar a figura ao telefone,
86 mais se você antes disso sempre mostrar a figura, pega o telefone pra mãe tipo assim
87 (a entrevistada pega o telefone não mão e me mostra e mostra como se tivesse
88 fazendo com a criança) ele vai gravar, no decorrer de três a quatro vezes ele vai gravar
89 e saber o que e o telefone ele vai saber o que a palavra quer dizer o objeto, hoje ele

90 olha, antes ele não olhava no olho era complicado hoje ele evoluiu muito, so que não
91 e uma coisa tipo assim ele evolui sozinho tudo tem que ser estimulado.

92 8. Ele faz TO que e Terapia ocupacional, ele faz TA que e terapia do espectro autista
93 que e pro autismo mesmo que e voltado para o autismo e tipo o momento que a
94 Sandra e especializada em autismo então ele faz, ele faz Fono ele tem psicólogo ele
95 e acompanhado pelo psiquiatra pelo neuro ele tem pediatra, todo mês ele vai, então
96 ele e acompanhado pelo multidisciplinar então ele tem um acompanhamento, ele vai
97 no AAEE que e um recurso, aqui no luzia nunes, então ele faz tudo que e parâmetro
98 da idade dele ele faz, tudo eu a coloquei desde que a gente descobriu por isso que
99 ele assim desenvolvido. Quando você tem o diagnóstico cedo você trabalha o precoce
100 ne, no caso a infância, quando e tarde eu vejo muita criança com oito, nove anos que
101 não tem o desenvolvimento que ele tem, ele não fala mais ele fala visual, ele faz gesto
102 ele tenta comunicar com você e eu conheço crianças com oito, nove anos que foi
103 diagnosticado tarde, então atrapalha um pouco no desenvolvimento dele, e também
104 vai da família ne tem isso também, família e a base pra tudo.

105 9. não tenho nada a reclamar não, na verdade só fico com dó dela porque antes ela
106 não tinha estagiaria porque e complicado tipo se ela ta fazendo uma aula de pintura,
107 ela tem que estimular ele, então pra ela ficar só com ele e complicado, então não
108 tenho o que reclamar dela, ai agora se Deus quiser a estagiaria vem pra ajudar ela,
109 tipo assim pra ajudar ela porque a gente sabe que como e. Eu mesmo falo por que
110 quando eu estou em casa eu falo pinta ai eu fico lá, a gente senta ai daqui a pouca já
111 vai pra outra atividade ai eu chamo vem ai aqui senta aqui com a mamãe vamos
112 terminar de pintar tipo ele gosta muito de dinossauro, homem aranha esses
113 personagens entendeu, ai ele pinta duas vezes uns dois riscos ai desliga ai você tem
114 que ta buscando então pra um professor só eu acho complicado.

115 Pelo menos aqui não.

116 10. Ele fala, ele fala que gosta de vim pra escola, ele não fala igual uma criança normal
117 tipo mãe eu amei a atividade tal. Eu sempre pergunto filho o que você fez a se foi
118 alguma atividade de dança de música ele gesticula ele tenta fazer o som que foi feito
119 então ele passa pra gente o que ele faz, so que não de uma forma como uma criança
120 normal, mais ele faz.

121 Ele gosta muito, ele ama ama muito de paixão o Fabio, ele defende o Fabio, ele
122 protege o Fabio tipo assim, estando no lugar em uma sala de vinte alunos ele escolheu
123 um então tudo e o Fabio, só que a Evelin ele gosta muito da Evelin ate pra ir embora
124 ele espera a Evelin todo dia, ele sai da sala e fica esperando ali no portão por que a
125 gente vai até um pedaço do caminho junto, então ele tem isso, então se hoje eu não
126 esperar a Evelin ele vai daqui ate la em casa chorando porque eu quebrei uma rotina
127 tipo assim.

128 11. Em relação ao comportamento dele, a dificuldade de trabalhar com ele em sala,
129 nem precisa mais falar, eu percebo, como ele tem essa, como que eu vou dizer, o
130 Fabio então se o Fabio tiver na sala ele gruda no Fabio, ele quer proteger o Fabio das
131 outras crianças então muitas vezes atrapalha no desenvolvimento da atividade, só
132 que a professora fala assim que, ele não faz a atividade só que ele fica prestando

133 atenção, quando e coisa que ele gosta ele não quer parar de fazer, então assim e
134 nesse sentindo, só que ela nunca, mais a questão e assim, então a questão e que ele
135 fica agressivo assim se você for pegar o Fabio dele no caso então se for outra criança
136 chegar perto do Fabio ele impura então e difícil, tem um pouquinho de dificuldade pra
137 trabalhar com ele em sala, ele acha que ele tem que proteger o Fabio tem que ficar
138 ali e ninguém pode tocar. Assim e igual se você der isso aqui pra ele (a entrevistada
139 mostra o celular) ele cuida com maior carinho.

140 12. Ele faz algumas atividades só que tem coisa que ele não aceita, tipo ele não gosta
141 de se sujar, ele não gosta de se pintar, tudo que gera transtorno no sensorial dele ele
142 tem um sensorial muito avulsado tipo assim textura, tudo que e mole e suja, tinta ele
143 não toca, tudo que suja ele, ele não toca, comer também termo de textura mole ele
144 não aceita.

145 13. Por enquanto não está tendo auxiliar mais a gente conseguiu e estamos so
146 esperando ela veio na terça pra começar a trabalhar com ele so que na terça ele não
147 veio por que ele faz acompanhamento fono então e sagrado toda terça ele não vem
148 pra escola à tarde.

149 14. Mais eu. Mais o pai dele também participa, o pai dele leva ele na APAE quando
150 eu não posso, mais eu prefiro eu ir porque tem coisa que tem que ser extra ne tipo,
151 quando eles estão trabalhando na APAE igual agora a última que foi de estimulação
152 de sujar de jogar alguma coisa nele tipo uma farinha ela sempre passa pra gente
153 fazer em casa também tipo um extra por isso e mais eu que vou porque eu to mais
154 por dentro da rotina dele e também meu marido trabalha e é muito cansativo pra ele

155 Não foi levado nem uma atividade da escola pra casa acho que por que eles são muito
156 pequeno ainda.

157 15- Pode melhorar em questão da auxiliadora, agora a gente conseguiu por que eu
158 vejo que se a criança especial tem um acompanhamento de uma pessoa pra ele, ele
159 desenvolve ele consegue fazer, você consegue trazer ele, se ele sai mais você
160 consegue trazer ele pra fazer a atividade, então eu vou ver agora, por que e
161 complicado eu julgar uma professora coitada, só ela com mais uns 15 crianças e o
162 meu ele esperto ele sabe onde e seu ponto fraco é aquele ali (risos).

163 16- Melhorou muito a socialização porque quando a gente ia na praça no meio de
164 pessoas estranhas era em difícil, as pessoas as vezes não entendem tipo assim elas
165 não saem diferenciar uma crise de uma birra então elas pensão nossa que menino
166 mal educado e meio constrangedor, então a escola ajudou muito no convívio com as
167 outras crianças com outas pessoas.

168 17- O maior desafio pra estar incluindo a criança autista na escola regular e o suporte
169 que a escola tem mais não em questão só do professor, mais, na constituição diz que
170 e direito da criança estudar na escola regular só que na verdade quando ele chega na
171 escola regular não tem o suporte que necessita desde matérias adaptados essas
172 coisas e os professores foram pegados tipo meio que de surpresa tipo não de surpresa
173 mais de preparatório porquê e meio vastos as especializações, então muitas vezes
174 eles pegam uma turma, vamos pegar no começo, eles pegaram uma turma tipo, a
175 partir de tal data vai começar a inclusão, não tem um preparatório necessário, não

176 tem um espaço adaptado, então e assim a maior dificuldade da inclusão no ensino
177 regular e isso e no aprendizado da criança e eles dizem que e direito do
178 acompanhante da criança tudo, só que quando começa o ano letivo tem que você
179 correr atrás até a escola conseguir e muitas vezes também assim não so a questão
180 da escola tem que os pais correr atrás também tem que ter o acompanhamento dos
181 pais também pra acontecer a inclusão da criança que e no caso o suporte fora da
182 escola e a falta de então essa e a maior dificuldade que eu acho e a falta de
183 organização no só de acolher a criança mais sim do apoio tipo assim o profissional
184 poder se especializar ter também formação voltada, ter conhecimento também porque
185 pra trabalhar com a criança especial não e só vice saber que ele tem direito a inclusão
186 mais também e saber a forma de trabalhar e hoje o maior desafio e isso e o maior
187 preconceito que e trabalhar nessa questão e também adaptação ne, que vem
188 adaptação, necessidades de psicólogos que muitas crianças precisa e não tem ai
189 muitas precisa correr atrás do apoio, tipo o apoio no caso e a APAE, a APAE que da
190 o suporte, eu acho que falta a desejar um pouco mais na questão de estabilidade ne
191 nem estabilidade e estrutura na escola.

192 Então na constituição diz que e direito mais e os nossos deveres, os pais também tem
193 eu fazer a parte deles, mas eu acho que a escola tipo assim se tem a inclusão ele tem
194 que ser aceito, beleza, ele e aceito mais ai não tem o suporte, vem as verbas escolar
195 vem tudo mais e o material escolar? não tem material escolar, não e me referindo ao
196 meu filho mais tem criança que necessita de adaptador pra pegar no lápis porque eles
197 não conseguem nem seguram por causa coordenação motora, então tem uns
198 adaptador?! não tem, então são exemplos, são coisas que e preciso que seria na
199 verdade o que diz na inclusão que seria isso tudo ate mesmo um banheiro adaptado
200 que não tem.

1 **Entrevista professor**

2 **DADOS GERAIS:**

3 **Nome:** Carla

4 **Idade:** 40

5 **Grau de instrução:** Pedagoga

6
7 1- Sim

8 2- Porque na verdade a criança e inclusa no espaço, o sistema não oferece a
9 inclusão de fato tipo preparação do professor, preparação do acompanhante
10 do espaço, são essas as grandes dificuldades, o próprio curso de pedagogia
11 não te prepara, te apresenta mais não te prepara essa e a principal dificuldade
12 que a gente encontra porque a inclusão e dentro da sala e só colocar a criança
13 na sala aí e um Deus nos acuda.

14
15 3- Com certeza não. Na verdade, o curso teria que oferecer a preparação mesmo
16 mais tudo bem que o tempo de curso não dá para te preparar por especialidade
17 eu acho que o município deveria tipo, a professora foi localizada pra trabalhar
18 com a criança com aquela necessidade, ela deveria ter uma preparação até
19 semanal se possível pra lidar com a necessidade daquela criança, como tem a
20 formação mensalente a gente deveria ter pra trabalhar com essa necessidade
21 e a graduação deveria aprofundar mais com essas necessidades de como as
22 crianças

23
24 4- Acredito que nem uma deficiência nem uma escola está preparada.

25
26 5- Teria que ser muito investimento no material, no pessoal, na estrutura em si,
27 na estrutura física da escola, nos recursos para escola, no pessoal seria muita
28 coisa.

29
30 6- Na verdade autismo e uma necessidade muito particular que a criança tem o
31 que eu intendo, uma deficiência na verdade eu não gosto nem de chamar de
32 deficiência porque deficiência e um termo muito pejorativo, o autismo e uma
33 necessidade muito particular que a criança tem, e um outro mundo que a
34 criança vive, ela vive no outro mundinho dela ai e obrigada a se inserir num
35 mundo que a gente considera normal, e o mundo dela também e normal, e
36 complicado mais da pra criança ser inserida se tivesse assistência, se a
37 assistência fosse direitinho se fosse investido alguma coisa, se os
38 investimentos fosse direcionado realmente para que a criança fosse inserida
39 no mundo em que a gente acha normal.

40
41 7- A inclusão da criança especial independente do autismo ou não acho a ideia
42 maravilhosa, acho ele maravilhoso porque só a vida social que a criança ganha,
43 porque historicamente eram considerados loucos eram pessoas excluídas,
44 mais a vida social que a criança ganha, a convivência com o meio e os pares
45 e para as outras crianças então e uma maravilha, as outras crianças aprendem
46 muito com eles, aprende bastante companheirismo de ter cuidado com o outro,
47 as vezes eu digo que essa inclusão e melhor para o resto da turma do que para
48 o autista, e bom para o autista mais o resto da turma, essas crianças entendem
49 todo o comportamento do meu aluno, elas entendem a agressão dele, eles
50 perdoam a agressão dele fácil, fácil eles não revidam a agressão dele, e olha

- 51 que eles so tem três anos, crianças com três anos consegue entender que ele
52 e especial.
53
- 54 8- A inserção do autista eu acho importante na sala comum, apesar de acha por
55 não ter investimento que eles deveriam ter um espaço também especifico pra
56 eles mais isso dentro da escola pública não tem como oferecer e talvez nem
57 seria não necessário assim.
58
- 59 9- Sim, não tem como não ter dificuldade porque a criança tem o tempo dele, a
60 criança não entende alguns comandos, algumas coisas, tipo assim vamos
61 sentar vamos conversa tipo agora nós estamos fazendo isso, o autista se
62 incomoda com algumas coisas, se incomoda com alguns barulhos algumas
63 pessoas, no início do ano ele só conseguia se aproximar de uma criança só as
64 outras não podiam se aproximar por isso era muito difícil porque as crianças
65 não podiam se aproximar dele e elas não conseguia entender porque não
66 podiam se aproximar por que uma criança de três anos não vai entender uma
67 coisa dessa né por que eles são muito pequenos, ai aos pouquinhos ele foi se
68 acostumando foi se aproximando, então quer dizer que não e impossível, ele
69 tinha muita dificuldade e ainda hoje tem, tem vez que eu fico suadinha pra
70 tentar controlar ele no lugar pra poder participar de alguma coisa pra ele poder
71 se interessar por alguma coisa.
72 Na verdade, eu não tenho muita saída para buscar recursos, na verdade o
73 único que se atem e a internet ne, vai lá você pesquisa sobre a idade dele,
74 sobre a necessidade, sobre como evolui, na verdade e a saída que a gente tem
75 ne, confeccionar algum material que a gente também pesquisa pela internet
76 como e que e então e isso.
77
- 78 10-A família do João colabora muito, muito mesmo, a mãe do João ela e muito
79 participativa, ela se interessa, ela também pesquisa muito sobre o assunto, eu
80 já tive caso de outras crianças com necessidades que a família era cansada
81 pela situação que não participava de nada mais a mãe do João ela e ótima, o
82 pai dele que e muito ocupado por causa do trabalho pelo ao menos no contato
83 com a escola ne devido os horários mais a mãe não, ela participa, ela está
84 sempre preocupada, ela dá dicas sorte dele de ter uma família assim.
85
- 86 11-Seria um trabalho muito mais difícil ne, por que as famílias tem poucas
87 informações algumas como a mãe dele e que procuram mais informações,
88 outras tem poucas informações, poucas condições um monte de coisas pouca
89 ne, eu não sei eu acho que o município deveria tentar oferecer isso também, a
90 participação deles em informar em eles participar com a criança na escola pra
91 eles estar ali pra ver como funciona, talvez trabalho com psicólogo pra
92 orientação com eles porque alguns não passa por isso não entendem nem a
93 necessidade da criança, eu conheço caso eu tive aluno que o pai tirou da
94 escola porque a mãe procurou ajuda medica e ele disse que a própria mãe
95 estava chamando o filho de louco então tirou o filho da escola e isso e horrível,
96 porque se a criança estivesse avançado ela para na ignorância da família.
97
- 98 12-A gente usa muitas coisas individualizada com ele, as coisas são com figuras,
99 essas coisas de procurar figura, repetição de palavras porque ele tem muita
100 dificuldade na fala mais ele consegue com muito trabalho, esses brinquedos

101 lógicos que ele gosta a gente costuma dar para ele, trabalha muito a música
102 com ele mais quando tu aumentas ele a se incomoda, eu acho que rabisco
103 também, bom a gente tenta fazer diversas coisas diferentes com os recursos
104 que a gente consegue.

105
106 13-O tipo de profissional que conhecesse a fundo a necessidade que conhecesse
107 várias formas de trabalhar com essa necessidade ne, seria os professores com
108 especialidade nessa necessidade ou em educação especial direcionado para
109 isso, porque alguns professores tem educação especial na formação mais ai
110 ele está em outros espaços ele não está nesse espaço pra eles, eles são
111 atendidos em outra escola que e no contra turno ele e atendido em uma sala
112 de recurso, era bom se estivesse alguém acompanhando ele, se em cada
113 escola tivesse um profissional um tratamento, porque tem escola que tem mais
114 de um aluno então seria melhor se tivesse uma sala de recurso em cada
115 escola.

116
117 14-O que eu tenho observado e que as salas viraram um deposito, o governo
118 obriga a matricular o aluno e aceito ne porque tem que dizer que está
119 cumprindo o papel, coloca a criança na sala mais não coloca nem um recurso
120 pra auxiliar a professora, nem formação pra isso, simplesmente deixa a criança
121 la e a professora e que se vire com a criança e com mais a deficiência de
122 espaço para o restante da turma, deficiência de estrutura, logística de tudo de
123 toda a turma, a basta esse problema que a professora tem que lidar, não que
124 o aluno com deficiência seja um problema mais as salas viram um deposito tipo
125 assim o município está cumprindo o papel dele está colocando as crianças na
126 escola, esta matriculando mais esse não seria o verdadeiro papel como se a
127 criança tivesse seu direito respeitado a criança com necessidade.

128
129 15-Na verdade eu procuro não diferenciar muito, porque eu não quero que eles
130 perceba muito a diferença a ideia e que o João seja incluso com a turma, e eu
131 acho que e melhor que não seja muito diferenciado mesmo porque ai ele acaba
132 pegando e acostumando o máximo que eu posso fazer e preciso fazer e que
133 as crianças respeite as necessidades dele que e diferente em alguns
134 momentos mais na maioria das vezes eu tento fazer essa inclusão fazendo
135 tudo igual para que ele seja considerado igual a todo mundo.

136
137 16-As atividades que são realizadas com a turma inteira, elas só são um pouco
138 adaptadas, como tem agora uma moça que acompanha ele facilita muito
139 porque precisa ficar bem ali tentando chamar a atenção dele, e eu sozinha
140 como era antes com a turma inteira acabava cancelando a atividade para tomar
141 conta do João, agora não toda atividade que usada com a turma inteira eu só
142 tenho que adaptar a atividade que e trabalhada com assistência dela pra ele
143 que e pra ele fazer as coisas direitinho.

144
145 17-Eu acredito, eu vejo que muita coisa mudou no comportamento dele, porque o
146 que e comum também no comportamento de uma criança especial e que ele
147 seja meio egocêntrico porque quando a família descobre a necessidade
148 costuma colocar a criança numa redoma ne isso e muito natural ai eles chegam
149 na escola com isso ai a gente trabalhando eu acho que ele melhorou muito
150 principalmente socialmente, ele já brinca com todo mundo já pede desculpa

151 quando machuca uma criança, as vezes eu peço pra ele dá um recado na outra
152 sala e ele vai as vezes a professora lá não entende mais ele vai que era o que
153 ele não fazia antes de jeito nenhum mais agora ele vai, ele compreende
154 algumas regras, ele aponta as regras do quadro de regras que ele compreende,
155 então ele evoluiu bastante, eu levo em consideração também a idade dele ne
156 não podemos exigir muito, mais ele evolui bastante não morde mais, não bate
157 mais não empurra eu já acho um avanço grande, mais isso eu já faço com toda
158 a turma, isso e pra ser feito com toda turma que por que a criança ela aprende
159 a convivência e nessa idade então a gente vai trabalhando porquê e a primeira
160 vez deles na escola no espaço social que não seja a família

1 **Entrevista diretora da escola Criança Feliz**

2 **Nome:** Lina

3 **Idade:** 46

4 **Grau de instrução:** Pedagoga com especialização em gestão e orientação escolar.

5 1. Dois alunos autista, um com laudo e outro pois foi descoberto aqui na escola,
6 aí encaminhamos para a Semed ele foi avaliado com Autismo só que ainda não
7 tem o laudo.

8
9 2. Sim.

10 3. Todos eles com três anos. A escola também já foi fundamental e nós tivemos
11 uma criança autista que ela era do 1º ano ela estudou acho que dois anos aqui
12 na escola, foi uma criança que saiu até alfabetizada daqui, muito bacana.

13
14 4. Sim porque tem o período para a gente fazer essa identificação, quando eles
15 vêm com o laudo não, ele chega com o laudo a gente já encaminha pra Semed
16 aí eles já providenciam um estagiário para acompanhar ne, porque são
17 crianças que precisam de um cuidado mais específico, agora quando ele não
18 tem laudo que é o caso do outro entendeu? E a gente ainda passamos uns dias
19 sem aula, ele entrou no segundo semestre no finalzinho de agosto por isso que
20 ele ainda está sem estagiário porque tem todo aquele processo ne do professor
21 primeiro identificar chamar a mãe para conversar, fazer o relatório da criança,
22 encaminhar para a Semed aí aguarda até eles chamar ne então tem essa
23 demora então e essa a dificuldade do professor ficam com aquela quantidade
24 x de criança ainda mais quando pega no meio do ano porque quando pega no
25 início a gente matricula uma quantidade menor de alunos por conta desse.

26
27 5. Eu acho que não de forma alguma porque acho que a criança deveria entrar
28 na escola e já ter pessoas preparadas para atende-la da forma adequada
29 porque na verdade nem um professor que está na sala de aula tem essa
30 preparação, a formação que eles recebem, eles não recebem, o que eles
31 recebem e uma formação continuada não tem uma formação específica para
32 receber essa criança então a gente tem sim essa dificuldade.

33
34 6. Agente tem muita dificuldade mais recebe.

35
36 7. E bem complicado explicar, mais eu acho que adequada em primeiro lugar e
37 até mesmo a estrutura física da sala tinha que ser uma sala mais ampla, tinha
38 que ter um material que atendesse essa necessidade apesar de que a gente
39 sabe que trabalhar com o lúdico e o próprio professor está criando junto com
40 as crianças também e muito importante, mais assim além do professor não ter
41 uma formação que deveria ter a sala também o espaço físico na verdade e toda
42 a equipe a escola precisava de ter uma equipe completa, não e só p professor
43 essa equipe tinha que estar aqui, a equipe que está na Semed deveria estar
44 aqui, ai sim essa seria adequada, ter uma equipe completa com professor,
45 psicólogo, com pessoas que pudesse dar assistência a essas crianças e a

46 família porque como eu te falei a maioria das crianças que nós já tivemos com
47 problemas elas foram diagnosticadas aqui dentro da escola mais daqui que a
48 gente chegue ao diagnóstico passaram se dias, e a inadequada e como a
49 nossa que não tem uma equipe completa, a estrutura da sala também não e
50 boa, tinha que ser uma sala bem mais ampla com outros espaços para as
51 crianças ne, porque a educação infantil e isso e a relação da criança com o
52 meio e aqui a gente não tem um parquinho a gente só tem brinquedos
53 confeccionados aqui mesmo pelos professores então e isso.

54

55 8. Não 100% não, assim nós temos uma professora que ela foi até bem
56 parabenizada, pelo fato dela ter estudado bastante ate o relatório dela a
57 respeito da criança foi muito bem elaborado porque ela procurou estudar, mais
58 por ela entendeu, não que tivesse uma formação especifica, ela foi
59 parabenizada no dia da formação por conta do relatório que ela fez, um relatório
60 bem voltado para necessidade do aluno, com essa criança que foi
61 diagnosticada, e assim a mãe também elogiou porque a criança ja tinha
62 estudado em outro N.E.I e ela disse que não tinha percebido tanto avanço nele
63 como aqui, e ai ele consegue participar, a professora realmente estudou tudo
64 sobre ele, ela consegue acompanhar a criança entendeu, então a gente
65 percebe que se ela tivesse uma estagiaria pra estar ajudando seria bem
66 melhor.

67

68 9. De material pedagógico, quanto a isso nós temos todas as documentações
69 necessária, a escola tem o Projeto Político Pedagógico que é o carro chefe,
70 nós temos o plano de ação, o professor também além da formação continuada
71 tem um outro coordenador que vem na escola pra fazer o acompanhamento, ai
72 ele tem aquele planejamento diário dele pra acompanhar, tem o plano de curso
73 anual que e onde a gente se reúne logo no começo do ano pra ver a questão
74 dos conteúdos, dos objetivos pra ser trabalhado por turma durante todo ano,
75 então quanto a isso ai, mais se bem que semana passada que não teve aula já
76 foi o alinhamento do ABNCC porque a partir do começo do ano que vem nos já
77 vamos estar trabalhando de acordo com a ABNCC- Base Nacional Comum
78 Curricular, pois e nós estamos elaborando um único currículo a ser trabalhado
79 por cada segmento, então assim quanto a documentação a escola está
80 completa ela anda direitinho.

81

82 10. O nosso problema aqui e espaço físico na escola que não e adequado, as salas
83 ainda são pequenas falta assim a questão de brinquedos, uma quadra, uma
84 sala de leitura melhor porque a nosso só e aquele cantinho ai a professora que
85 vai lá até a sala que e aquele cantinho lá improvisado, a gente sabe que
86 também as crianças hoje precisava ter acesso a computador mais nós não
87 temos sala de informática então e o que falta aqui na escola.

88

89 11. Na verdade tem hora que eu até, como eu te falei que os professores tem
90 dificuldades de trabalhar, eu nem sei se eles são inclusos, até que tem um
91 como eu te falei que ele participa ne, o professor quando ele estuda, mais e
92 com muita dificuldade por ele não ter esse conhecimento

- 93 12. O pai vem na escola faz a matricula, os que sabe que a criança já tem o
94 problema ele já fala e faz a matricula normal como uma criança normal
95 entendeu, não tem, assim igual esse outro que entrou por último que eu te falei
96 a mãe não tinha conhecimento então faz se a matricula normal e faz aquele
97 procedimento que eu já tinha ti falado.
98
- 99 13. O professor não tem formação pra isso ne mais nós procuramos ver com o
100 professor, as vezes eles vem pra cá pra gente pesquisar para procurar ver de
101 que forma e melhor pra se trabalhar porque nós não temos só autista nós temos
102 também crianças que não ouve aqui na escola e ai até que o primeiro ano foi
103 muito difícil só que agora nós já descobrimos muitas coisas sobre os autistas,
104 a gente sabe que eles gostão de música, a gente sabe que eles usam bastante
105 o corpo que eles gostão de usar certos materiais então o professor procura
106 solucionar, procura estudar a respeito do que eles gostam faz essa observação,
107 inclusive a professora tem bastante vídeo dele participando das atividades,
108 mais e assim e o professor mesmo buscando é assim, na verdade esse ano já
109 teve uma diferença também na questão da formação, tem um período que eles
110 vem até a escola e o professor da sala comum passa as dificuldades que está
111 tendo na sala pra professora da sala de recurso, quando a criança ja vem com
112 o laudo ele e encaminhado para sala de recursos, além dele estudar aqui na
113 sala comum ele vai pra uma sala de recurso, ai o professor vem até a escola,
114 o professor da sala de recurso pra saber qual a dificuldade que o professor está
115 tendo, pra ver se está batendo o desenvolvimento da criança, esse ano já teve
116 essa mudança muito significativa, muito boa. Agora já está tendo essa parceria
117 que antigamente era muito difícil não tinha.
118
- 119 14. Não até porque tem muitos pais que não tem o conhecimento de que seu filho
120 e autista então não tem isso na escola, o que tem e o seguinte teve uma mãe
121 que veio matricular o filho mês passado (outubro), ai ela disse que ele era
122 cadeirante, era tudo, ele era da turma do jardim I ele tina 4 anos, então aqui
123 nós tínhamos uma vaga, mais como ele era cadeirante e é a sala mais lotada
124 nós temos 24 alunos dessa sala e no inicio nós havíamos colocado 25, então
125 não tinha como pegar, ai eu expliquei pra ela que quando a gente pega uma
126 criança assim nos diminui 3 crianças na turma, ai não tinha como colocar essa
127 criança, então não e cota a gente só não pega mesmo quando não tem jeito
128 ainda mais que ela a veio bem no final do ano, mais eu informei outra escola
129 não sei se ela foi lá.
130
- 131 15. Na mesma sala, junto com as outras crianças.
132
- 133 16. Tem a parte no plano que abrange ele também, que abrange as necessidades
134 dele mais e um único plano para a escola toda.
135
- 136 17. Tem os estagiários. Bom não e fácil contar com esse tipo de profissional não,
137 a secretaria diz que e difícil pra eles também, não sei se e por causa do valor
138 que e pago porque eu não sei qual e o valor, mais não e tão fácil não.

1 **Diário de campo escola Era Uma Vez**

2 1° dia 16-04-2018

3 Solicitação de autorização escola Era uma Vez

4 O primeiro contato na escola foi com a vice-diretora Jeane, expliquei a ela sobre a
5 minha pesquisa, o título e objetivo, a mesma me recebeu bem mais foi logo me
6 explicando das dificuldades que eu iria enfrentar para fazer a pesquisa, porque as
7 professoras que trabalham com alunos especiais não recebem formação e não gosta
8 de participar de pesquisa porque as pessoas sempre saem falando mal da escola e
9 nunca olha o lado dos professores e demais funcionários. Em seguida me apresentou
10 para professora da sala de recurso professora Cleide, e me informou que ela e quem
11 poderia me ajudar, em seguida fui para sala de recurso com a Cleide que me falou
12 dos alunos com deficiência e relatou que a professora Marcia a que leciona para o
13 aluno autista está de atestado e só retornara na segunda feira dia (23-04) e por isso
14 o aluno não está requentando nessa semana, a Cleide me apresentou a professora
15 Jeane para que eu pudesse dar continuidade a pesquisa, ao conversar com a Jeane
16 a mesma se dispôs a participar desde que eu tenha todas as autorizações para
17 realizar a pesquisa principalmente a do pai do aluno, ao conversar com a mesma
18 sobre que se tratava a pesquisa ela me informou que o aluno dela não tinha dado
19 entrada na escola como autista porem um laudo atual deu um diagnóstico diferente
20 então elas não consideravam ele como autista, retornei a sala para falar com a Cleide
21 sobre o ocorrido e a mesma falou que tinha esquecido e que realmente agora a criança
22 tinha sido diagnosticada como DI, então a mesma se disponibilizou a me ajudar no
23 que fosse possível dentro de sua disponibilidade por que ela trabalha nos três turno,
24 a mesma já perguntou o que tinha pra ela e eu falei sobre o questionário de perfil e
25 atuação do profissional da sala de recurso ele pediu que eu deixasse com ela para
26 responder na hora que tivesse um tempo, então deixei com e ela e em seguida voltei
27 a secretaria para falar com a vice diretora sobre a autorização da pesquisa, a mesma
28 pegou o documento e pediu que eu aguardasse pois ela ia levar para diretora pois ela
29 estava sem carimbo, então a diretora assinou a autorização para realização da
30 pesquisa.

31 2° dia 12-09-2018

32 Número de alunos: 27

33 Estava presente na sala: Professora, a monitora do aluno autista e do aluno DI e uma
34 auxiliar de alfabetização.

35 Cheguei na escola e conversei com a vice-diretora expliquei porque não estava indo
36 e perguntei se poderia dar continuidade a pesquisa, ela foi bem atenciosa e me
37 conduziu a sala da professora Paula onde encontrasse matriculado o Sergio alunos
38 diagnosticado com Autismo.

39 Ao conversar com a professora ela falou pra esperar um pouco que logo ela ia me
40 falar sobre o Sergio.

41 A disciplina trabalhada hoje e ciência a professora faz o cabeçario e em seguida a
42 atividade.

43 Escola Luzia Nunes Fernandes

44 Professora: Paula

45 Aluno(a): _____ Data:

46 Ciências

47 LISTA DE ANIMAIS

48	LEÃO	CACHORRO	OVELHA
49	PEIXE	PAPAGAIO	VIADO
50	BALEIA	ABELHA	CAMALEÃO
51	ZEBRA	HIPOPOTAMO	IGUANA
52	MACACO	DRAGÃO	SAPO
53	COBRA	URSO	URUBU
54	VACA	RAPOSA	GAMBAR

55 Atividade

56 1º) Reescreva em ordem alfabética o nome dos animais.

57 Após escrever a atividade no quadro a professora ler em voz alta unto com os
58 alunos o nome dos animais e explica atividade.

59 O Sergio está acompanhado da monitora, no momento ele está brincando com
60 carinho, ao conversar com a monitora ela diz que ele não faz as atividades que a
61 professora escreve no quadro ele não transcreve para o caderno mais a professora
62 sempre faz uma atividade especifica para ele.

63 A atividade de Sergio hoje e para completar as fileiras com desenho que está faltando
64 em cada fileira (Figura 1.) a monitora explica a atividade para Sergio em seguida ele
65 escreve seu nome e vai desenhando as figuras que estão faltando em cada fileira,
66 após desenhar ele colori os desenhos e quando termina pergunta pra monitora se
67 pode fechar o caderno. A professora sai um pouco da sala e as crianças começa a
68 fazer bastante barulho Sergio fica um pouco agitado a monitora pergunta se ele quer
69 dá uma volta fora da sala ele diz que sim, mais logo a professora volta as crianças se
70 aquietam e Sergio continua na sala.

71 A monitora mostra o nome do Sergio no caderno e pede pra ele falar letra por letra,
72 ela aponta a primeira letra ele fala na segunda letra ele fala o nome todo então ela
73 começa novamente e ele não da atenção vira pra traz e começa brincar com o outro
74 colega.

75 Carlos e uma criança tranquila porem fica um pouco agitado com o barulho, se
76 comunica bem verbalmente, interagem bem com a monitora e a professora, segundo
77 a professora durante uma conversa ela diz que Sergio regrediu um pouco pois antes
78 ele participava mais das atividades, e hoje ele tem um pouco mais de dificuldade ela
79 atribui a regressão ao fato dele ter ficado um bom período ser ir a escola e diz também

80 que as vezes ele fica muito agitado principalmente quando um outro aluno que tem DI
81 começa a gritar Sergio grita também.

82 **Figura 1: atividade realizada pelo aluno no dia 12-09**



83

84 Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)

85

86 3° dia

87 13-09-2018

88 A disciplina trabalhada hoje e matemática.

89 A professora distribui uma folha de atividade para as crianças com uns problemas de
90 adição e subtração.

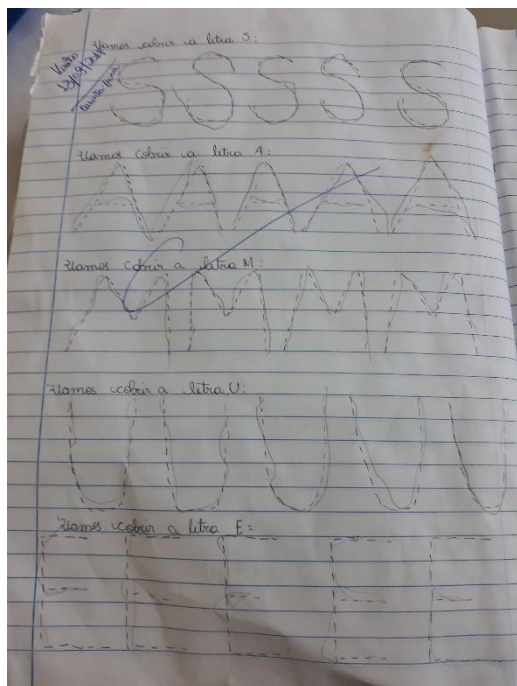
91 Sergio chega na sala e senta na cadeira ao lado da monitora, ela pega seu caderno e
92 faz uma atividade para Sergio cobrir e escrever seu nome (Figura 2), ela explica a
93 atividade e Sergio faz a atividade.

94 A professora entrega para monitora duas folhas de atividades, Sergio escreve seu
95 nome nas atividades, a monitora explica como e para fazer a atividade e então Carlos
96 começa a fazer.

97 Chega hora do intervalo Sergio vai na fila junto com as outras crianças espera sua vez
98 para pegar o lanche e senta junto as outras crianças ao terminar ele corre no pátio
99 junto com as outras crianças a monitora chama Sergio para retornar a sala.

100 Ao retornar a sala Sergio da continuidade as atividades ao terminar ele as colori e cola
101 no caderno.

102 **Figura 2: atividade realizada pelo aluno no dia 13-09**



103

104 **Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018)**

105 Dia 14-09-2018

106 Não houve aula devido a HP

107 4º dia

108 17-08-2018

109 Obs. As monitoras faltaram.

110 Estão presentes na sala a professora Rosa e a professora de educação física.

111 Hoje é dia de educação física, a professora de educação física inicia a aula
112 escrevendo no quadro o texto descrito abaixo e em seguida pede que as crianças
113 copie no caderno.

114

Os levantadores

115 São os jogadores responsáveis por receber os passos. Como o próprio nome já indica,
116 eles levantam a bola com a ponta dos dedos. Em seguida, passam aos atacantes que
117 tentam marcar ponto ao lançar a bola para o campo adversário.

118 A professora de educação física entrega uma folha de atividade para Sergio e diz que
119 ele tem que cobrir os números, deixa a atividade em cima da mesa de Sergio e vai
120 acompanhar os outros alunos, em seguida a professora Lina entrega para Sergio mais
121 duas folhas de atividade, pede que ele escreva seu nome na atividade e pergunta se
122 eu posso auxiliá-lo então eu começo ler explicando a atividade, atividade de leitura e
123 escrita (figura 3).

124 Sergio consegue ler o alfabeto com dificuldade nas seguintes letras E, Q, R, identifica
125 os animais da atividade proposta sem dificuldade, consegue fazer toda a atividade.

126 A professora faz a chamada e Sergio fica muito ansioso para responder, quando chama
127 seu nome responde muito empolgado.

128 Na segunda questão da atividade a cada letra que eu pergunto Sergio diz que não
129 sabe, mais eu insisto mostro um alfabeto na outra folha e ele acaba fazendo a
130 atividade.

131 A segunda atividade a ser feita é de cobrir o número pontilhado para formar os
132 números e depois seguir completando as séries (figura 4).

133 A professora de educação física diz que quem terminou a atividade que está no
134 quadro vai para o pátio para fazer educação física então Sergio para a atividade que
135 está fazendo pega a primeira atividade que está pronta mostra pra professora e entra
136 na fila junto com as crianças que já terminaram.

137 A educação física é no pátio da escola Sergio começa a brincar do “pega” com as
138 outras crianças mais para quando uma das crianças chama ele de perdedor, Sergio
139 fica muito irritado senta no banco e não quer mais participar de nem uma brincadeira,
140 quase no final da educação física Sergio pega o dado que um grupo de crianças está
141 brincando e diz que não vai devolver porque eles chamaram ele de perdedor, a
142 professora de educação física diz que “e sempre assim ele começa brincando aí se
143 sangra e não quer mais brincar, principalmente quando ele perde, parece que acabou
144 o mundo”

145 A professora pede para as crianças formarem uma fila para ir para sala de informática
146 e as crianças saem correndo para sala que fica bem próximo do pátio, a professora
147 pede o dado para Sergio ele devolve e vai para sala de informática.

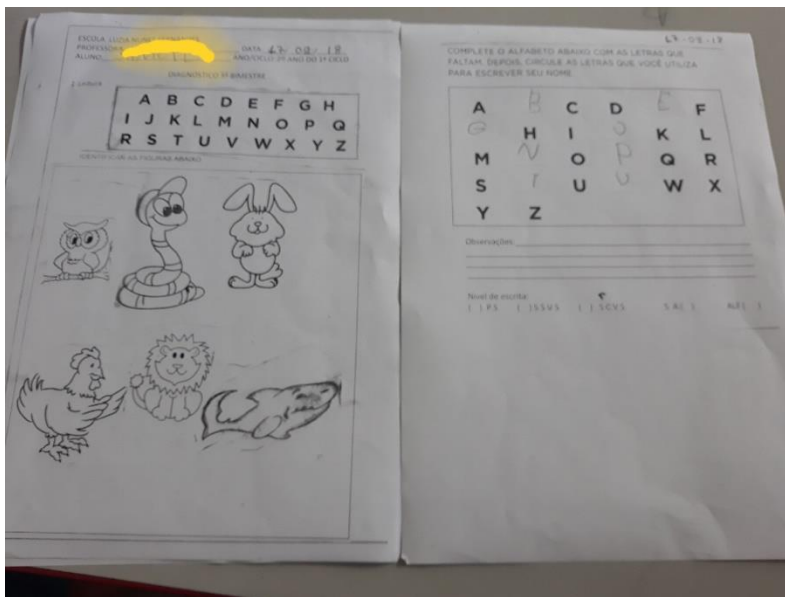
148 Ao chegar na sala de informática Sergio vai direto para o computador, eu me
149 apresento ao professor da sala e ele diz “que Sergio gosta muito de jogar, diz que eu
150 posso sentar ao lado dele pra acompanhar”, enquanto Sergio fica no computador o
151 professor pede que as outras crianças sentem no chão e coloca um desenho no
152 computador para eles assistir.

153 Sergio abre e fecha vários jogos, clica em vários comandos ao mesmo tempo e o
154 computador trava, Sergio diz “chega” eu pergunto se ele que ajuda ele diz “não” então
155 desliga o computador e vai para outro computador eu a está ligado, no outro
156 computador Sergio abre o jogo Kapman um jogo de labirinto, jogar um pouco e fecha,
157 abre o jogo Kgoldrunner, segundo o professor esses são os jogos que ele mais gosta,
158 o professor pede que as crianças formem uma fila para ir ao intervalo, a campainha
159 bate as crianças se dirigem ao pátio para o lanche, Sergio continua no computador eu
160 chamo para ir também, ao sair da sala de informática ele repete várias vezes a palavra
161 “garrafinha” então eu chamo ele para ir na sala de aula pegar a garrafinha e ele diz
162 que não quer ir para sala, então explico que vamos na sala somente pra pegar a
163 garrafinha para ele poder lanchar, Sergio sai correndo para sala pega a garrafinha
164 com suco que está dentro da sua mochila e segue para o pátio, no pátio ele pega a
165 refeição e senta a mesa junto as outras crianças para lanchar.

166 Após o intervalo as crianças retornam a sala de informática agora nos computadores
 167 duas criança por computador, o professor segue uma sequência de jogos educativos
 168 para eles. Sergio segue a mesma sequência abre vários jogos brinca e fecha.

169 Ao encerrar a aula de informática as crianças retornam para sala de aula e Sergio da
 170 continuidade a atividade numérica, Sergio para de fazer a atividade pega um carrinho
 171 que está na sua bolsa brinca um pouco, eu chamo ele para fazer a atividade ele para
 172 de brincar faz um pouco da atividade e pega o carrinho novamente, Sergio segue essa
 173 sequência até terminar a atividade.

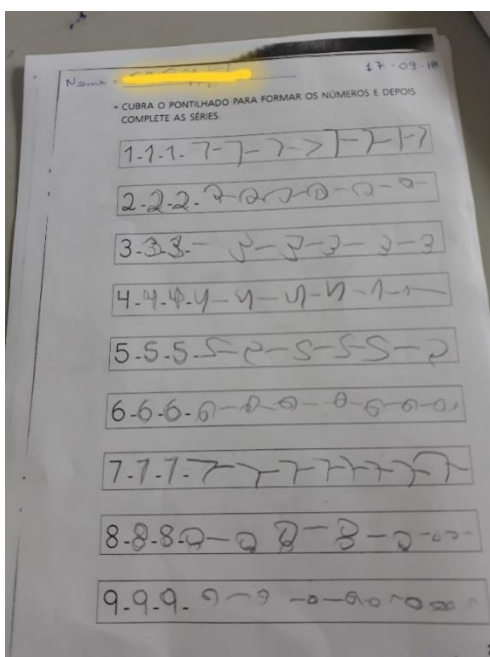
174 **Figura 3: atividade realizada pelo aluno no dia 17- 09**



175

176 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

177 **Figura 4: atividade realizada pelo auno no dia 17-09**



178

179 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

180 18-09-2018

181 Fui na outra escola tentar fazer a entrevista com a diretora para finalizar a pesquisa

182 19-09-2018

183 Não houve aula, pois, a professora Rosa está doente.

184 5° dia

185 20-09-2018

186 Número de alunos: 21

187 A professora inicia a aula justificando sua ausência no dia anterior e pede a
188 colaboração das crianças pois está com problema no ouvido, em seguida distribui uma
189 atividade para as crianças.

190 A monitora do Sergio da uma atividade para cobrir o pontilhado (figura 5), ela entrega
191 a atividade pergunta qual a letra está na folha ele responde prontamente letra S, ela
192 o parabeniza e pede para ele escrever seu nome na folha cobrir o pontilhado ele faz,
193 depois ela oferece lápis de cor para ele colorir o desenho que está na folha. Após
194 terminar a atividade com o auxílio da monitora Sergio corta a atividade para colar no
195 caderno.

196 A professora distribui um papel para as crianças recortar a história da porca de bobes
197 e depois pede para que as crianças escrevam de sua maneira, enquanto isso Sergio
198 fica brincando com um carinho na sua cadeira.

199 As crianças vão escrevendo a história e mostrando para professora e ela vai os
200 auxiliando.

201 A monitora leva Sergio para dar uma volta no pátio do colégio.

202 No intervalo Sergio lancha e permanece sentado durante todo intervalo.

203 Após o intervalo a professora trabalha língua portuguesa, Sergio retorna à sala mais
204 não se interessa por nem uma atividade só fica brincando com um avião de papel.

205 **Figura 5: atividade realizada pelo aluno no dia 20-09**



210

211 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

212 6º dia

213 21-09-2018

214 Nº de alunos: 21

215 A aula inicia com a leitura do Sapo, a professora explica sobre a gincana que vai ter
216 dia 29-09 e diz que vai escolher quem vai participar.

217 A monitora do Sergio faz uma atividade no caderno de cobrir a letra S com
218 pipoca (figura 6), ela passa a cola na letra e o Sergio vai colando as pipocas.

219 A professora distribui para as crianças uma atividade para colorir e depois colar no
220 caderno.

221 A professora se aproxima de Sergio parabeniza pela atividade e pergunta qual letra
222 ele esta fazendo. Sergio responde letra S, a professora diz S de saúde e ele responde
223 S de Sergio.

224 A monitora leva Sergio para pular corda no pátio junto com a outra monitora e o outro
225 aluno com Deficiência intelectual, eles brincam junto de pular corda cada um na sua
226 vez conforme orientação das monitoras.

227 Durante o intervalo Sergio não quis o lanche tomou apenas o suco que trouxe de casa
228 e sentou ao lado de uma colega n pátio, ao terminar o suco foi para a sala. Após o
229 intervalo a professora fala sobre as frutas, as arvores e etc. depois pede que cada
230 criança desenhe a sua arvore da sua fruta preferida.

231 Após o intervalo Sergio fica escutando música e assistindo no celular da outra
 232 monitora junto com o outro aluno que tem D.I.

233 **Figura 6: atividade realizada pelo aluno no dia 21-09**



234

235 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

236 7º dia

237 24-09-2018

238 N° de alunos: 23

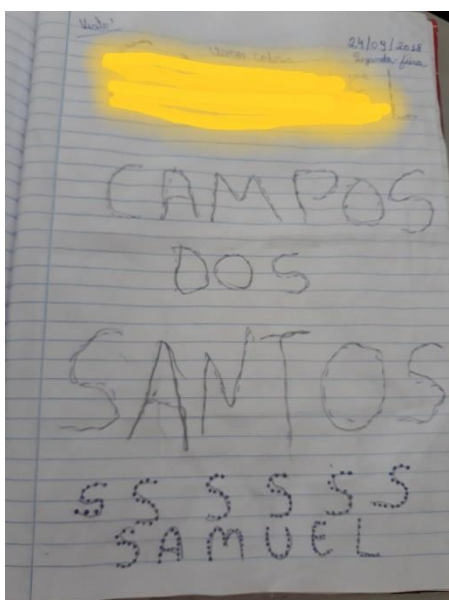
239 A professora de educação física inicia a aula fazendo a chamada, a professora pede
 240 para fazer uma fila para que eles possam ir para o pátio, Sergio quer ir mais a monitora
 241 não deixa, eu pergunto porque ele diz que tem medo dele ficar gritando, eu digo a ele
 242 que semana passada ele brincou com os outros alunos e não gritou então ela o
 243 acompanha até o pátio onde estão as outras crianças.

244 Ao chegar no pátio Sergio brinca com as outras crianças, ele tenta brincar com os
 245 meninos de virar a figurinha mais os meninos não deixa, porque diz que ele não sabe
 246 brincar, eu peço pra eles deixar Sergio brincar um pouco e um deles chama Sergio,
 247 eles brincam por poucos minutos pois Sergio não consegue virar as figurinhas e fica
 248 com raiva e logo sai da brincadeira e fica sentado no banco, a monitora chama ele pra
 249 jogar dama e ele diz não, em seguida fica andando no pátio e chama Daniel para jogar
 250 dama com ele, Daniel aceita, Sergio não respeita as regras então joga de sua maneira,
 251 Daniel joga duas vezes e desisti, a monitora chama ele para brincar mais na verdade
 252 ele que brincar com as outras crianças. João pega um jogo de tabuleiro e chama
 253 Daniel para brincar, o jogo e para quatro pessoas então pedimos para Sergio brincar
 254 também, João não quer deixar Sergio brincar mais com muita insistência ele deixa, a
 255 monitora ajuda Sergio jogar o dado e esperar sua vez respeitando as regras do jogo,
 256 as crianças deixar todos os jogos quando a professora chega com a bola então todos

257 correm para o outro pátio e começam a brincar do queima Sergio s diverte bastante
258 brincando do queima com as outras crianças.

259 Após o intervalo as crianças vão para sala de informática, após a aula informática
260 Sergio fica um pouco no pátio depois retorna para sala e a monitora faz uma atividade
261 no seu caderno para ele cobrir seu nome e a letra S (figura 7), atividade pontilhado.

262 **Figura 7: atividade realizada pelo aluno no dia 24-09**



263

264 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

265 8º dia

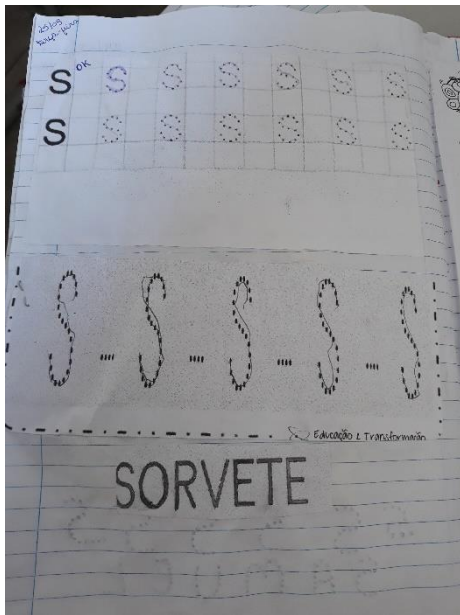
266 25-09-2018

267 Nº de alunos: 22

268 A professora distribui uma folha de atividade para as crianças, em seguida conta a
269 história da galinha dos ovos de ouro, depois as crianças recontam a história no
270 caderno.

271 A monitora do Sergio dá uma atividade pontilhada para cobrir a letra s (figura 8), após
272 realizar a atividade a monitora leva Sergio para dar uma volta no pátio, ao retornar ele
273 realiza outra atividade de contar os elementos que existem ao lado de cada dado
274 (figura 9), Sergio conta as figuras e a monitora auxilia ele a escrever o número dentro
275 do dado segurando na sua mão. Depois de terminar as atividades Sara dá uma capa
276 de caderno para Sergio e ele fica andando na sala abanando os colegas.

277 **Figura 8: atividade realizada pelo aluno no dia 25-09**



278

279 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)280 **Figura 9: atividade realizada pelo aluno no dia 25-09**

281

282 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

283

284 9º dia

285 26-09-2018

286 Nº de alunos: 23

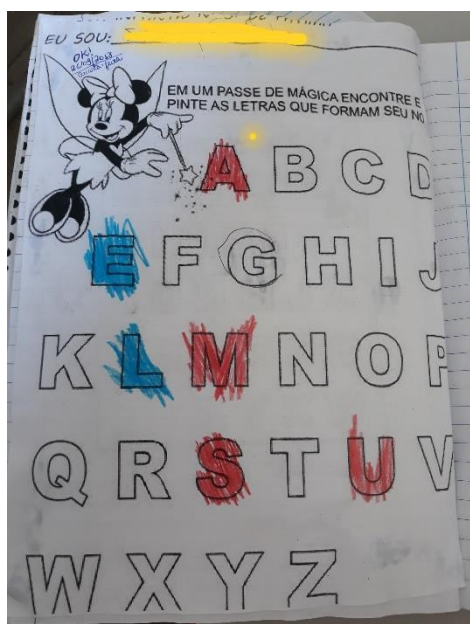
287 A aula inicia com a leitura do boi tata, a professora explica que boi tata é uma leitura de tirinha.
288

289 A monitora apresenta umas atividades que ela trouxe para trabalhar com Sergio. A
 290 monitora trabalha com Sergio numa atividade para ele encontrar as letras do seu
 291 nome e pintar (figura 10), Sergio pinta a letra S a monitora o elogia e diz para ele
 292 continua, ele diz que não sabe mais ela insiste e ele pinta todas as letras do seu nome.

293 A monitora da outra atividade para Sergio identificar os animais e ligar a sua sombra
 294 (figura 11), Sergio fala o nome dos animais que está na atividade e mostra qual e a
 295 sombra de cada um, a monitora recorta os animais Sergio cola suas atividades no
 296 caderno e em seguida começa assistir no celular da monitora, Samuel chora porque
 297 a monitora pega o celular de volta.

298 Após o intervalo a monitora leva Sergio para pular corda no pátio pois ele está muito
 299 agitado, ao retornar para sala Sergio faz uma atividade de cobrir.

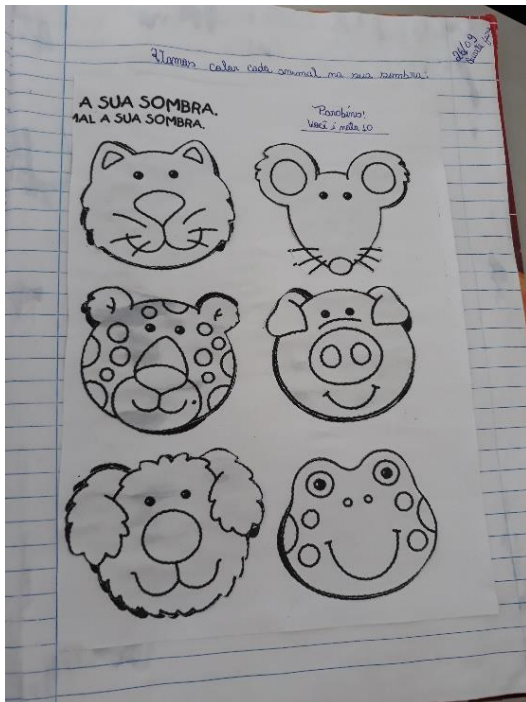
300 **Figura 10: atividade realizada pelo aluno no dia 26-09**



301

302 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

303 **Figura 11: atividade realizada pelo aluno no dia 26-09**



304

305 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

306 10º dia

307 28-09-2018

308 Nº de alunos: 20

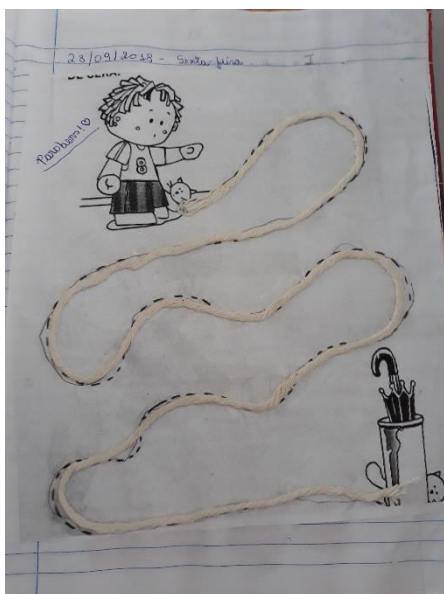
309 Sergio faz uma atividade de colorir o carro e cobrir o pontilhado (figura 12).

310 Após o intervalo Sergio faz uma atividade de encontrar o caminho (figura 13), a
 311 monitora dá um pedaço de barbante para Sergio e ele cola em cima do pontilhado
 312 ligando o menino ao guarda chuva, após terminar essa atividade Sergio pinta a
 313 bandeira do Brasil (figura 14)

314 **Figura 12: atividade realizada pelo aluno no dia 28-09**



315

316 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)317 **Figura 13:** atividade realizada pelo aluno no dia 28-09

318

319 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)320 **Figura 14:** atividade realizada pelo aluno no dia 28-09



321

322 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

323

324 11º dia

325 01-11-2018

326 Nº de alunos: 23

327 A professora de educação física passa um texto no quadro sobre os atacantes e diz
328 que só vai para o pátio jogar bola quem terminar de copiar no caderno.

329 A monitora dá um pincel piloto para Sergio e uma atividade que está dentro de uma
330 pasta plástica transparente ela pede que ele cubra a letra S que está na atividade e
331 depois apague com o dedo, Sergio cobre a letra mais não quer apagar com o dedo
332 por que diz que vai se sujar então ele pede um papel para ela pra ele poder apagar,
333 em seguida ela pede que ele faça um desenho, ele risca a pasta diz que terminou e
334 devolve o pincel.

335 A professora pede que quem a terminou de copiar forme uma fila, Sergio diz que a
336 terminou e entra na fila.

337 No pátio Sergio brinca do queima um pouco mais logo se irrita porque não consegue
338 pegar a bola senta no banco e diz que não vai mais brincar, Sergio grita quando a
339 bola cai perto dele e ele não consegue pegar.

340 As crianças estão muito agitadas a professora encerra a brincadeira e leva eles para
341 sala, o professor de informática vai busca-los na sala de aula. Sergio vai para sala de
342 informática na hora do intervalo Sergio toma seu suco e volta para sala de informática.

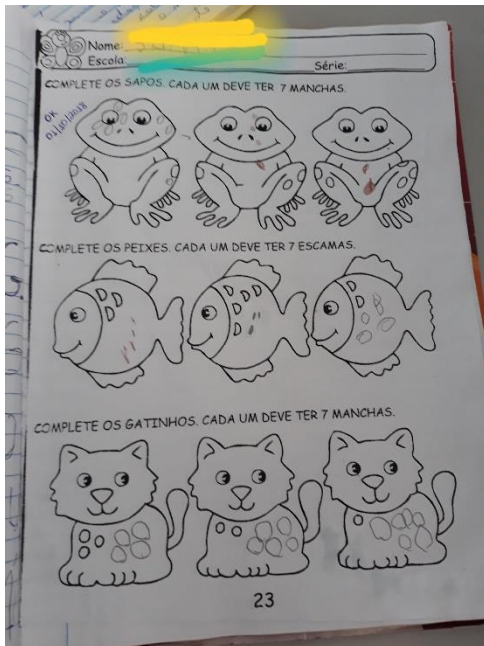
343 Durante a aula de informática realizei a entrevista com a professora.

344 Depois da aula de informática as crianças retornam para a sala e a professora trabalha
345 matemática, Sergio faz uma atividade de matemática, complete as figuras (figura 15),
346 depois que Sergio termina a atividade a monitora lhe dá umas tampinhas de garrafa

347 pet e ele diz que vai construir um muro, ele faz o muro bem alto e cai e ele começa a
348 fazer tudo de novo a monitora diz para ele fazer com poucas tampas então ele diz que
349 vai fazer dois.

350 Sergio faz uma robôlandia de tampinha (figura 16) e chama a outra monitora para ver
351 também, Sergio chama a outra monitora pelo nome e sua monitora fica muito feliz pois
352 segundo ela ele nunca tinha chamado nem uma delas pelo nome.

353 **Figura 15: atividade realizada pelo aluno no dia 01-10**



354

355 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

356 **Figura 16: atividade realizada pelo aluno no dia 01-10**



357

358 **Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018)

359

360

361

362

363

364

365

366

367

368

369

370

371

372

373

374

1 **Entrevista familiar do aluno autista**

2 **Nome:** Socorro

3 **Idade:** 50 anos **Profissão:** Auxiliar de serviços gerais

4 **Grau de instrução:** 3° serie

5 **Grau de parentesco:** Avo

6

7 1. A família todinha, sou eu mais minhas duas filhas e mais seis netos.

8 2. 8 anos

9 3. Ele foi diagnosticado com autismo com 4 anos. A suspeita foi levantada por mim
10 após a morte da mãe dele eu comecei a correr atrás levar ele no médico porque eu
11 não achava o comportamento dele normal

12 4. O grau de autismo dele é o grau médio, moderado.

13 5. É meio difícil, agora que tá melhor porque no início era bastante difícil muito difícil
14 mesmo porque a gente não sabia como lidar com ele, e não era só ele para mexer né,
15 porque tem as outras crianças para mexer, mas graças a Deus tem minhas filhas que
16 me ajuda muito, foi ajudando ele foi ensinando ele a se mover, a pedir água a pedir
17 comida, essas coisas assim porque ele não dizia o ele não falava na verdade eu
18 achava que ele nem ia andar no começo porque amanhã ele não colocava ele no chão
19 era nas costas o tempo todo, não colocava ele para caminhar, ele não vinha aqui, ele
20 não se misturava com as outras crianças, aí a gente ficou sem saber o que fazer, aí a
21 gente teve que aprender a lidar com ele, tanto eu como as meninas as minhas filhas,
22 aí eu saio para trabalhar e elas é que fica com ele, leva para o colégio aí eu vou buscar
23 aí foi ensinando ele a pedir as coisas a conversar a tudo assim para usar com os
24 meninos mas no começo foi muito difícil, foi bastante difícil.

25 6. Ter uma criança autista eu acho não é tanto nem questão de ter ela, o negócio é tu
26 ter um tempo e uma estrutura para poder cuidar dele porque tem mãe eu sei que
27 largou até o serviço só para poder cuidar daquela criança, para poder ficar com aquela
28 criança porque tem criança que o autismo é bem grave aí não tem como tu manter as
29 duas coisas, então a minha experiência para ficar com ele foi difícil mas graças a Deus
30 a gente tem que aprender a lutar e ficar aí ficar com eles para poder botar para frente.

31 7. Ah eu acho que ele melhorou bastante, porque ele toma remédio né, o remédio
32 ajuda a controlar mais ele, não é mais tão agressivo como ele era antes, aí ele
33 tomando remédio melhora bastante.

34 8. Não no momento não ele fazia terapia quando ele estava frequentando a APAE,
35 ele fazia fonoaudiólogo que ajudou bastante ele a desenvolver a fala, era a
36 fisioterapeuta que tinha atividades com ele.

37 9. Eu acho que a gente se dá bem, ela conversa comigo eu converso com ele tudo
38 que eu pergunto para ela, ela responde se ele gritou se ele comeu, então eu acho que

39 é fácil a comunicação com ela, eu acho muito fácil a comunicação com ela é uma
40 pessoa muito boa de se comunicar.

41 10. Ele conta tem dia porque assim eu pergunto todo dia para ele o que aconteceu aí
42 ele fala eu fiz tarefa, aí hoje eu gritei, conta até quando grita hoje eu gritei, gritei aí eu
43 pergunto para ele porque que tu gritaste. Aí assim quando ele está muito agoniado
44 ele vai lá para sala de recurso, mas como agora tem a menina que auxilia a professora
45 e ela é muito bacana tem muita paciência com ele, ela abraça ele, aí agora melhorou
46 bastante a menina cuida muito bem dele, ela é um amor de pessoa, mas tem dia que
47 ele também tá muito agoniado tá que tá, ele diz eu gritei hoje eu não comi porque
48 tinha ovo eu comi só arroz porque tinha carne e eu não gosto de carne.

49 11. Eles acham ele um menino inteligente porque ele já sabe contar, ele não tem muita
50 coordenação motora ainda para escrever, essas coisas entendeu, mas já sabe contar,
51 já sabe as letras, ele já sabe tudo então ela acho ele um menino inteligente, que
52 apesar do autismo dele tem gente que às vezes nem acha que ele tem esse tipo de
53 debilitação ne, mas elas falam bem dele.

54 12. Se ele tiver sozinho só com a professora se a professora mandar ele pintar fazer
55 alguma coisa ele faz as vezes, mas com auxiliar ele faz melhor.

56 13. Bom das atividades que ele não faz só a monitora auxilia ele lá na escola. Quando
57 tem reunião na escola eu participo, quando não dá de eu participar a minha filha que
58 leva ele vai participar para mim, quando tem reunião na sala de recurso que eu posso
59 ir eu vou também, porque nem toda vez que tem reunião às vezes não dá para mim
60 participar porque eu trabalho, mas aí a minha filha vai também porque ela tem um
61 bebezinho também, mesmo assim ela vai, ela que leva ele para sala de recurso
62 também aí é assim.

63 14. Aqui em casa quem auxilia ele sou eu e as minhas filhas.

64 15. Eu acho que está porque antes ele não sabia pintar, não sabia os números não
65 sabia as letras essas coisas, hoje ele já sabe os números, já sabe pintar, já sabe dizer
66 o que foi que fez, se pintou uma casa se pintou uma criança alguma coisa assim, ele
67 sabe dizer então eu acho que ele está indo bem.

68 16. Eu acho que está bom, mas se pudesse melhorar mais um pouco era bem melhor
69 ainda. Acho que na escola ele melhorou muito a socialização porque ele não é muito
70 de se adaptar com as outras crianças só com as daqui de casa mesmo, então no
71 colégio ele tá aprendendo a se envolver com outras crianças porque assim no colégio
72 as outras crianças sempre mexe com ele, ou toma alguma coisa dele, aí ele não fica
73 muito com as outras crianças porque ele se estressa muito rápido assim se ele for
74 correr jogar bola com as outras crianças ele quer toda hora pegar a bola e quando ele
75 não consegue ele fica logo com raiva então é um pouco difícil de se socializar até
76 mesmo no colégio, mas mesmo assim no dia que é física a professora, a auxiliar
77 coloca ele lá, coloca ele no meio dos meninos para correr para pular, e interagir com
78 as outras crianças então ele já desenvolveu bastante.

79 17. Até que eu não achei muita barreira não para mim poder matricular ele, mas no
80 começo foi muito difícil porque é muita coisa muita papelada, aí tu tem que provar que

81 tu dar conta disso que tu dá conta daquilo outro mas fora isso eu não achei muita
82 barreira não, no colégio que ele está hoje aceitaram ele de boa então não fizeram
83 nenhuma exclusão, tipo assim ah não dá, não tem vaga, uma porque eu sei que ele
84 tem direito de estudar no colégio normal, ele não é aquela pessoa que precisa ficar
85 isolado tipo assim Ah tem que colocar ele num canto só para ele, tu tem que colocar
86 ele no colégio particular viu, não ele tem que estudar no colégio junto com as outras
87 pessoas e se interagir com os outros alunos, então no colégio lá que ele estuda hoje
88 quando eu fui matricular ele as professoras, a diretora, todos me falaram que ele
89 precisa estudar no colégio para se interagir com os outros alunos, então não teve
90 barreira nenhuma.

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

1 **Entrevista professora da Escola era Uma Vez**

2 **Idade:** 60 anos

3 **Nome:** Joana

4 **Grau de instrução:** Pedagogia especialização psicopedagogia

5 1. Sim, mais eu não gosto de problemas diferenciados na mesma sala assim tinha
6 que colocar autista junto com autista, com DI junto com DI, porque aí eu vou conversar
7 com ele aí vou fazer uma atividade direcionada para ele, vou conversar direitinho
8 como que se trabalha ele, porque aí se colocar autista síndrome de Down e daí tudo
9 junto em uma sala o professor não dá conta, porque existe outros problemas dentro
10 de sala de aula aí não dá para ver avanço no caso aqui eu tenho um aluno que tem
11 problema familiar, tem criança com dificuldade de aprendizagem. Quando tem muita
12 criança especial na sala não dá para ver inclusão, porque a sala fica muito
13 desconfortável para eles porque tem que falar com calma, com voz moderada, o tom
14 de voz para que a criança possa avançar e tentar resolver os probleminhas deles eu
15 já tive criança autista saindo daqui lendo e lendo bem. Inclusão eu concordo, mas não
16 colocar vários tipos de inclusão dentro de uma sala só.

17 2. Como eu falei antes, o problema é esse estilos diferentes atividades diferenciadas
18 e tempo para acompanhar tudo isso, para coordenar tudo isso porque você tem que
19 acompanhar né Só olhar não a criança tem que se sentir importante e ela só se sente
20 importante se você estiver perto dela a criança não pode se sentir perdida.

21 3. Não, a gente aprende aprendi manuseando com a própria criança, porque eu
22 mesmo não conheço nada, eu conheci o autista já trabalhando com ele, então eu vou
23 descobrindo de acordo com o modo de interagir, assim nem o grau de autismo eu não
24 conheço porque eu não estudei e no curso de pedagogia não ensina, não tem aquele
25 momento de trabalho com autista de trabalho com DI, eu vim pegar tudo isso agora,
26 aí a gente tem que fazer assim, procura na internet conversa com outros professores,
27 ler, trabalha com criança de acordo com o desempenho dele diante das habilidades
28 que ele desenvolve conforme os desafios que a gente impõe a eles.

29 No curso de pedagogia a gente não vai ver isso né, porém a SEMED deveria dar uma
30 formação específica para o professor Regente. Mas assim com tudo isso tendo essa
31 formação dentro da pedagogia ou fora você não dá conta exemplo uma família se uma
32 mãe tem um Síndrome de Down e tem um outro filho autista Ela não aguenta então
33 geralmente não tem isso numa casa só que quando tem, tem um auxiliar porque não
34 dá conta porque ainda tem as crianças normais que tem que ser alfabetizadas então
35 como é que um professor vai dar conta de tudo isso.

36 4. Tá assim como eu te falei eu vou acabar repetindo a mesma coisa, assim tem uma
37 sala de recurso né mas a sala de recurso fica com eles apenas duas horas enquanto
38 nós ficamos com eles 4 horas e dando todas as disciplinas se fosse só uma deficiência
39 ainda ia mas são várias deficiências, e ai aonde o professor fica morgado.

40 5. Mais conhecimento sobre o tipo de autismo que as crianças têm ou outras
41 deficiências também, porque se a criança tem um problema físico é mais fácil, o
42 problema é da mente intelectual é mais complicado, então se tivesse mais formação

43 ajudaria porque a demanda com alunos especiais está muito grande e não é só aqui
44 na escola é em todas as escolas da rede Municipal, e nós estamos dando o melhor
45 de nós para adequar, mas que é difícil é, tem avanço? Tem mas devido às auxiliar
46 que a gente tem, exemplo se eu não tivesse um auxiliar aqui eu não dava conta não,
47 eu fiquei sem auxiliar o primeiro semestre inteiro eu até adoeci.

48 6. O que eu entendo sobre o autismo é que ele tem a hora dele, tem o momento dele,
49 porque assim eu aprendi trabalhar com autista trabalhando diretamente com a criança,
50 eu tive uma sorte muito grande de ter a Carla comigo onde ela me deu muita
51 assistência, ela me ajudou bastante, olha eu tive um aluno que só sabia correr então
52 ela me ensinou como trabalhar, me ensinou a ter voz de comando porque não é gritar
53 é voz de comando porque o autista não é para gritar tem que usar voz de comando
54 tem que falar com meiguice mas ele tem que entender que quem manda é você, mas
55 também você tem que ver que quando ele tá certo você tem que aceitar também, você
56 não pode querer ser a dona da razão, você tem que fazer atividade mas também tem
57 que dar um momento de lazer porque ele tem o momento que ele para e fica no mundo
58 da lua ele fica no mundo dele aí depois ele volta novamente para atividade então tem
59 que ser desse jeito.

60 7. Eu acho a inclusão do aluno autista e alunos com outro tipo de deficiência muito
61 importante, porém é como eu te falei e sempre que falar de inclusão eu vou acabar
62 repetindo a maior dificuldade nesse processo de inclusão e essa mistura, vários
63 alunos com vários tipos de deficiência em uma sala só, porque isso dificulta muito a
64 forma de trabalhar com eles, isso acaba comprometendo o desenvolvimento deles
65 mesmo, deveria separar nas turmas, crianças com autismo em uma turma, DI em
66 outra turma, síndrome de Down, em outra turma assim ficaria melhor tanto para o
67 professor quanto para o próprio aluno, porque além dos alunos com deficiência ainda
68 tem os ditos normais que são problemáticos também porque acaba trazendo os
69 problemas familiar para dentro da escola e isso requer atenção também aí minha filha
70 professor não dá conta.

71 8. Materiais didáticos adequado para eles porque não tem, porque não é só o lápis,
72 lápis de cor borracha não, precisamos cantar música que gosta, gosta de internet,
73 eles gostam bastante da aula de informática aqui ele desenvolve mais do que o
74 normal, ele voltar para sala porque aquilo tem a ver com ele, ele gosta é de
75 Tecnologia, então o que tem que ter essas coisas assim.

76 9. Eu senti muita dificuldade porque eu não tinha experiência, como eu te disse antes
77 né com a chegada da Carla que inclusive eu até recusei que eu não queria que ela
78 viesse para minha sala eu estava muito contrariada mas ela foi a minha salvação, ela
79 abriu as portas para o conhecimento maior do autista ela me ensinou Como trabalhar
80 com ele, colocou um cartaz com o um momento de oração, momento de ir ao Recreio,
81 momento de fazer a tarefa, terminou guardar o caderno, e com isso o autista fica
82 organizado e com isso eu vi que eles aprenderam a valorizar o que é deles, não deixa
83 ninguém mexer.

84 10. Algumas famílias sim e outras não, outros jogos na sala de aula e você com esse
85 rebole. Assim os pais podem colaborar levando para a APAE, para sala de recurso, e
86 outros cantos que seja bom para eles, passear com eles não ter vergonha dos seus

87 filhos, levar para todos os lugares para melhorar a interação social, vergonha dos
88 filhos, tem que assumir porque os autistas são inteligentes imos eles tem que comprar
89 brinquedos adequados para ajudar no desenvolvimento da criança participar mais da
90 vida deles, agora assim eles precisa de ajuda ele não pode estar só.

91 11. Rapaz eu acho difícil, para mim é difícil porque até agora eu nunca consegui,
92 porque a mãe tem um filho autista mas trabalha para sustentar a casa, ela tem que
93 levar o menino para a APAE mas não tem tempo, não tem ninguém para auxiliar então
94 eu entendo o lado dela, mas também tem aquelas que têm condição mas não querem
95 e pronto o que que vai fazer, quem vai mandar, porque não depende só do professor
96 os pais têm que interagir com os professores.

97 12. Eu trabalho, eu gosto de dar bola para ele para ele trabalhar a coordenação
98 motora, eu gosto de dar corda para ele pular, eu gosto de dar outros materiais assim
99 como o ábaco, eu do livro, tampinha, caça-palavra, dependendo do grau do autismo
100 e dependendo do desenvolvimento da criança.

101 13. É o recebimento da criança da entrada da escola até a saída, porque todos nós
102 temos que olhar ele, quando ele vai no banheiro temos que observar para não deixar
103 ele sozinho porque ele tem aquele momento que é dele, ele pode ter esse momento
104 dentro do banheiro então o professor tem que ficar alerta e as pessoas que trabalham
105 na escola também, geralmente a gente trabalha para que os coleguinhas da sala seja
106 amigo dele também, sendo amigo um pode defender o outro e assim começa a
107 socializar, o autista que da sala ele conversa com os outros e às vezes ele até se
108 defende mas é bem difícil, o meu aluno da manhã uma criança bateu nele e ele bateu
109 de volta então não é que ele bate no colega é uma forma de defesa, a criança veio
110 me falar o Tiago bate e eu perguntei porque ele bateu ele disse porque eu bati nele,
111 aí eu disse a meu filho doeu nem ele ele revidou.

112 14. O que eu vejo é que tá indo devagar, tá indo, as escolas estão recebendo ao
113 menos esse menino não estão dentro de casa, então é um avanço muito grande, não
114 é mais como antigamente que diziam a ele é doente ele tem que ser mantido dentro
115 de casa por que é doente, agora não ele tem que estar interagindo, não está assim
116 tão desenvolvido por que eu não estou preparada e outros professores também não,
117 mas na medida do possível a gente pesquisa na internet, busca conhecimento com
118 outros professores, buscar conhecimento em revistas também, aí a gente vai
119 amadurecendo e olhando o problema do nosso lado aí a gente se envolve, porque vai
120 ajudando vai acertando, vai errando vai levando, que a gente erra aí diz esse eu não
121 vou fazer não porque não deu certo não aí vai tentando acertar.

122 15. Olha eu passo atividades diferenciadas já com o autista da manhã não eu passo
123 a mesma atividade porque ele tá aprendendo mais do que os outros, ele lê faz
124 entonação com as pontuação, mas como eu falei antes isso tudo é por causa da
125 família desde que descobriram já foram logo cuidando da criança e quem vê ele não
126 disse que ele é autista. Uma sala comum é trabalhosa tem menino que lê tem menino
127 que não lê mas eu faço de tudo para eles entender a dificuldade dos alunos especiais,
128 porque aqui na sala não é o Samuel como eu já te falei são vários deficiência inclusive
129 é isso que dificulta ainda mais a inclusão, e deixa o professor muito carregado de

130 responsabilidade, olha tem criança aqui que às vezes fala a professora eu também
131 tenho problema vem aqui então é porque eles estão querendo aprender.

132 16. A maioria dos autistas não gosta de escrever então a gente trabalha muito a
133 coordenação motora, aqueles pontinhos para ele contornar os números, atividades de
134 memória, porque assim tem uns que não falam, mas eles têm a memória boa, rápido
135 no raciocínio, um outro trabalho também é música eles gostam muito de ouvir música
136 e eu gosto de cantar então dá certinho.

137 17. Sim, por que eu vejo respostas nos atos deles, eu vejo assim, quando eu estou
138 contando uma história e eu penso que ele não entende aí ele vai e responde no meio
139 dos outros isso para mim é um avanço, é muito gratificante, quando eu vi o meu aluno
140 lendo e apontando o dedinho pela primeira vez eu pensei olha meu Deus ele aprendeu
141 comigo, e eu vejo a resposta da família também em cima disso, agora quando a família
142 participa mais, faz a atividade em casa junto com ele e quando não sabe vem pedir
143 ajuda para a gente é muito bom, mas quando isso não acontece é mais ruim, porque
144 a participação da família ajuda bastante, a família é muito importante não só para o
145 autista mas para os alunos ditos normais também.

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

1 **Entrevista coordenadora pedagógica escola Era Uma Vez**

2 **Nome:** Eva

3 **Idade:** 48

4 **Grau de Instrução:** Pedagogia e pós- graduação.

5 1. 06 alunos

6 2. Já teve sim em anos anteriores, apesar que eu peguei a coordenação esse ano
7 mas trabalhava aqui então eu sei que tinha.

8 3. A idade varia muito porque temos alunos desde o primeiro ano até o quinto ano,
9 então varia muito a idade deles.

10 4. Eu creio que sim a dificuldade maior nossa e os acessos né esses acessos que a
11 gente precisa ter o espaço físico, a escola precisa adaptar os espaços físicos para as
12 crianças porque não é só o autista e para todos os tipos de deficiência, e assim o
13 apoio da Família também às vezes a gente sente muita falta porque esse é primordial
14 que a criança precisa do apoio da família né, para ir inteirando família escola tem que
15 andar junto, a família tem que se interar.

16 5. Ainda tem muita coisa para melhorar, você está vendo aqui uma escola que por
17 enquanto a sala esta ampla mas poderá ver por ai uma escola que não e assim né,
18 você poderá ir em outras escolas que não é assim, que até o acesso para você chegar
19 lá fica assim a desejar inclusive outras coisas que pode ter. Eu não falo assim das
20 escolas aqui por perto que eu conheço eu falo de outras que as colegas falam nas
21 formações que a gente faz, as dificuldade em que elas encontra lá para lidar com os
22 alunos ditos normais imagine os outros.

23 6. 100% não mas a gente já está se encaminhando para isso porque a gente tem aqui
24 uma sala de AEE, e outra coisa que a gente precisa também nessas formações dos
25 professores especializados incluir os professores regentes porque essas formações
26 são exclusivas só para professores com especialização então os outros que são os
27 regentes que passam a maior parte do tempo com eles então eles tinham que ter essa
28 formação e eles precisam, por essas situações ainda não estamos 100% não, mas a
29 nossa escola já está caminhando para isso, nós temos três professoras aqui na área
30 né, é tanto que as professoras daqui já atende alunos de outras escolas que não tem
31 entendeu, então assim a gente está caminhando para isso.

32 7. Nos temos que ter bastante material, objetos, para estar trabalhando com esses
33 alunos, é a formação dos professores também faz parte dessa estrutura adequada é
34 a inadequada é o inverso disso aí que eu estou te falando. Os problemas que podem
35 provocar a falta de estrutura e inserir eles ao meio, eles acompanhar as crianças, as
36 crianças que já estão no nível do 4º ano 3º ano por exemplo, essa criança dificilmente
37 acompanhará no mesmo ritmo a turma em geral porque já é difícil para ele
38 acompanhar no mesmo ritmo, você imagina faltando a infraestrutura isso prejudicara
39 ainda mais o aluno.

40 8. Não está 100%, mais está caminhando para isso.

- 41 9. Temos a sala do AEE, e o amplo espaço da escola.
- 42 10. Eu creio que é isso aí a formação dos professores regentes, a formação dos
43 professores regentes e o acompanhamento da família, a família acompanhar mais de
44 perto, interagir mais com o professor, ajudar mais o professor, porque a escola não
45 anda sozinha, a escola anda junto com a família, então a família precisa acompanhar
46 essas crianças juntamente com a escola isso ajudaria bastante.
- 47 11. A inclusão, ele é um aluno que se torna normal igual aos outros. Assim, nós temos
48 um aluno aqui na escola que ele falta muito mas aí já não é culpa da escola isso aí é
49 da família, a família é que precisa tá inserindo este aluno na sala dos alunos ditos
50 normais, a família precisa está incentivando esse aluno vim para aula.
- 51 12. No planejamento, nas atividades, nas brincadeiras nas atividades extraclasse e
52 em tudo o que a gente vai fazer aqui na escola de atividades extraclasse a gente está
53 sempre inserindo esses alunos dentro das suas limitações dentro das suas
54 possibilidades.
- 55 13. Com atividades diferenciadas para eles ao grau do desenvolvimento de cada um
56 e nas outras que eu te falei, nas atividades extraclasse dependendo do grau de cada
57 um, e eles vem no horário oposto para estar participando aqui da sala do AEE com as
58 outras professoras que tem especialização.
- 59 14. Não, eles são matriculados normalmente igual os outros alunos.
- 60 15. Eles têm aula na mesma sala que os outros alunos ditos normais, e participam da
61 sala do AEE.
- 62 16. O plano pedagógico é igual para todos os alunos.
- 63 17. Fácil não é, não é todo autista que necessariamente precisa do auxiliar não, nós
64 temos autista aqui que precisa e temos autista que não precisa, então vai do grau de
65 cada um, nós temos alunos aqui que ele faz atividade sozinho, que ele vai ao banheiro
66 sozinho, que ele faz suas necessidades sozinho, então não precisa que ninguém
67 esteja ali do lado dele, mas já tem crianças que precisam, tipo temos um aluno autista
68 no 4º ano que ele necessita realmente, necessita de uma pessoa do lado dele
69 intervendo, ajudando, orientando para estar com ele na hora do lanche levar ele ao
70 banheiro, então depende muito do grau de cada aluno não são todos que necessita
71 de um estagiário.